



Instituto Superior  
de Ciências Sociais e Políticas  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

# MONOPARENTALIDADE FEMININA E SEUS DESAFIOS:UM ESTUDO EXPLORATÓRIO



**Professora Doutora Maria José Núncio**  
**Lívia Karla Baliana**

Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
em Política Social

**Lisboa**  
**2013**

VALORIZAMOS PESSOAS

## RESUMO

Considerando que o fenômeno da monoparentalidade tem tido uma maior relevância nas últimas décadas em diversos estudos das ciências sociais, procuramos com o presente estudo conhecer os desafios vividos pelas famílias monoparentais femininas e como estas procuram superá-los. Esta tese também procurou compreender se as mulheres destas famílias mudariam a condição de monoparentalidade e como perspectivam as questões da parentalidade e gênero.

Este trabalho é um estudo de caso, limitado a um número de 18 (dezoito) entrevistadas utilizando o método de saturação da informação até ao ponto que nos pareceu que realizar mais entrevistas não nos acrescentaria nenhum dado revelante. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa e recolha de dados um guião de entrevista semi-estruturada e o tratamento das entrevistas foi feito com o recurso à técnica de análise do conteúdo das mesmas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monoparentalidade feminina; desafios; parentalidade; gênero.

## ABSTRACT

---

Assuming that the phenomenon of single parents has taken on greater significance in recent decades in many studies in the social sciences, this study sought to know the challenges faced by single women parents as they seek to overcome them. This thesis also sought to understand whether women of these families would change the condition of single parenthood and how to offer the prospect of parenting issues and gender.

This paper is a case study, a limited number of 18 (eighteen) interviewed using the method of information saturation to the point that seemed to hold more interviews do not add any data revelante. Were used as research instruments and data collection an interview guide semi-structured interviews and the treatment was done with the use of the technique of content analysis of the same.

**KEYWORDS:** women single parents; challenges, parenting, gender.

## AGRADECIMENTOS

---

*A Deus pela sua infinita bondade e auxílio, dando-me sabedoria e inteligência para superar tantos obstáculos ao longo desta caminhada.*

*Obrigada, Senhor!*

*Aos meus queridos pais (Marco e Edna) que tanto apoiaram-me, incentivando em todos os momentos, sempre com palavras de carinho, amor e incentivo.*

*Ao meu querido namorado Jorge pela sua paciência e dedicação nos momentos difíceis.*

*Ao meu amigo António Pinão (Tozé) pela sua amizade, compreensão, incentivo e apoio.*

*Dedico ainda este trabalho, a minha avó materna (Anália) que é um exemplo de Família Monoparental feminina que apesar de todos os desafios enfrentados e vividos com seus seis filhos conseguiu ultrapassá-los com muita sabedoria de forma digna e vitoriosa e ainda a minha avó paterna, Maria (in memória), eternas saudades...*

*Agradeço ainda, o apoio da Doutora Maria José Núncio, que me orientou durante este percurso com seus preciosos ensinamentos, e sua delicadeza, nos quais seguirão comigo em minha jornada profissional.*

*A todos...*

*O Meu obrigada...*

# INDICE

## INDICE GERAL

---

Índice de figuras .....	5
Introdução.....	6
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	
Capítulo 1 - Aspectos evolutivos da família.....	9
Capítulo 2 - Famílias monoparentais.....	15
2.1 - Histórico da monoparentalidade.....	15
2.2- Famílias monoparentais femininas.....	20
Capítulo 3 - Género e papéis parentais.....	25
3.1- Género.....	25
3.2 – Parentalidade.....	28
3.3 – Ser mãe e ser pai e a construção da parentalidade.....	30
3.4 – Divórcio e parentalidade.....	32
Capítulo 4- Monoparentalidade feminina e seus desafios.....	38
4.1 - Género, maternidade e emprego.....	39
4.2 - Famílias monoparentais femininas e suas condições sócio-económicas.....	49
4.3 - Potencialidades das famílias monoparentais femininas.....	51
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b>	
Capítulo 5- Opções metodológicas.....	56
5.1 - Caracterização dos participantes.....	56
5.2 - Método de investigação qualitativa.....	57
5.3 - Entrevista como método de recolha de dados.....	57

Capítulo 6 - Estudo empírico.....	62
6.1 - Caracterização dos sujeitos da amostra.....	62
6.2 - Análise das entrevistas.....	63
6.2.1 - Quanto a dimensão “Surgimento e percepção da monoparentalidade.....	63
6.2.2 - Quanto a dimensão “Gestão da monoparentalidade”.....	66
6.2.2.1- Gestão dos desafios (superação) .....	67
6.2.2.2- Gestão na Mudança da Condição da Monoparentalidade.....	68
6.2.3 - Quanto a dimensão “Gênero e papéis parentais nos cuidados à criança” .....	70
Capítulo 7 – Discussão dos resultados.....	72
Conclusão.....	76
Bibliografia.....	78
Anexos.....	86
Anexo 1 - Guião da entrevista	
Anexo 2 - Transcrição das entrevistas	
Anexo 3 – Quadro de dimensões de análise	
Quadro 1- Percepção da monoparentalidade	
Quadro 2- Gestão da monoparentalidade	
Quadro 2.1- Gestão dos desafios (superação)	
Quadro 2.2- Gestão na mudança da condição da monoparentalidade	
Quadro 3- Gênero e papéis parentais nos cuidados à criança	

## INDICE DE FIGURAS

---

<b>Figura 1-</b> Agregados Domésticos Privados: total e por tipo de composição - Portugal.....	18
<b>Figura 2-</b> Agregados Domésticos Privados Monoparentais: total e por sexo – Portugal.....	19
<b>Figura 3-</b> Evolução % Famílias Monoparentais.....	21
<b>Figura 4-</b> Número de Divórcios.....	22
<b>Figura 5-</b> Famílias Clássicas Monoparentais do sexo feminino % em Portugal.....	24

## INTRODUÇÃO

---

Sendo a monoparentalidade feminina um tema de grande relevância na actualidade, pretendemos com este estudo aprofundar conhecimentos sobre este fenómeno e suas consequências realizando um estudo exploratório sobre a questão.

A família, nos últimos anos alterou as suas dimensões, organizou-se de diversas formas e modificou os seus valores. Vários investigadores, procuram compreender este fenómeno social, que começa a ser quantificado quer por dados estatísticos ou demográficos, devido à sua crescente aceitação e generalização.

Com o declínio do casamento enquanto instituição e o aumento do divórcio surge a diversificação e complexificação dos modos de estar na vida conjugal - a dita pluralidade de modelos conjugais. A uma forma oficial de casamento opõe-se uma desconexão de calendários de passagem à vida sexual (aumentando a erotização da vida sentimental), à vida conjugal e à vida familiar. Em contraste com a valorização da família e do casal surge a defesa da liberdade e autonomia do indivíduo, legitima-se socialmente o divórcio e tenta-se substituir o modelo da assimetria dos papéis do homem e da mulher na relação conjugal pela defesa da igualdade de direitos e deveres.

As mudanças que se identificam nos modelos conjugais não podem, no entanto, ser analisadas segundo a perspectiva da “crise” e do “fim da família”. Muitos são os autores, sociólogos e demógrafos, que sublinham o facto de estas mudanças não terem de significar degradação da família, elas revelam novas lógicas familiares construídas de acordo com as estratégias individuais e conjunturas sociais.

Para além dos constrangimentos políticos e sociais, o indivíduo vai libertando-se da ideia de linearidade e de ter um único ciclo de vida familiar, abre-se o “ campo de possibilidades para a construção de diversos percursos familiares (...) que, à margem do casamento ou depois do divórcio abrem a porta à diversificação de experiências familiares para além do até que a morte nos separe, assinalando, mais uma vez, a apropriação do tempo familiar como seu”. Registam-se, “ ao longo do curso de vida, permutações entre diferentes vínculos conjugais e situações familiares de acordo com calendários específicos e trajectórias individuais” (Costa, 2004:15), nomeadamente as profissionais e escolares, ou seja, os aumentos da taxa de

divórcio, dos nascimentos fora do casamento “clássico”, das uniões de facto, das famílias compostas por uma só pessoa, das maternidades a solo, das famílias reconstituídas e de casais sem filhos são ilustrativos da pluralidade de práticas e modelos matrimoniais e familiares. Na vida adulta o tempo familiar passa agora a ser um “ tempo de experiências vividas, caracterizado pela multiplicidade e diversidade de experiências familiares empreendidas na maturidade que passam não apenas pelas novas famílias do ponto de vista relacional, como também, do ponto de vista temporal, pelas famílias novas” (Costa,2004:15).

O tema das chamadas "famílias monoparentais" tem despertado interesse recentemente entre demógrafos, antropólogos e sociólogos. Em larga medida, o tema ganhou relevância em decorrência da projecção da ideologia feminista no âmbito das ciências sociais e como parte também do chamado "multiculturalismo crítico" (Kuper, 1999).

O conceito de família monoparental refere-se, em sociologia da família e nos estudos de política social, a uma mãe ou um pai a viver sem cônjuge e com filhos dependentes (crianças ou jovens adultos solteiros), sendo esta definição encontrada nos estudos sobre o funcionamento e as consequências da monoparentalidade. Cresce nos últimos anos o número de famílias cujo principal provedor é a mulher.

O aumento do número de famílias monoparentais, a diversidade de situações sociais, económicas e culturais que lhes estão associadas e a sua reconhecida vulnerabilidade enquanto grupo em risco de pobreza, conferem carácter prioritário à implementação de medidas de política social destinada a apoiar estas famílias.

A monoparentalidade não pode ser observada como um fenómeno moderno. Ela sempre existiu. O fato é que tem evoluído, consideravelmente, nos últimos vinte anos. Antigamente, a monoparentalidade ocorria como fenómeno involuntário, pois era fruto de uma situação imposta, como na viuvez. Hodiernamente, este fenómeno é muito mais voluntário. Ele parte de uma opção, decorrente da manifestação da vontade humana, como no caso do divórcio. Assim, torna-se difícil especificar um factor gerador de tal fenómeno, o que nos leva a perceber a ocorrência de vários factores que beneficiam sua existência e crescimento.

Esta pesquisa teve por objectivo identificar quais os desafios enfrentados pelas chamadas famílias monoparentais femininas e como estas procuram superá-los. Compreender se as mulheres, nestas famílias, mudariam a condição da monoparentalidade e porquê? E como elas perspectivam as questões da parentalidade e género.



Optamos pelo método qualitativo, tendo como unidade de análise: Famílias Monoparentais femininas. Foram entrevistadas mulheres que vivem sós com filhos até 12 anos, de forma aleatória, recorrendo a uma estratégia de saturação da informação, até a obtenção dos dados necessários aos objectivos propostos.

O trabalho desenvolveu-se em duas partes. Sendo a primeira parte, o enquadramento teórico composto pelos capítulos (1 ao 4). No primeiro capítulo, abordamos os aspectos evolutivos da família. No segundo capítulo, abordamos as Famílias Monoparentais, seus aspectos históricos bem como a monoparentalidade feminina. No terceiro capítulo, tratamos da questão do género e os papéis parentais no contexto das famílias monoparentais. No quarto capítulo tratamos de analisar os desafios enfrentados pelas famílias monoparentais femininas e suas formas de superação.

Na segunda parte, composta pelos capítulos 5 a 7, desenvolvemos o estudo empírico. No quinto capítulo, tratamos das opções metodológicas. No sexto capítulo abordamos o estudo empírico da questão e no sétimo capítulo a discussão dos resultados. Finalmente foram ainda apresentadas as conclusões do estudo, incluindo sugestões para futuros estudos.

## PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### CAPITULO 1- ASPECTOS EVOLUTIVOS DA FAMÍLIA

---

Nos últimos 50 anos, no ocidente, a família modificou as suas dimensões, organizou-se de formas diversas e viveu segundo novos valores. Muitos investigadores procuram compreender este fenómeno social que, sendo já reconhecido pela maior parte das pessoas, começa a ser objecto de quantificação pelos indicadores demográficos existentes. Para alguns, a família actual está em “crise”; para outros, existe uma “desagregação familiar” e, ainda muitos falam em “transformação ou mudança” na família.

A chamada família contemporânea nasceu de profundas mudanças na dilatada lacuna entre a família clássica e a família moderna. Antes a família era matrimonializada e patriarcal, com domínio do homem, “*chefe da família*”. Dominava a supremacia do homem na relação conjugal. Na antiga família, os laços de sangue eram mais importantes e o interesse económico prevalecia sobre os vínculos do amor. Sendo que muitos casamentos sobreviviam ausentes de afecto, sua coesão era vinculada à propriedade e à linhagem.

Após as duas guerras mundiais e as transformações nos modos de organização do trabalho, a família, passou por modificações acentuadas. Houve um maior incentivo em privilegiar mais o indivíduo, com seus valores e capacidades do que sua posição social, género ou idade. A família de características hierarquizadas foi se estruturando como uma família onde os conceitos de igualdade passaram a predominar, contribuindo para isso o surgimento de uma nova perspectiva sobre as questões de género.

A família moderna após a industrialização, passou a ter maiores possibilidades de se constituir através da livre escolha dos cônjuges fundamentada no amor conjugal. Passou-se a dar mais importância à realização pessoal na união conjugal, tendo o afecto, muitas vezes, o poder de direccionar as decisões pessoais. As diferenças de género do casal são mantidas, com suas atribuições específicas. As relações entre os membros do casal tornaram-se mais semelhantes relativamente às questões do exercício de “mando”. Houve uma reformulação dos papéis masculino e feminino na relação conjugal, o que propiciou o surgimento de novos modelos de

comportamento para ambos os géneros, tendo o movimento feminista contribuído de forma significativa para que isso ocorresse.

As famílias da época actual questionam a sua vivência, não por terem alguns modelos de referência, pois com essa metamorfose familiar, advieram crises de um passado ainda recente, nomeadamente da geração dos seus pais, mas também porque, no seu dia-a-dia, procuram obter um bem-estar e uma felicidade que são construídos consoante as suas possibilidades e as oportunidades que as sociedades lhes oferecem. A análise e reflexão sobre a família na época actual, feita por vários especialistas das ciências humanas, como sociólogos, psicólogos e antropólogos, tem, por isso, que contemplar uma diversidade de tipos de família, socialmente aceites e presentes no tecido social, de que são exemplos as famílias nuclear, alargada, monoparental e reconstituída. Os novos tipos de família procuram um modelo de felicidade, onde haja ideais como liberdade.

Na análise evolutiva da família, verificamos que de uma estrutura de hierarquia, a família tende para uma estrutura de igualdade (Vaitsman, 1994). Esta modificação fundamentou-se, inicialmente, na questão do poder. Na família hierarquicamente, o homem detinha o poder de mando, controlando todos os membros da família, a qual apoiava-se no poder económico daquele. À mulher cabia o espaço doméstico, onde exercia seu poder, mas permanecendo à sombra do dono da casa, senhor absoluto. A sexualidade do casal era vivenciada de forma diferente, o homem tinha uma liberdade sexual ampla e estimulada, enquanto a mulher devia manter-se fiel ao marido.

Os valores familiares estavam fundamentados no desempenho profissional do homem, enquanto sustento económico e nas qualidades morais. O indivíduo era considerado por relação com os êxitos que sua família conquistava, centrando-se nesta o foco das atenções. Nas famílias hierarquizadas havia um posicionamento distante nas relações entre pais e filhos, mantido por ambas as gerações, justamente para se firmar a hierarquia entre os membros da família. Os assuntos familiares importantes eram tratados entre os pais, sem a presença dos filhos. A aproximação física como manifestação de afecto era resguardada e contida. A aproximação constava de rituais formais e distantes, para confirmar o respeito dos filhos pela posição dos pais.

De acordo com os estudos de Perucchi e Beirão (2007:66)

“A decadência do modo familiar patriarcal propicia novas concepções de papéis sociais e familiar, nos deparamos na actualidade, com vários arranjos e rearranjos familiares, onde há inversões de papéis, mudança de valores e diferentes formas de estabelecerem-se as relações familiares, porém, cada um com suas peculiaridades”.

Com as constantes transformações da sociedade, a família moderna adquiriu um novo paradigma, acolhido por sua nova identidade, cujos valores se modificaram. A realidade das famílias modernas esboçou uma revolução em sua organização: enfraqueceu o autoritarismo do pai, ao mesmo tempo que a mãe deixou o fogão para concorrer com os homens no mercado de trabalho.

Neste contexto, segundo Sarti (2003), as descobertas científicas, a revolução industrial, entre outras interferências sociais, contribuíram para as actuais concepções sobre família. As famílias contemporâneas vêm-se configurando conforme as intervenções externas. Os membros que a constituem, vem sofrendo significativas influências do meio (...) difundiu-se a pílula contraceptiva, que separou a sexualidade da reprodução e interferiu decisivamente na sexualidade feminina” (Sarti,2003:21)

Após o surgimento da pílula anticoncepcional, na década de 60, a mulher passa a poder controlar a procriação de forma mais segura, permitindo-se uma maior liberdade sexual, o que também lhe possibilita conquistar novos espaços fora de casa e entrar no mercado de trabalho (Bucher, 1999; Meler s.d.; Vaitsman, 1994). A sexualidade passa a ser percebida com maior naturalidade e a questão da fidelidade torna-se um compromisso compartilhado pelo casal, porém com mais possibilidades de ser rompida por ambos os cônjuges, tornando as uniões menos duradouras.

Vários aspectos vão sendo transformados ou conquistados, tais como, a busca por decisões compartilhadas, não somente sobre questões dos filhos, mas também nas actividades administrativas e financeiras da família. Os direitos e deveres, gradativamente, vão se tornando recíprocos.

As relações entre pais e filhos modificam-se, havendo uma maior possibilidade de diálogo entre as gerações, com expressões de afecto mais explícitas. Em seu processo evolutivo, a família também modificou-se quanto ao número de membros pertencentes ao sistema: de uma família alargada do início do século XX, onde conviviam pais, filhos, parentes por consanguinidade ou por afinidade e empregados, passou a ser, na segunda metade desse século, uma família denominada nuclear, onde, preferentemente, convivem pais e filhos.

Devido a questões sociais e económicas, o modelo anterior foi se transformando e predominando a configuração na qual apenas os pais responsabilizam-se por seus filhos, diminuindo a rede de apoio da família extensa. Factores emocionais e culturais também contribuíram para que a família privilegiasse este tipo de configuração, resultando em maior distanciamento das famílias de origem. Esta nova família passa a habitar sozinha um espaço, o que lhe permite estabelecer uma separação adequada de suas famílias de origem, com as quais deve manter relações afectivas, mas não de dependência, procurando evitar que as famílias de origem interfiram em suas decisões.

Sem dúvida, diversos factores, externos ao grupo familiar e advindos das modificações culturais e económicas, da aquisição tecnológica, de novos valores sociais e religiosos, levaram à modificação da estrutura familiar, provocando nos indivíduos a necessidade de se adequarem internamente, reformulando seus valores familiares e individuais.

Evidentemente, as famílias não se apresentam de forma tão clara em suas características. Não podemos deixar de considerar que o relacionamento humano é permeado de emoções, vontades, decisões que nem sempre são directamente aceites pelo outro. O indivíduo que pertence a um núcleo familiar, possui uma vida intrapsíquica que lhe confere características individuais, que podem estar em desacordo com a maneira de ser de um outro membro de sua família. Justamente por existir a subjectividade é que o relacionamento humano torna-se tão rico e envolvente, conferindo ao sistema familiar, características próprias.

A ‘família’ não é um objecto interiorizado, mas sim um conjunto de relações que foi interiorizado. Este conjunto de relações forma padrões de relacionamento que se integram ao subjectivo do indivíduo, que vem a desenvolver e assimilar um sentido de grupo. A literatura especializada internacional insiste há muito tempo na desconstrução do “mito da família (nuclear) ocidental” (Segalen, 2000, Burke, 2000).

As mudanças ocorridas no status da mulher apresentam-se como factores e, simultaneamente, como consequências de mudanças na dinâmica familiar. É, sem dúvida, dentro da família que as condições sociais, económicas, emocionais actuais são vivenciadas e que as relações entre os membros de família são profundamente afectados. As mulheres encontram-se no cerne destas questões em virtude dos diferentes papéis que exercem nas diversas áreas da sociedade, como na saúde, educação, fertilidade, trabalho e na habitação. A autonomia da mulher bem como o seu desenvolvimento nestas áreas proporcionam-lhe uma nova posição dentro de suas

famílias: a de tornarem-se chefes de família. Dessa forma, as mudanças na condição feminina geram modificações também nas funções masculinas.

A análise da posição da mulher como “*chefe de família*” pode ser estudada a partir de dois pontos de vista diferentes e complementares: tanto pode ser a origem como a consequência das mudanças familiares. Pode se caracterizar como origem, quando, por exemplo, a mulher tem um nível educacional mais alto do que seu companheiro desde o início da união, possibilitando-lhe assumir determinadas responsabilidades que lhe assegure a posição de *chefe de família*. Isto pode acontecer também, quando frente às características da personalidade de cada um dos membros do casal, a mulher assume a liderança da família com o pleno consentimento do companheiro. Como consequência, temos, por exemplo, a situação em que o homem por contingências sócio-econômicas perde seu emprego e a mulher assume a responsabilidade de manter a família, tomando a posição de chefe de família.

O fato das mulheres desenvolverem actividades fora do lar, proporciona-lhes a oportunidade de ampliar o seu campo de trabalho e, conseqüentemente, seus relacionamentos, o que também provoca modificações na organização da família, com uma maior liberdade de decisão e de acção por parte das mulheres. Podemos, assim, encontrar mulheres com um nível salarial e educacional mais elevados do que seus companheiros, assumindo o papel de provedoras da família, o que lhes confere um maior poder dentro de casa.

A família é apontada como elemento chave não apenas para a sobrevivência dos indivíduos, mas também para a protecção e a socialização de seus componentes, transmissão do capital cultural, económico e a propriedade do grupo, bem como das relações de género e de solidariedade entre gerações.

Representa a forma tradicional de viver e uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade.

Entre os fenómenos que traduzem as modificações na estrutura tradicional das famílias estariam:

- Aumento da proporção de domicílios, formados por “não-famílias” não apenas entre os idosos (viúvos), mas também entre adultos jovens que expressariam novo “individualismo”;
- Redução do tamanho das famílias;
- Fragilização dos laços matrimoniais, com o crescimento das separações e dos divórcios;
- Incremento da proporção de casais maduros sem filhos, e

- Multiplicação de arranjos que fogem ao padrão da típica família nuclear, sobretudo de famílias com apenas um dos pais, e em especial das “chefiadas” por mulheres sem cônjuge.

É preciso verificar ainda que estas mudanças nas estruturas familiares, na direcção de uma maior diversidade de tipos ou modelos não é em absoluto um processo novo.

Por tudo isso, a família moderna qualquer que seja o seu arranjo, deve ser pensada como uma comunidade de afecto, um lugar privilegiado para que direitos sejam respeitados. As funções de “pai”, de “mãe” e de “filho” devem se desenvolver em um ambiente digno e sadio, somente possível se todos igualmente forem considerados sujeitos de direito.

## CAPÍTULO 2- FAMÍLIAS MONOPARENTAIS

### 2.1-HISTÓRICO DA MONOPARENTALIDADE

Crescer com um único progenitor era uma experiência comum mesmo há um século atrás, quando a mortalidade atingia com maior frequência homens e mulheres na flor da idade, deixando viúvas/os e órfãos ainda não adultos. Deste ponto de vista, é importante lembrar que mesmo nos países com elevada taxa de instabilidade conjugal, o número de crianças que experimenta a interrupção do relacionamento dos pais antes de se tornar adulto, entrando numa família monoparental, é menor do que há um século. Os motivos, que levam a essa situação é que todavia mudaram radicalmente; assim já não é a morte, mas a separação e o divórcio (ou o nascimento fora de uma convivência de casal). E o progenitor que já não convive (ou nunca conviveu), continua vivo, e potencial ou afectivamente, continua a fazer parte da rede de relacionamento dos filhos. É precisamente, por estar vivo que sua ausência “*pesa*” mais.

Em meados da década de 70, surge a designação famílias monoparentais, isto é, as famílias formadas por um dos genitores e a prole. O primeiro país a tratar deste tema, foi a Itália, em 1960, tratando-as como “one-parent families” ou “lone-parent families”, nos seus levantamentos estatísticos. Em 1981, em França, a monoparentalidade foi considerada num estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Económicos (INEEE), com o fim de distinguir as uniões constituídas por um casal, das famílias constituídas por um progenitor solteiro, separado, divorciado ou viúvo e sua prole. Com este primeiro enfoque, tal noção de família proliferou-se por toda a Europa.

Por questões relativas ao entendimento da definição de família monoparental utilizada em diferentes estudos é pertinente referir que, família monoparental em estudos de sociologia da família e de política social alude a, um/a pai/mãe a coabitar com filhos dependentes e sem cônjuge. Ao inverso da sociologia da família, a estatística mais recente opta por uma definição de família monoparental mais ampla, sendo que nesta tipologia familiar são incluídos pais ou mães sem cônjuge, mas com filhos de todas as idades e com várias condições de estado civil. Com isto, nos recenseamentos mais recentes do INE já vigora esta última definição, sendo que os núcleos familiares monoparentais abrangem filhos de qualquer



estado civil e idade. Em 2001 foram considerados todos os filhos “não casados” (desde que não tenham cônjuge ou filhos a viver no mesmo lar), porém, em 1991 eram considerados somente os filhos “solteiros” (Wall, 2003:51).

A família pós-moderna, sem dúvida, modificou-se, assumindo novos padrões familiares. O facto a ser considerado é se estes novos padrões são decorrência do anteriormente conhecido ou são novos padrões surgidos na sociedade contemporânea.

"Uma estrutura familiar que tem crescido em número é a formada por pais ou mães únicos, denominada, famílias monoparentais. Grande parte destas famílias, são fruto dos divórcios que, segundo dados do Pordata 2012, em Portugal, e para cada 100 casamentos há 74,2 divórcios. Nestas famílias, distinguem-se duas grandes tipologias: um dos pais assume o cuidado dos filhos e o outro não é activo na parentalidade, ou famílias onde um dos pais é solteiro e o outro nunca assumiu a parentalidade.

“Em 1985, o Parlamento Europeu constatava não existir nenhuma definição internacionalmente reconhecida de Família Monoparental, acrescentando que o referido termo abrange, nos diversos países da comunidade, situações tão variadas como as de pais/mães que vivem sós com um ou vários filhos, casais não casados com filhos, pais/ mães solteiros que vivem não apenas com os filhos mas com outros familiares, grupo de pessoas que coabitam sem qualquer laço marital ou filial” (Martins, 1995:29).

Segundo a Base de Dados Portugal Contemporâneo, em 2001 a percentagem de famílias monoparentais em Portugal foi de aproximadamente 7,7% e em 2011 foi de 10% (\*) verificando-se que a monoparentalidade é uma das formas familiares que tem vindo a aumentar progressivamente nas últimas décadas (Correia, 2002; Vaz & Relvas, 2002).

Estes autores discutem o conceito de família monoparental citando a definição de vários autores. A única característica comum a todas as definições é a presença de somente um progenitor e seus filhos coabitando. No entanto, o fenómeno da monoparentalidade é amplo e abarca diferentes constelações familiares, dentre elas, as famílias separadas, divorciadas ou de mães que realizam produção independente. Essas possibilidades plurais significam estratégias de convivência diversas, representando identidades únicas, como microsociedades com economias, hábitos, culturas e percepções próprias de sua situação.

Ademais, a idade limite dos filhos dentro da família monoparental também varia em cada Estado. Na França, por exemplo, a idade limite para o filho seria 25 anos. No Brasil, já que o vínculo parental se dilui com a maioridade (18 anos), seria esta a idade máxima do descendente que compõe a família monoparental. No entanto, há países que não utilizam o pressuposto etário para definir esse tipo familiar, mas sim a actividade estudantil que exerce a criança, como é o caso da Inglaterra.

Esta forma familiar é representada por “lares onde os filhos vivem com um dos progenitores, o qual não mantém uma relação conjugal em termos de coabitação permanente” (Vaz & Relvas, 2002:247). Porém, apesar de inicialmente parecer simples, tal definição envolve alguma complexidade. Esta é devida a “diferentes subformas que nela se enquadram”: famílias resultantes de um divórcio/separação; famílias com um educador viúvo ou famílias em que o progenitor é solteiro. Todavia a ideia de conjugalidade destruída ou mesmo nunca existente está sempre presente (Vaz & Relvas, 2002:247).

**Figura 1- Agregados domésticos privados: total e por tipo de composição – Portugal****Agregado doméstico privado (até 2010); Alojamento (a partir de 2011)**

+ Anos	Tipo de agregado doméstico privado					
	Total	1 indivíduo	Casal sem filhos	Casal com filhos	Família monoparental	Outros
+ 1992	3.214.245	402.400	647.551	1.461.088	203.654	499.552
2000	3.524.684	533.658	714.789	1.545.798	269.463	460.976
2001	3.556.905	545.605	714.090	1.538.599	273.712	484.899
2002	3.590.218	549.108	726.862	1.541.120	276.337	496.791
2003	3.676.104	594.659	754.478	1.576.816	280.342	469.809
2004	3.747.595	628.955	802.337	1.618.720	275.826	421.757
2005	3.785.090	629.156	815.181	1.619.095	283.805	437.853
2006	3.839.279	646.493	837.594	1.624.101	305.947	425.144
2007	3.852.207	657.402	849.590	1.600.969	309.987	434.259
2008	3.891.699	683.491	874.981	1.571.114	314.719	447.394
2009	3.925.626	688.234	884.308	1.572.312	332.769	448.003
2010	3.942.216	696.388	907.372	1.560.602	346.104	431.751
2011	4.008.900	758.100	903.157	1.532.466	400.135	415.042
2012	4.017.664	767.632	899.258	1.522.518	423.518	404.739

Fontes/Entidades: INE, PORDATA<sup>1</sup>

Nas famílias monoparentais, encontramos um maior número de famílias formadas por mães e filhos, tanto por mães separadas ou mães solteiras, constituindo-se, nestes casos, famílias em que a mulher é “*chefe de família*”. Não é raro encontrarmos mulheres, que têm uma boa capacidade financeira, que optam por terem seus filhos, sem estabelecerem um compromisso com seus companheiros. Porém, o número de homens que assumem sua parentalidade sozinhos está crescendo, contribuindo para novos estudos decorrentes deste comportamento na interação dos papéis masculino - feminino.

<sup>1</sup> <http://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+domesticos+privados+total+e+por+tipo+de+composicao-19>  
Consulta em: 20-02-2013

**Figura 2 - Agregados domésticos privados monoparentais: total e por sexo - Portugal****Agregado doméstico privado (até 2010); Alojamento (a partir de 2011)**

+ Anos	Sexo		
	Total	Masculino	Feminino
<b>+</b> 1992	203.654	29.618	174.036
2000	269.463	34.390	235.073
2001	273.712	37.943	235.770
2002	276.337	35.303	241.035
2003	280.342	38.205	242.137
2004	275.826	35.096	240.730
2005	283.805	35.255	248.551
2006	305.947	41.551	264.396
2007	309.987	47.281	262.705
2008	314.719	43.917	270.802
2009	332.769	43.891	288.878
2010	346.104	45.427	300.677
2011	400.135	53.766	346.369
2012	423.518	63.553	359.965

Fontes/Entidades: INE, PORDATA <sup>2</sup>

Este grande número de famílias sem pai é motivo de preocupação social, porque as mulheres sem cônjuge e seus filhos estão sujeitos a sofrer tensão emocional, dificuldades financeiras e desvantagens sociais. A Instabilidade conjugal é responsável, nos países desenvolvidos pela causa de pobreza das crianças bem como das mulheres. A Realidade de vida destas famílias é bastante complexa, pois devido as mudanças nas condições de vida há um empobrecimento ou perda de rendimentos associados a alteração das rotinas familiares, uma sobrecarga para o progenitor só e o amadurecimento precoce dos filhos. As crianças são geralmente crianças

<sup>2</sup> <http://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+domesticos+privados+monoparentais+total+e+por+sexo-20>  
Consulta em 20-02-2013

com “chaves de casa”. Na ausência do homem, a mulher está assumindo o comando do lar, o que tem determinado, freqüentemente, um esfacelamento da família.

Nas famílias monoparentais, os papéis e as funções de cada um necessitam ser avaliados segundo as circunstâncias que presidiram à reorganização do sistema familiar e, ainda, à idade das crianças e às regras do funcionamento familiar. Nestas famílias, o risco de uma ou várias crianças, normalmente as mais velhas, exercerem funções parentais relativamente aos irmãos mais novos é bastante frequente (parentificação) (Minuchin e Fishman, 1981; Alarcão, 2000)

## **2.2- FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS**

Ao longo dos anos, transformou-se muito a maneira de se gerar uma entidade monoparental. Antigamente, a maioria destas famílias era formada por viúvas e seus filhos ou por mães solteiras e seus filhos, destacando-se assim a característica que sempre foi marcante nesse tipo familiar: a imposição de uma situação, em que a mulher era sempre a vítima das circunstâncias. As mulheres não optavam por criarem seus filhos sozinhas, eram, na verdade, abandonadas por seus maridos ou, após a morte destes, ficavam sós com a prole.

Entretanto, é forçoso reconhecer que o crescimento contínuo e elevado das famílias monoparentais não poderia ter sido causado apenas pela morte do companheiro ou por mães que acabavam por ficar sozinhas ao ser abandonadas pelo marido

Com o decorrer do tempo, em virtude das mudanças ocorridas na figura feminina na sociedade, como a autonomia financeira, o casamento tem deixado de ser seu objectivo principal, a escalada no mercado de trabalho, bem como a busca pela conquista profissional, o controle dos métodos contraceptivos, o desenvolvimento de técnicas artificiais de fertilização, dentre outros motivos, possibilitaram a mulher escolher criar e até mesmo conceber seu filho sem a necessidade de um vínculo conjugal. Dessa forma, constata-se, cada vez mais, que a monoparentalidade tornou-se uma opção. Tanto a opção de se separar do marido ou companheiro, obtendo para si a guarda da criança, quanto a opção de ter o filho sozinha, por meio de adoção ou de técnicas de reprodução artificiais.

A inclusão da mulher no mercado de trabalho e a procura por estabilização profissional ocasionaram a postergação do casamento. Especialmente para os sectores mais favorecidos da população, a vida de solteiro tornou-se uma opção almejada e, portanto, mais comum na actualidade, em detrimento do que ocorria há alguns anos quando o matrimónio era praticamente uma imposição social.

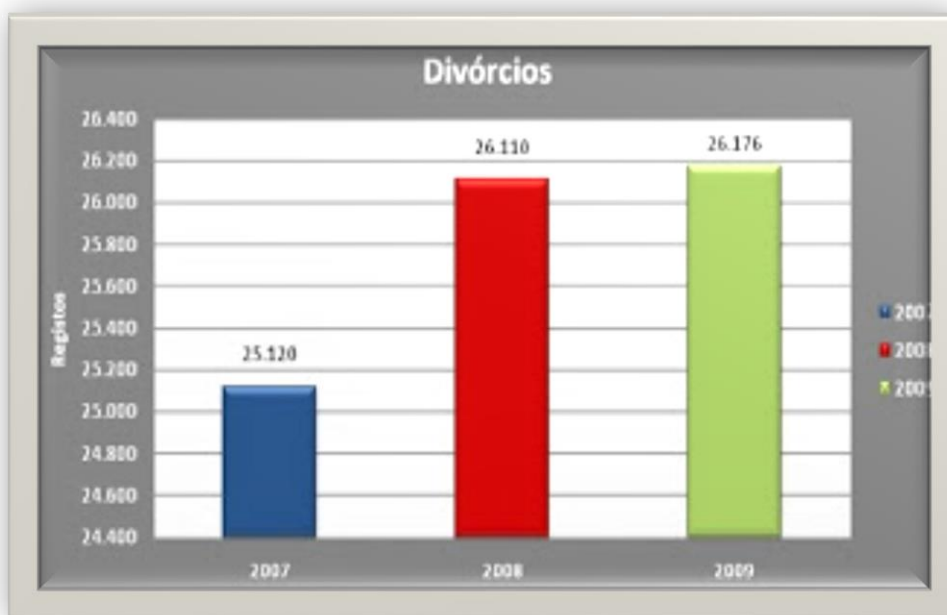
Verifica-se que, actualmente, coabita-se cada vez mais. Sem vinculação formal, as rupturas das uniões tendem a ser mais comuns, o que eleva o número de famílias monoparentais. Consta-se ainda, o crescimento do número de separações e divórcios nos últimos anos, o que acaba por gerar famílias monoparentais.

Como se pode verificar nos gráficos a seguir, a percentagem de famílias monoparentais femininas revela tendência de crescimento.

**Figura 3 - Evolução % Famílias Monoparentais**



Elaboração Própria Fontes: INE, PORDATA

**Figura 4- Número de divórcios**

Elaboração Própria: Fontes: INE, GDP, PORDATA

As conseqüências da dissolução conjugal são diferentes entre mulheres de classes sociais distintas, bem como entre homens e mulheres. No primeiro caso, as mulheres de classe social inferior procuram rapidamente uma nova união, em busca de um companheiro ou cônjuge que lhe ofereça sustento, já que, na imensa maioria dos casos, são mulheres que possuem baixa rendimentos e que vêem sua situação financeira agravada ao se defrontarem com obrigação de sustentar sozinhas seus filhos. Por outro lado, as mulheres das classes mais elevadas, financeiramente autônomas, tendem a permanecer mais tempo solteiras.

Quanto à diferença entre homens e mulheres após a dissolução conjugal, verifica-se que, normalmente, é concedida a elas a guarda dos descendentes, pois se trata de um papel natural de toda mulher, segundo a compreensão dos homens, enquanto que àqueles resta a imposição do dever de alimentar.

Portanto, considera-se, tradicionalmente, que o cuidado e a guarda do filho devem ser exercidos directamente pela mãe. Nesse sentido, o dever de guarda, em 89,5 % dos casos de divórcio, é concedida à mulher. Daí uma explicação para a preponderância da monoparentalidade feminina.

Além disso, como a guarda do menor é, normalmente, conferida à mãe, esta tem mais dificuldade em contrair uma nova união, fato que não ocorre com os homens divorciados. Sem filhos para criar, o homem rapidamente forma uma nova família. As estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que mais homens divorciados se casam com mulheres solteiras do que mulheres divorciadas se casam com homens solteiros, tendo sido a proporção de 6,3% para 3,1% em 2005. A mulher, portanto, permanece com a guarda do menor, enquanto o homem acaba por se afastar da família, constituindo uma nova em seguida. Como bem assevera (Costa, 2002:55)

Quando o homem deixava aquele lar, sua responsabilidade deixava de existir juntamente com o rompimento do vínculo conjugal, que seria assumido pelo próximo parceiro da mulher. Culturalmente, se criou o costume de que o homem é responsável por todo e qualquer filho da mulher enquanto vive com ela, e por nenhum, inclusive os seus, após cessada a convivência conjugal.

As famílias monoparentais são um arquétipo desta conjuntura, pois existem há muitos anos, mas sempre estiveram à margem da sociedade e, principalmente, da legislação. Não obstante o aumento do número de pessoas nesta situação familiar tenha sido realmente expressivo nos últimos anos, nunca obtiveram uma real proteção jurídica e sempre foram vistas com muito preconceito, entendidas como resultante de um fracasso pessoal, especialmente da mulher, que, comumente, é considerada a vítima da situação.

Quando nos referimos às famílias monoparentais femininas consideramos que elas podem ser compostas de três seguintes formas:

- Mulheres separadas ou divorciadas que possuem a guarda do (s) filho (s);
- Mulheres viúvas que criam seus filhos;
- Mulheres que jamais se casaram mas optaram pela maternidade, realizando a chamada “*produção independente*” por vias naturais ou pela adoção, criando seu (s) filho (s) sozinha sem a presença paterna.



**Figura 5 - Famílias clássicas monoparentais do sexo feminino (%) em Portugal****Proporção %**

<b>+ Anos</b>	<b>% Famílias monoparentais femininas</b>
<b>+ 1992</b>	85,5
2000	87,2
2001	86,1
2002	87,2
2003	86,4
2004	87,3
2005	87,6
2006	86,4
2007	84,7
2008	86,0
2009	86,8
2010	86,9
2011	86,6
2012	85,0

Fontes/Entidades: INE, PORDATA <sup>3</sup>

Apesar do aumento gradativo no número de lares habitados por mulheres vivendo com os filhos, poucos estudos relatam a vivência destas mulheres na monoparentalidade (Wagner & Grybowski, 2003). A maior parte dos estudos publicados demonstram interesse pelas percepções dos filhos sobre a separação dos pais, ou sobre a consequência desta para o desenvolvimento das crianças (Ribeiro, 1988; Wallerstein & Kelly 1998, Sousa, 2000, Straube, Gonçalves & Centa, 2003; e Brito, 2007). Por este facto, nos propusemos a entender no próximo capítulo, quais os desafios que estas mulheres enfrentam e como estas procuram superar os mesmos.

<sup>3</sup> [http://www.pordata.pt/Portugal/Famílias+clássicas+monoparentais+do+sexo+feminino+\(percentagem\)-532](http://www.pordata.pt/Portugal/Famílias+clássicas+monoparentais+do+sexo+feminino+(percentagem)-532)  
Consulta em: 20-02-2013

## CAPÍTULO 3- GÉNERO E PAPÉIS PARENTAIS

### 3.1- GÉNERO

No seu uso mais recente, o “género” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no carácter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O género sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “género” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado.

Entende-se por género o conjunto de normas, valores, costumes e práticas através das quais a diferença biológica entre homens e mulheres é culturalmente significada. A categoria de género surgiu como uma forma de distinguir as diferenças biológicas das desigualdades sócio culturalmente construídas (Kabeer, s/d cit. por Bandeira, 2005:7)

Existem vários questionamentos na actualidade de quem realmente seria mais apto para exercer as funções parentais. Homens ou mulheres? O desempenho da parentalidade ainda está arraigado ao feminino. Ainda ouvimos o discurso: “ ele não sabe cuidar dos filhos...”

Em todos os países, paralelamente ao aumento das taxas de instabilidade conjugal, verificou-se uma alteração nos critérios para a entrega dos filhos já não baseado na determinação eventual culpado da separação, ou de qual dos progenitores possui mais meios ou mais poder social, mas sobre o melhor interesse do filho e portanto, sobre «o progenitor mais adequado» (Barbagli 1990; Barbagli e Saraceno 1998)

Pelo facto de ser a mulher, a responsável por gerar seu filho no seu ventre durante nove meses, é ainda entendido que cabe apenas a ela cuidar do filho após o período gestacional. Juízes e tribunais ainda tomam partido das mães pela guarda dos filhos, por considerá-las o

progenitor mais adequado para o exercício do cuidar, porém percebemos que isso nem sempre é verdadeiro. A negligência, violência e falta de afecto ocorre apesar do género.

É bem verdade que a questão de género deve ser respeitada no que diz respeito as funções parentais, pois um pai nunca responderá da mesma forma que uma mãe o faria alguma determinada questão ou vice-versa. A resposta verbal poderá ser a mesma, mas a postura, a linguagem não-verbal será pertinente ao género do progenitor. Há estudos que indicam que crianças que crescem nestas estruturas familiares de cuidador único, desenvolvem maior maturidade e capacidade de decisão. Isso não desqualifica pais e mães para o exercício das funções parentais.

O casamento teve e tem funções sociais diversas. A sua relevância mudou no tempo e tem um peso diverso nas várias culturas e grupos sociais, aliança entre grupos, legitimação da filiação, legitimação e controlo da sexualidade, aliança entre indivíduos. A Respeito destas funções sociais do casamento define-se a divisão do trabalho e das competências entre os sexos e a própria identidade social de género.

Os homens casados têm um rendimento superior ao dos solteiros (para uma dada idade e um dado nível de diploma), as mulheres casadas têm um rendimento na maior parte das vezes equivalente ao dos homens solteiros. A entrada na parentalidade está associada a uma aceleração da carreira profissional para os homens e a um abrandamento para as mulheres: as diferenças de valorização imediata da sua fortuna entre homens e mulheres aumentam com o número de filhos. O homem continua a ser, no plano dos estereótipos e das representações sociais, o principal provedor de rendimentos, o principal responsável pelo estatuto social da família, mesmo em casais em que ambos trabalham.

As mudanças nas sociedades contemporâneas incidiram quer sobre as funções do casamento quer sobre as relações de género, modificando de modo crucial as suas bases. O Casamento surge, antes de mais, como a principal instituição para atribuição da posição dos indivíduos dentro da estrutura social de género, com base no sexo, mas também, em casos limite, prescindindo desta classificação.

Esta diferente posição dos sexos dentro do casamento exprime-se na própria linguagem, como observa Benveniste (1969 cit. por Saraceno e Naldini,2003) na sua análise do vocabulário

indo-europeu do parentesco: se o acto de se casar por parte de um homem é muitas vezes expresso em termos verbais, activos, para a mulher é geralmente expresso através de termos nominais, que indicam, mais do que uma acção, uma mudança de estado («a mulher não desposa, mas é desposada»). A própria palavra latina *matrimonium* refere-se a esta mudança de estatuto feminino: o assumir a condição de *mater*. É a mulher, não o homem, que é conduzido ao *matrimonium*, isto é, a tomar a condução de *mater* noutra casa. Por isso, o casamento mais do que instituir primordialmente uma relação conjugal, institui precisamente uma relação de filiação legítima, como observa também Pellegrini (1977 cit.por Saraceno e Naldini,2003), diferenciando-o de outras relações de filiação que, por não acontecerem dentro de um casamento, não colocam os filhos dentro de uma relação de paternidade.

A transformação no panorama das relações de género, segundo Blay (2003), trouxe várias mudanças na conduta feminina, o trabalho que antes era apenas realizado dentro de casa, passa a ser expandido para centros comerciais, começando a haver uma preocupação com a escolarização e a qualificação, enfim, comportamentos e valores que não tinham importância”(...) passaram a ser confrontados com os costumes patriarcais ainda vigentes embora enfraquecidos” (Blay 2003:88)

No “modelo novo” de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, monoparentalidade feminina e masculina, casais homossexuais masculinos e femininos, parceiros masculinos mais jovens, casal sem filhos por opção, produção independente, bebé de proveta e demais possibilidades que a evolução científica permite ou está em vias de possibilitar, tal como a discutida clonagem humana (Negreiros e Féres Carneiro,2004:39)

Até há pouco tempo, nas sociedades ocidentais, o pai era valorizado, em primeiro lugar, pelos recursos económicos que disponibilizava e era suposto também ser a figura de autoridade e o representante para o exterior da família.

O Pai, chefe de família e provedor do sustento, servia para acrescentar alguns ingredientes positivos à relação entre mãe e filho, por si só considerada incompleta. Na família, não se tratava de uma figura central, contudo era considerado indispensável. Actualmente, esta concepção encontra-se em notória mudança. O processo de individualização implica uma

maior partilha de parentalidade entre mães e pais e verifica-se o desaparecimento gradual das distinções absolutas entre pai - provedor e mãe – cuidadora. Porém, ainda em muitas pesquisas qualitativas demonstram que mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem como autoridade moral não necessariamente se altera (Sarti, 2005).

A parentalidade e co-parentalidade nas famílias monoparentais fundem-se, pois esta relação é entre pai e filhos ou mãe e filhos, já que são famílias constituídas por um único educador que coabita com os filhos.

Como referimos anteriormente, no plano dos estereótipos, as tarefas domésticas e a prestação de cuidados ainda está muito ligado a figura feminina. A mãe ainda é vista como aquela capaz de dar ao seu filho o cuidado, o afecto e ao pai apenas a função de provedor financeiro, porém, um grupo de parentesco «eficiente» é aquele em que existem competências quer «masculinas» quer «femininas», tal como são definidas e se dispõem em nossa sociedade.

É certo que as funções parentais não dependem do género, mas da vontade de ambos os genitores em exercerem estas funções. Percebemos que muitos profissionais ainda possuem a tendência de apresentar seus pareceres baseados em “achismos” e “emocionalismos” preferindo muitas vezes que a criança esteja sob responsabilidade materna.

Na realidade, o papel de cuidador não deve estar associado ao género, questões afectivas ou financeiras, mas ao superior interesse da (s) criança (s), ou seja, qual progenitor está realmente apto para exercer sua parentalidade em plenitude. O Bom cuidador é aquele que provê o afecto, o amor, o sustento material de seu (s) filho (s), aquele que não negligencia a ida de seu filho à escola, que não o coloca em situações de risco e isso nada tem a ver com género.

### 3.2 – PARENTALIDADE

Para Zornig (2010), a parentalidade é um termo relativamente recente, que começou a ser utilizado na literatura psicanalítica francesa a partir dos anos 60 para marcar a dimensão de processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos. Apesar de as dimensões inerentes ao parentesco terem sido estudadas por outras áreas do saber, como a antropologia, a filosofia e a sociologia, é no campo da psicologia e da psicanálise que

podemos encontrar uma vasta pesquisa referente aos processos psíquicos e mudanças subjectivas produzidas nos pais a partir do desejo de ter um filho.

Se fizermos uma breve retrospectiva histórica, podemos observar que nas sociedades tradicionais, as relações de aliança eram estabelecidas em função do património familiar, mas a partir do século XVIII, com o discurso iluminista e com a importância do romantismo, o amor entre casais e entre pais e filhos é priorizado e as alianças conjugais passam a ser estabelecidas com base no afecto e não mais como arranjos externos, que não levavam em consideração as escolhas individuais. O amor entre pais e filhos é fortemente marcado pela noção de educação e a formação das crianças torna-se um factor importante para o desenvolvimento de um país e garantia de uma sociedade saudável.

Para Berthoud (2003), parentalidade pode ser definida como uma experiência relacional de profundo significado psicológico vivenciada nas relações familiares, que se transformam ao longo da vida, sendo re-significada nos ciclos normais do desenvolvimento familiar e, ocasionalmente, por contingências inesperadas a esse desenvolvimento.

A parentalidade é um termo e um fenómeno complexo e atravessado por diferentes variáveis contextuais, não apenas pelo status marital. Não é possível atribuir ao divórcio toda a responsabilidade por dificuldades na parentalidade após a separação, assim como é necessário superar a hipótese que determina que o divórcio é sinónimo de problemas. As dificuldades ou facilidades da parentalidade são multideterminadas e estão disseminadas nos diferentes tipos de família, e não apenas entre as famílias divorciadas. Existe um espectro de possibilidades de exercício parental entre as famílias, independentemente de sua configuração.

Como assinala Julien (2000), a modernidade introduz uma disjunção entre o público e o privado e entre a conjugalidade e a parentalidade. Os arranjos familiares não dependem somente da parentalidade, mas sim do desejo entre casais de estabelecerem relações íntimas. Neste contexto, as relações conjugais são mantidas no espaço privado e dependem somente do desejo de cada um dos cônjuges. No entanto, quando este casal ou indivíduo decide ter filhos, o espaço público invade o espaço privado da conjugalidade, organizando as relações de parentesco e definindo as responsabilidades dos pais e do estado em relação às crianças.

### 3.3 - SER MÃE E PAI E A CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE

A partir da segunda metade do século XVII, na família aristocrática e sobretudo burguesa, os filhos tornam-se cada vez mais o centro e objecto de precisas atenções e estratégias educativas. Por isso, a infância é prolongada, e surge mais claramente uma longa época do desenvolvimento que deve ser cuidadosamente regulada, protegida e controlada. No centro deste projecto educativo, em que se exprime a nova situação dos filhos dentro da família e nas estratégias familiares, está a figura da mãe.

A mulher identificada como mãe, não só no sentido biológico, mas também em termos afectivos e educativos (mais que de cuidados materiais no crescimento), que exprime antes de mais esta responsabilidade e actividade, por sua vez, especificam e circunscrevem cada vez mais tanto o papel familiar como social das mulheres.

A pré-história da criança se inicia na história individual de cada um dos pais; o desejo de ter um filho reactualiza as fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que puderam ter. Como indica Stern (1997), as representações parentais sobre o bebé se iniciam muito antes de seu nascimento e, se pensarmos nas brincadeiras de boneca ou nas fantasias das adolescentes, as representações maternas podem anteceder longamente a concepção. Assim, não podemos restringir a parentalidade à gestação e ao nascimento de um filho, já que as identificações feitas na infância influenciam e determinam a forma como cada um de nós poderá exercitar a parentalidade.

O estabelecimento de laços entre os pais e o bebé favorece seu desenvolvimento afectivo e cognitivo, mas, ao mesmo tempo, propicia aos pais o sentimento de serem “pais suficientemente bons” especificamente para aquele bebé. Diversos autores (Konicheckis, 2008; Golse, 2006; Stern, 1997) ressaltam a dimensão simbólica do acesso à parentalidade, sugerindo que o nascimento de um filho transforma definitivamente o psiquismo de cada um dos pais. Stern indica que o nascimento de um filho provoca uma neoformação psíquica nos pais, sugerindo que a inclusão do bebé no psiquismo parental produz mudanças profundas e irreversíveis.

Essas mudanças ocorrem não só em função das projecções e representações parentais sobre o bebé, mas da mudança que a presença real do bebé provoca nas interacções entre ele e seus

pais. O nascimento de um filho implica uma dupla dimensão: para que um bebê sobreviva física e psiquicamente, é necessário inscrevê-lo em uma história familiar e transgeracional. No entanto, a dimensão ascendente da transmissão (filhos-pais) é igualmente fundamental, pois só o reconhecimento do filho em sua diferença permite aos pais construir uma relação com a marca do novo e da criatividade, indo além de uma repetição do passado e permitindo que o bebê se aproprie das marcas e inscrições de sua história relacional inicial.

Golse e Bydlowski (2002) postulam que a maternidade introduz uma dialéctica entre o bebê interno e o bebê enquanto objecto externo, ou seja, entre o bebê que a mãe foi ou que acredita ter sido e seu bebê de carne e osso. Essa passagem testemunha o trabalho psíquico efectuado pela mãe, que se inicia na gravidez com uma reactivação do objecto interno (metáfora de seu passado, de sua infância) para o gradual reconhecimento do bebê enquanto alteridade, tendo uma dimensão subjectiva que vai além das representações parentais. Logicamente essa passagem não ocorre abruptamente, mas decorre da possibilidade de um desinvestimento progressivo do objecto interno em benefício do bebê enquanto externo à mãe. Nem sempre esse processo coincide com o nascimento do bebê, sendo comum algumas mães tentarem reter o objecto interno perdido, tendo dificuldade em olhar para seu bebe.

Como indica Houzel (2004), a parentalidade compreende numerosos aspectos que se relacionam à realidade psíquica de cada um dos pais, principalmente as modificações psíquicas que se produzem em cada um deles no decorrer da gestação e do pós-parto, assim como o processo de parentificação que se relaciona ao campo dos cuidados parentais e às trocas estabelecidas entre os pais e a criança. O autor sugere reflectir sobre o conceito de parentalidade a partir de três eixos. O primeiro se refere ao exercício da parentalidade, aqui tomado no sentido de uma função que define e organiza os laços de parentesco e a transmissão de regras e valores de um determinado grupo social.

Houzel (2004) ressalta como o exercício da parentalidade se dá através dos aspectos jurídicos do parentesco e da filiação. O segundo eixo se refere à experiência da parentalidade, que compreende as modificações psíquicas que se produzem nos pais no decorrer do processo de sua transição para a parentalidade. O terceiro eixo é designado de prática da parentalidade, englobando todo o campo dos cuidados parentais, ou seja, o campo das interacções afectivas e fantasmáticas entre os pais e seu filho. Esses três eixos articulam-se entre si e definem o processo de constituição de um lugar parental. Na perspectiva do autor, manter uma



articulação entre os três eixos da parentalidade permite evitar privilegiar apenas uma dimensão do processo em detrimento de outra. Assim, é preciso reconhecer a influência da realidade psíquica de cada um dos pais, as transformações ocorridas nas formas de parentalidade, bem como a importância das interações e trocas entre pais e filhos para definir o processo de transição à parentalidade e favorecer o funcionamento das famílias na actualidade.

Nas últimas décadas, assistiu-se a uma inversão da forma como a parentalidade era exercida, passando a ser definida segundo o eixo mãe/filhos, dependendo dela as relações que os filhos têm, ou não, com o pai biológico (Sullerot, 1993).

### 3.4- DIVÓRCIO E PARENTALIDADE

Considerando a parentalidade e o divórcio, observa-se que, dentre as diversas tarefas pós-divórcio, provavelmente a mais complexa fique ao encargo dos progenitores. Estes, que acabaram de separar-se como casal, permanecem unidos pelos laços parentais, compartilhando a tarefa comum de educar os filhos (Carter & McGoldrick, 2001).

Até há algum tempo atrás, os relacionamentos parentais eram marcados por um estilo autoritário dos pais. Hoje, assiste-se a uma proximidade do contacto, incentivando a demonstração de afecto e a participação activa durante o crescimento das crianças, porém tais mudanças parecem ser ainda muito incipientes, não sendo possível identificar um rompimento total com a dicotomia entre o que é feminino e o que é masculino em termos de parentalidade (Fleck, Falcke, & Hackner, 2005).

Frente a isso, questiona-se: como se sentem hoje os homens em relação à experiência da paternidade? Segundo Hennigen e Guareschi (2002), a partir dos estudos sobre a mulher, impulsionados pelo feminismo, pesquisadores começaram a buscar compreender melhor a masculinidade e a paternidade, que passam a ser vistas como construções sociais. Ainda segundo as autoras, “há que se buscar a forma como estão sendo significadas/vivenciadas” (Hennigen e Guareschi 2002:52) estas novas configurações da família e a redefinição destes papéis de mãe e de pai dentro dela.

No entanto, como fica o “novo pai” em casos de divórcio? Sabe-se que o afastamento físico dos filhos pode gerar uma série de conflitos e ansiedades nos genitores, em primeiro lugar

porque a vivência actual os remete ao próprio relacionamento com seus pais, e em segundo porque pode haver uma série de expectativas (irreais) em relação à constituição de sua própria família e a criação dos filhos. Em suma, aspectos de relacionamentos anteriores introjetados somam-se aos aspectos práticos para formar o tipo de pai que cada um pode e quer ser (Dantas et al., 2004).

Acrescenta-se a esta teia de interações as características do próprio relacionamento conjugal e do processo de separação. Considera-se que um pai separado deveria manter um relacionamento com a ex-mulher, já que apenas a relação conjugal acabou, diferentemente dos laços que unem este homem e esta mulher como pais. Diante deste contexto, sabe-se que as características da relação dos ex- cônjuges podem actuar como facilitadoras ou dificultadoras desta reorganização.

Em seu estudo, Bottoli (2010) verifica que, apesar das rupturas e perdas provocadas pela separação, muitos pais mantêm o interesse em cuidar dos filhos e educá-los, mesmo que isso se dê de maneira diferente do que gostariam que acontecesse. Após a separação conjugal, o homem/pai segue com o mesmo desejo de continuar a exercer sua função de pai, mas é necessário que exista flexibilidade para que possa readaptar suas relações com a ex-mulher, com os filhos e com ele próprio. É preciso que se construam novos conceitos referentes a esta paternidade, e mais complexos, já que não há mais padrões tradicionalmente instituídos (Brasileiro, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2002).

Segundo Souza e Benetti (2009), as diferentes configurações familiares contemporâneas são abordadas pelos cientistas sociais levando em consideração os factores que facilitam e dificultam a prática paterna. As pesquisas voltadas à inevitável limitação da paternidade na não custódia apontam para a importância do suporte familiar advindo da relação entre os ex-companheiros, assim como a importância da rede de relações que se formam na construção do vínculo nas famílias reconstituídas ou monoparentais para a manutenção da responsabilidade paterna.

É identificado em algumas famílias que estes pais passam a ser considerados apenas visitantes; em decorrência, eles se sentem sem voz e, por vezes, destituídos de seu papel, o que aumenta seu afastamento. Bottoli (2010) destaca alguns dos sentimentos vivenciados por

pais que relatam sentir a ausência do filho em casa: sentir mal-estar por não conseguirem dar conta de tudo, além de se preocuparem constantemente com os cuidados que o filho recebe.

Um pai participativo não pode ser visto como algo a ser alcançado, pressupondo a existência de um “modelo de pai” a ser obtido por todos. O ser humano é muito mais complexo, e as distintas posições que assume respondem a um emaranhado de interações emocionais e sociais (Hennigen & Guareschi, 2002). Assim, é fundamental ater-se à figura de um pai real, presente em termos de corporalidade e afectividade, que se depara em todos os momentos com a demanda subjectiva advinda da exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo e, neste caso, na situação de separação e guarda dos filhos.

Algumas pesquisas demonstraram que o afastamento do pai após o divórcio pode resultar de uma resposta psicológica (depressão, culpa, frustração) à perda do relacionamento com seu filho anterior ao divórcio. Ou seja, tal resultado aponta para uma reacção emocional que impede ou dificulta o contacto, retirando a imagem popular de pais “desapegados”. (Kruk, 1991; Nielsen, 1999) e introduzindo a ideia de que os pais também sofrem.

Estudos revelam que entre 20% e os 35% de pais que poucos anos do final da relação de casal interrompe praticamente as relações com os filhos. Esta percentagem é bastante alta nas classes menos privilegiadas e tende a aumentar à medida que o tempo de separação se prolonga e que pais e filhos perdem o costume das relações quotidianas, e portanto, também da própria capacidade de manter a relação.

Alguns investigadores chegaram a formular a teoria, talvez de forma extremada que nas actuais sociedades com elevada instabilidade conjugal a única relação parental estável continua a ser aquela que existe entre mãe e filhos, em contrapartida, os pais fariam precisamente, de pais dos filhos das mulheres com quem de vez em quando convivem (Marsiglio 1995, Lobo 1996).

As mesmas investigações, todavia, indicam que os pais muito envolvidos no cuidado e educação aos seus próprios filhos durante o casamento estão presentes de forma mais activa também após a separação, assinalando que em jogo talvez não esteja tanto, ou apenas, a separação, quanto a divisão de género das responsabilidades familiares e em particular no que diz respeito aos filhos.

Embora seja fato incomum, quando a mãe não detém a guarda dos filhos, ela visita mais os filhos que o pai que não têm a guarda, desempenhando um papel activo no desenvolvimento e rotina do filho, conversando mais com a criança e ajudando mais nas tarefas, mas têm problema para discipliná-los e frequentemente entra em conflito com a esposa do ex-marido. Quando são os pais que não detém a guarda, é comum se relacionarem com a criança de forma superficial, como se todo o dia fosse "dia de festa", deixando para a mãe-guardiã a educação e desenvolvimento do seu filho (Brito, 2002).

No entanto, a literatura aponta já a uma década, para uma mudança gradual neste fenómeno: muitos pais não-residentes são capazes de manter uma relação próxima com os filhos, exercendo razoavelmente bem suas funções de pai (Amato & Gilbreth, 1999; Ramires, 1997; Wallerstein & Kelly, 1998; Wagner, 2002). Os estudos de carácter qualitativo, que investigam além da frequência das visitas e pagamento de pensão alimentícia, a participação em diversas áreas da vida da criança, mostram que muitos pais conseguem se manter envolvidos com seus filhos após a separação/divórcio e que eles sofrem por sentirem-se excluídos da paternagem de seus filhos (Staudt, 2007).

Além disso, observa-se que entre aquele pai não-residente que abandona todas suas responsabilidades e relacionamentos familiares e aquele pai não-residente muito envolvido, existem diversos níveis diferenciados de envolvimento, o que complexifica a compreensão desse fenómeno e reduz o simplismo da dicotomia. Assim, não se pode mais rotular os pais não-residentes com um padrão único de funcionamento (Silva, 2003). Porém, é importante considerar o conceito de envolvimento paterno (Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985), pois existem diferenças importantes entre aquilo que o senso comum acredita ser envolvimento e aquilo que a literatura considera ser. Na verdade existem níveis de envolvimento, e isso relativiza o conceito e as críticas à paternidade, especialmente no pós-divórcio.

O envolvimento paterno é caracterizado, conforme Lamb e cols. (1985), por três aspectos: Interacção, acessibilidade e responsabilidade. Interacção refere-se ao envolvimento directo com o filho, em cuidados e actividades compartilhadas. A acessibilidade está relacionada à presença ou disponibilidade para a criança, possibilitando a ocorrência de interacções. E a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos necessários para o bem-estar e saúde da criança. Nessa conceituação fica clara a ideia de que existe um envolvimento directo, marcado por cuidados, trocas e actividades em conjunto, bem

como um envolvimento indirecto, marcado por garantia de sustento, bem-estar da criança e disponibilidade/acessibilidade. Ou seja, o pai pode estar afastado fisicamente, ter pouco contacto directo com a criança e até mesmo pouca interferência na sua educação, mas mostrar-se aberto para interagir com ela, disponível às suas necessidades, acessível para quando ela precisar. Além disso, ele pode manter a responsabilidade de arcar com seus gastos pessoais e preocupar-se com seu bem-estar, e ser considerado um pai envolvido. E o contrário também é possível, pois o pai, estando menos restrito ao papel de provedor financeiro, pode estar mais presente e expandir seu papel e função como companheiro, cuidador, protector, modelo, professor, e isso também ser considerado envolvimento.

Diante disso, constata-se que existe uma grande variação nos níveis de envolvimento dos pais não-residentes, e alguns destes mantêm-se bastante participativos. Em alguns casos, a separação do casal pode, inclusive, melhorar a qualidade da relação pai e filho, viabilizando um contacto mais próximo entre a dupla, com menos mediação da mãe (Silva & Piccinini, 2004).

Não se pode mais pensar que a família divorciada é de um jeito específico, pois novas configurações e papéis estão se fortalecendo e se estruturando, como por exemplo, a guarda paterna, a guarda compartilhada e o maior envolvimento do pai que não tem a guarda após o divórcio. As mães ainda são, realmente, as maiores detentoras da guarda das crianças após o divórcio. Porém, não podemos esquecer que guarda não deveria ser sinónimo de envolvimento exclusivo, como vem sendo compreendido e até mesmo ocorrendo historicamente em muitas famílias divorciadas. Embora a figura feminina permaneça como a principal guardiã e o cuidado dos filhos continue como uma actividade marcadamente feminina, esse envolvimento tem deixado de ser exclusivamente materno e tornando-se, gradualmente, também paterno, bem como, em alguns casos, um envolvimento conjunto dos ex-cônjuges.

## CAPÍTULO 4 – MONOPARENTALIDADE FEMININA E SEUS DESAFIOS

---

“A partir do momento que tu foi mãe, tu não tem mais que ser cuidada, tu tem que cuidar, cuidar de ti, dos teus filhos e dar conta de tudo [...] uma carga muito maior, é redobrada, a mulher é cuidadora por excelência, tu já é intitulada cuidadora, só que tem que ter quem te cuide também, eu não me sinto cuidada, mas é a vida”. (Cássia Eller)

Existem dificuldades que são colocadas às famílias monoparentais que decorrem da existência de um único educador, estas podem ser consideradas em três planos: conjugal, parental e na problemática identificatória (Correia, 2002; Alarcão, 2006).

De acordo com Alarcão (2006), no primeiro plano, que diz respeito ao nível conjugal, as dificuldades emergem devido ao facto do subsistema conjugal se destruir ou não chegar mesmo a sê-lo, ficando assim as suas potencialidades afectadas. No plano parental, os principais obstáculos que surgem referem-se à impossibilidade de dividir tarefas e de socorrer-se ao suporte do cônjuge para a complementaridade de papéis, que é bastante útil para a tarefa de educar. Por último, a problemática identificatória reporta-se à dificuldade sentida pelo filho, do mesmo sexo do progenitor ausente, de construir a sua identidade, devido à ausência do modelo de identificação, contundo a vulnerabilidade que este factor concebe depende de outras variáveis de protecção presentes (idem).

Os desafios são, para estas mulheres em situação de monoparentalidade, bem maiores, pois toda a “sobrecarga” cabe apenas a elas. As principais dificuldades das famílias monoparentais são: gestão do quotidiano, ausência do companheiro, articulação trabalho/família. A situação profissional e económica destas famílias, devem ser levadas em consideração uma vez que estes factores interferem muito na vida familiar.

Podem ainda ser enunciadas situações sentidas como uma dificuldade, como por exemplo, as expectativas sociais, que frequentemente alteram a diferença das famílias monoparentais em “falta ou deficiência” (Vaz & Relvas, 2002:248) e definem-nas como tendo mais dificuldades e vicissitudes no seu percurso (Alarcão, 2006).

A monoparentalidade, e em especial a feminina, é em muitos casos sentida como um fracasso, sentimento que provoca um processo de marginalização social que reflecte, eventualmente, num sentimento de inferioridade e de desvalorização pessoal, quer da figura parental quer dos restantes elementos da família, habitualmente os filhos. Estas famílias são vistas ainda com alguma frequência de modo desfavorável pela sociedade.

#### **4.1- GÉNERO, MATERNIDADE E EMPREGO**

Anteriormente, às mulheres cabia a função única e exclusivamente de mãe, associada ao cuidado da casa. Lentamente, houve uma nova redefinição do papel da mulher e da mãe na sociedade. Actualmente a inserção da mulher no mercado de trabalho já é fato consolidado, sendo possível ter satisfação para além da maternidade.

Essa possibilidade de opções deixa marcas indeléveis na relação mãe-bebé, uma vez que a maioria das mulheres contemporâneas podem escolher entre casar ou não, com o avanço da medicina e dos métodos contraceptivos, pode escolher o momento de conceber filhos ou optar por não tê-los, pode viver sua sexualidade fora do casamento e inclusive criar seus filhos sozinha, sem que isso signifique exclusão social. Essa abertura da sociedade para a questão da maternidade e as possibilidades de escolhas conquistadas pela mulher traz em seu bojo questionamentos acerca do que é ser mãe e sobre a maternidade, como conciliar a vida laborativa, o exercício da função materna, a relação mãe-filho e as relações familiares.

Considerando o papel do género na temática da gestão de papéis profissionais e familiares, espera-se que homens e mulheres façam uso de diferentes estratégias para lidar com as exigências colocadas pela conciliação. Contudo, os estudos de género sobre esta temática apresentam resultados pouco consistentes. De acordo com a sobrecarga resultante da acumulação de vários papéis a que as mulheres estão mais sujeitas, podia esperar-se que estas sintam maior conflito e portanto procurem fazer uso de mais estratégias para a sua gestão. Alguns autores demonstram que, de facto, as mulheres experimentam mais estresse e tensão pela participação em múltiplos domínios mas que utilizam estratégias de coping menos eficazes que os homens (Marshall & Barnett, 1993; Hill, 2005). Por outro lado, há evidências que as mulheres são mais capazes de gerir as transferências negativas (Kirchmeyer, 1993).

Desse modo, ao resolver exercer uma profissão, a mulher sente-se “dividida”, pois tem de optar por trabalhar fora e não poder cuidar do filho integralmente. Muitas mulheres, ao priorizarem o trabalho remunerado, angustiam-se por considerarem que estão deixando de ser boas mães. Entende-se que muitas delas continuam sendo “regidas” pelo estereótipo de que a mulher realmente deve ser a principal responsável pela prole e pelos cuidados domésticos.

Kolbenschlag (2001) identifica esse conflito na experiência da mulher actual, que tenta conciliar estes papéis, e assevera:

Uma carreira satisfatória e o compromisso com um projecto constituem realmente a melhor preparação para a maternidade. Um alto nível de interesse e de envolvimento em algum tipo de trabalho é muitas vezes, o melhor prognóstico de alegria e sucesso no papel materno. (Kolbenschlag, 2001:124)

Em Portugal, a participação feminina no mercado de trabalho aumentou significativamente, atingindo os 60% no ano 2000, e a proporção de casais com filhos que trabalhavam a tempo inteiro situava-se nos 67% (Lourenço et al., 2006). De acordo com os dados estatísticos revelados pela Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego (CITE, 2009) a taxa de actividade feminina passou dos 54,8% para 55,6% entre os anos de 2004 e 2005. De acordo com dados mais recentes (INE, 2011) a taxa de actividade feminina em 2010 situava-se nos 56,3%.

As mulheres além de mães em exercício ao longo de todo o dia desdobram-se para o bom desempenho da vida profissional, ou seja, serem cada vez mais criativas, com exigências cada vez maiores num mercado cada vez mais competitivo. Dentre os vários desafios que uma mãe tem ao cuidar de seu (s) filho (s) na actualidade, um fenómeno que merece destaque é a dupla jornada de trabalho. A “Dupla jornada” é um assalto ao bem-estar da mulher, porém, elas tendem a aceitar esta situação.

Portugal é um dos países da União Europeia, que apresenta uma das mais elevadas taxas de participação das mulheres no mercado de trabalho a tempo inteiro, e também aquele onde as mulheres trabalham mais horas por semana, o que se traduz numa excessiva acumulação de afazeres, pois para além do trabalho remunerado é sobre elas que recai as responsabilidades familiares, o que constitui uma dupla jornada de trabalho.



Estudos nacionais (Torres e outros, 2005), desenvolvidos na última década, apresentam resultados consensuais no que diz respeito ao papel desempenhado pela família, onde a mulher continua a ter responsabilidade pelo trabalho doméstico, pelo apoio aos idosos e às crianças, ao mesmo tempo que desenvolve uma actividade profissional.

Com a inserção feminina no mercado de trabalho surge, “(...) uma situação cada vez mais constante na actualidade que é a mudança de género na manutenção da família”. (Mendes, 2002:01). Quer seja ajudando ao companheiro no orçamento familiar, quer seja, sustentando sozinhas as despesas da casa, as mulheres continuam lutando quotidianamente, agora não só pelo seu espaço, mas também pela sua sobrevivência e pela dos seus dependentes.

Centrando-nos na realidade portuguesa, talvez por referência a paradigmas culturais associados à divisão sexual do trabalho, que sempre se caracterizaram por uma marcada diferenciação dos papéis de género (Amaro, 2005b cit. por Núncio 2008), as tarefas domésticas e familiares continuam, na sua maioria, a depender exclusivamente da mulher. Em termos genéricos, em Portugal, as mães de crianças pequenas empregadas a tempo inteiro, são responsáveis por mais 50% de trabalho doméstico não remunerado que os homens (PERISTA, 2002).

A mãe aparece como um elemento que conduz as regras do jogo, concebendo, educando, tendo talvez, tomado a iniciativa da ruptura, é neste momento erigida, à imagem do homem, em chefe de família. Profissionalmente activa, tomando em suas mãos a condução da família. Em contrário a emancipação das mulheres, estas tendem a ter encargos acrescidos e mais pesados do que para os homens. Em qualquer dos casos, ainda que o cônjuge participe nas tarefas domésticas, são elas que asseguram a organização, que mantém a superioridade dos cuidados a prestar aos filhos e que têm maior sobrecarga mental e psicológica, em relação ao grupo familiar. Apesar de terem entrado no universo da profissionalização, nem por isso, deixaram de ser donas de casa.

Nesta perspectiva, vários estudos realizados junto de mães trabalhadoras têm deixado bem claro que as mulheres continuam a comportar-se, no domicílio familiar, de modo conforme às expectativas tradicionais relativas aos papéis de género, ao mesmo tempo que, no domínio profissional, se mostram profundamente envolvidas e empenhadas nas suas carreiras (Burley, 1995 cit. por Núncio 2008).

Percebe-se uma clara contradição no plano social, no facto de as mulheres terem interiorizado, de forma segura, o seu direito ao emprego, sem que, no entanto, tenham ocorrido mudanças significativas ao nível da repartição das responsabilidades familiares, bem como ao nível das próprias condições de participação no mercado de emprego e das perspectivas das responsabilidades familiares, bem como ao nível das próprias condições de participação no mercado de emprego e das perspectivas de carreira profissional, ambas fortemente segregadas em função do género.

Assim, e apesar do facto de cada vez ser maior o nível de qualificação académica, das mulheres, no momento da sua entrada no mercado de trabalho (crescimento de habilitações que se constata, não só numa análise evolutiva, como também numa análise comparativa em relação às qualificações dos homens), aquilo que se verifica é que, uma vez inseridas nesse mercado de trabalho, as mulheres parecem tender a diminuir o seu investimento em formação, aperfeiçoamento sendo, nestes domínios ultrapassadas pelos homens.

De acordo com (Núncio,2008), este aparente desinvestimento das mulheres relaciona-se a factores de ordem familiar e com as práticas dos papéis familiares. Estas práticas determinam que o acesso à formação profissional de homens e mulheres, embora igualitário no texto da lei, seja, na realidade, diferente para os dois sexos. Para muitas mulheres investir em formação contínua pós-laboral significa abdicar do cuidado dos filhos e das responsabilidades familiares, por este facto, muitas destas mulheres, mesmo aquelas que não se encontram em situação de monoparentalidade possuem um sentimento dividido, ou seja, investir na formação ou permanecer com as responsabilidades familiares, um sentimento bastante cruel para as mulheres.

Parece então que, enquanto o tempo das mulheres é profundamente marcado pela procriação e pelas exigências de cuidado aos filhos, o tempo dos homens é regulado, sobretudo, pelas exigências do mercado de trabalho e da produtividade, o que, por si só, gera uma importante assimetria nas condições de participação de mulheres e homens, no mercado de trabalho (idem).

Com efeito, já não se trata, apenas, do facto de os homens terem maior capacidade de investir tempo livre, no desenvolvimento das suas competências profissionais, como também, do facto de o investimento na carreira e a progressão profissional serem feitos, justamente, no período

de vida que é também o mais propício à reprodução, com a consequente exigência constante de cuidado às crianças.

Na verdade, enquanto a generalidade dos estudos dos anos 70, designadamente de Andrée Michele (1974), apontavam a tendência para uma repartição mais igualitária das tarefas e papéis conjugais, em consequência da actividade profissional das mulheres, as investigações empíricas sobre a realidade actual demonstram que a evolução não correspondeu ao previsto por esses estudos (Segalen, 1999; Barnett e Hyde, 2001).

As mulheres de famílias monoparentais, costumam desempenhar os mesmos papéis de outras mulheres de outros arranjos familiares, acrescendo os desafios que são mais evidentes, pelo facto de estarem sozinha em suas responsabilidades como cuidadoras únicas. “É preciso não esquecer que estas mulheres costumam ser também ‘mães-de-família’: acumulam uma dupla responsabilidade ao assumir o cuidado da casa e das crianças juntamente como sustento material de seus dependentes. Esta dupla jornada de trabalho geralmente vem acompanhada de uma dupla carga de culpa por suas insuficiências tanto no cuidado das crianças quanto na sua manutenção económica. É verdade que essas insuficiências existem também em outras famílias, e igualmente é verdade que ambas têm suas raízes nas condições geradas pela sociedade. Porém, esses factores sociais são ocultados pela ideologia que coloca a culpa na vítima, e o problema se torna mais agudo quando as duas vítimas são encarnadas por uma só pessoa” (Barroso & Bruschini, 1981:40 cit. por Brito, 2008).

O conflito entre as duas dimensões, da tradição (vida familiar) e da modernidade (vida profissional), evidente no plano prático, manifesta-se também no plano das consciências individuais, já que, do ponto de vista interno das próprias mulheres, essa tradicional assimilação natural do ser feminino aos papéis reprodutores e cuidadores, de mãe e esposa, acarreta também consequências, sendo geradora de conflitos psicológicos não negligenciáveis (Núncio 2008:69). Muitas mulheres ainda sentem que ter uma profissão não é natural ou normal pois há sempre o sentimento de culpa por não priorizar exclusivamente a vida familiar.

Núncio, salienta ainda que as origens deste sentimento de culpa parecem radicar na tradicional ética de cuidado, associada ao mundo doméstico, assente na preponderância da atenção às necessidades dos outros, e que terá conduzido à interiorização do dever moral de abnegação, no sentido da negação de si a favor dos outros. O sentimento de culpa é

particularmente marcado pela incompatível com a ideologia de abnegação própria da ética de cuidado, criando mais uma forma de dissonância, entre ideais e práticas, no quotidiano feminino.

Neste sentido, a ocupação profissional é entendida como factor limitador da possibilidade de ser uma boa mãe, sempre presente. Há a ideia de que “toda mãe que trabalha, qualquer que seja o seu estrato na sociedade, tem dificuldades em conciliar as exigências muitas vezes conflituosas do trabalho e da maternidade. O dinheiro facilita a aquisição de serviços de apoio à criança, de alta qualidade, que transmitem uma maior confiança às mulheres, mas isso não elimina a culpa que muitas mães sentem, ao abandonarem os filhos, para irem trabalhar, mesmo quando gostam do seu trabalho” (Figes, cit. por Núncio, 2008:69)

Um estudo realizado por Heloísa Perista (2002) “Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens” demonstra-nos que a diferença entre o tempo de trabalho pago entre homens e mulheres é de apenas 1h a mais para os homens, mas a nível do trabalho não pago (trabalhos domésticos e prestação de cuidados à família) as mulheres gastam mais 3h por dia do que os homens. Estes valores traduzem-se numa taxa de ocupação feminina muito superior à masculina nos trabalhos domésticos e nos cuidados à família, enquanto 94% das mulheres realizam estas tarefas, só 59% dos homens o fazem.

“Estes dados são importantes porque nos permitem articular a influência do género e da entrada do género. Esta, enquanto relação entre um homem e uma mulher, ou seja entre pessoas de género diferente, implica uma definição (e redefinição) dos papéis masculino e feminino de cada um dos cônjuges. Da nova situação de conjugalidade resulta um acréscimo de tarefas e estas ficam quase exclusivamente a cargo da mulher. (Torres, 2004:114).

Conforme Casaca (2005), “o quotidiano da maioria dos/as trabalhadores/as – e fundamentalmente das mulheres trabalhadoras que são mães – pauta-se pela difícil articulação entre a esfera familiar e a profissional” (Casaca, 2005:437).

“Com efeito, a escassez de apoios públicos às famílias constitui uma lacuna particularmente grave e afecta enormemente a vida das famílias portuguesas. São assim as redes de solidariedade informais, ainda que profundamente desiguais no espaço social, que vão «com maiores ou menores dificuldades (...) almofadando as «asperezas» da rede formal de serviços

e equipamentos sociais de apoio, que, de facto, apresenta ainda grandes fragilidades” (Casaca, 2005:437).

Impõe-se a criação de alterações que permitam uma maior flexibilidade do tempo, de forma que a vida privada e profissional sejam compatíveis. A conciliação da vida privada (família, lazer, participação cívica, política e cultural) com a vida profissional é uma condição de base para a melhoria da qualidade de vida das mulheres e dos homens, e portanto das famílias, implicando a sua realização uma nova organização do tempo.

A este respeito o autor Peter Moss (s/d), escreve nas “Actas do Seminário Construir a Igualdade” que:

“Conciliação da «vida profissional», em sentido restrito, corresponde a emprego, mas num sentido mais lato compreende também uma série de outras actividades públicas nas quais as mulheres não estão suficientemente representadas. Quanto à expressão «vida familiar», ela corresponde a múltiplas actividades, relações e responsabilidades essenciais ao bem-estar e ao desenvolvimento, não só dos indivíduos, mas da sociedade no seu conjunto. Quanto ao termo «conciliação», contém duas ideias: o reconhecimento mútuo e o respeito entre os diferentes intervenientes. (Moss,s/d:2005)

As mulheres entraram no mercado de trabalho e lutam por uma carreira profissional em igualdade de oportunidades com os homens, sendo por vezes mais qualificadas do que eles, mas não encontraram uma partilha de tarefas domésticas e cuidados à família que lhes permitisse conciliar a vida profissional com a vida laboral. No estudo efectuado por Heloísa Perista, em 2002, as mulheres salientam que é principalmente sobre elas que recai o trabalho doméstico, sendo confrontadas diariamente com a difícil tarefa de conciliação do tempo para a família, para o trabalho e para o lazer. (Núncio,2008)

“Com efeito, a dupla responsabilidade socialmente cometida às mulheres pelo trabalho pago e não pago, induz uma forte pressão do tempo nos quotidianos femininos” (Perista 2002:468). A repartição desigual do tempo, entre homens e mulheres no trabalho não pago reflecte-se nas actividades de lazer, pois se as mulheres têm mais horas de trabalho por dia, em relação aos homens, algum tempo tem de ser sacrificado e de uma forma geral é o tempo de lazer. Na prática a mulher é sobrecarregada com o peso da dupla tarefa, o que significa menos tempo para o lazer, e também para outras formas de participação social e civil. “O tempo das

mulheres é contínuo. Não se registam diferenças entre dias úteis e feriados, entre trabalho e ócio. Para as mulheres o tempo tem valor de uso, não se consome nem se vende”. (Joaquim, cit Perista, 2006: 68).

Viver sozinho, ou ser chefe de família “monoparental” exige à mulher vários esforços como o de enfrentar ou (gerir) a própria economia, assim como a conciliação do trabalho e da família, o que por vezes se torna muito difícil. “Ser mãe sozinha, trabalhar e cuidar dos filhos pequenos pode significar não conseguir conciliar, ou conciliar muito mal estas duas esferas da vida quotidiana”. (Wall, Correia, 2002:655). Num passado não muito distante, era ao marido que cabia a administração dos bens e a mulher limitava-se a tratar da casa e dos filhos. O pai era responsável pelas acções dos membros da família (mulher e filhos) perante a sociedade, era-lhe dado todos os direitos até o de julgar e punir, mas as mulheres com a sua entrada na esfera pública através do trabalho conseguiram a oportunidade e esforçaram-se por adquirir uma maior individualidade e autonomia. Conseguiram dar ao seu próprio ser, à sua vida um sentido que não se reduzisse só ao casamento e à maternidade.

As mudanças foram muitas e as mulheres demonstraram ser capazes de lidar com assuntos aos quais estavam interditas. “A mulher natureza deu lugar à mulher individuo, dona do seu destino, responsável por si e pelos seus actos. Processo de transformação ainda em curso, com atalhos e curvas sinuosas” (Torres, 2002:573).

Actualmente ser solteira, divorciada ou viúva, estar só não significa estar infeliz ou ser excluída. Longe vai o tempo em que ser solteira era sinónimo de uma pessoa ser discriminada. “A nossa sociedade moderna banalizou a expressão. Etiqueta fácil, sobre utilizada e sem simetria masculina, ela aplica-se às mulheres sem marido, viúvas ou celibatárias, com ou sem filhos” (Dauphin, 1994:477). Hoje em dia, estar só também pode ser uma opção. “Homens e mulheres podem permanecer sós se assim quiserem, sem que tenham de enfrentar condenações sociais associadas no passado a ser-se solteiro ou, sobretudo uma solteirona”. (Giddens, 2000: 209). Na perspectiva de José Machado Pais (2006), a solidão por opção “é a construção de uma soberania individual. Mergulhando em si, no mundo da sua interioridade, o individuo redescobre a sua identidade, renova os seus sentimentos de pertença, descobre que a solidão requestiona a relação de si próprio com os outros” (Pais,2006:356)

Muitas mulheres em situação de monoparentalidade, lidam com problemas de ordem emocional, dificilmente contraem novamente casamento (casam com menos frequência),

tendem a ter mais dificuldade de encontrar um novo companheiro após a separação ou divórcio. Isso deve-se ao facto de haver grande receio das mesmas de vivenciarem situações idênticas ao seu passado. Grande parte destas mulheres, já não acredita que possam ser felizes em novos relacionamentos e conhecem mais cedo a solidão. A grande preocupação destas mães é com o exercício da parentalidade e tentar suprir o afecto do pai na maior parte das vezes ausente. Existe ainda, grande preconceito por parte de muitos homens que acabam não se interessando por mulheres solteiras com filhos de um relacionamento anterior, especialmente por que podem ainda surgir muitos conflitos entre o ex-casal, especialmente em relação ao filho, a questão das visitas, a pensão de alimentos, etc.

A tensão gerada pela sobrecarga dos múltiplos papéis que as mulheres desempenham nas últimas décadas tem reflexos prejudiciais no ambiente familiar, profissional e sobretudo no seu lado emocional, elas se sentem desamparadas de todas as formas; a mulher actual desempenha o seu papel e o papel do homem perante a sociedade.

Os pais em situação de monoparentalidade – solteiros, divorciados, separados, viúvos ou adoptivos – geralmente são famílias orientadas para as crianças. As procuras e os recursos desses pais, tendem a concentrar-se em torno da satisfação das necessidades e interesses dos filhos. São muitos os pais que se sentem confusos e incapazes de lidar com suas dúvidas em relação ao desenvolvimento pessoal, social e psicológico de seus filhos. A mulher em situação de monoparentalidade, requer muitos afazeres, além de cuidar e educar seus filhos necessita de meios de subsistência para dar condições de sobrevivência à sua família. Estas mulheres, em vários casos anulam suas vidas enquanto mulheres, para assumirem única e exclusivamente a figura de mãe. O papel de mãe vem associado a uma jornada de trabalho intensa e desgastante. Após um dia exaustivo de trabalho estas mulheres chegam à casa e possuem inúmeras tarefas para fazer, ou seja, afazeres domésticos, cuidar dos filhos (alimentação, higiene e tarefas escolares), isso associado ainda a recursos financeiros escassos.

Há muito tempo, quando as mulheres se dedicavam somente a cuidar dos filhos, limpar a casa e cuidar do marido, todos ainda que só aparentemente - viviam em paz. Assim as mulheres passavam sua vida, girando sempre em torno de sua família, viviam por seus filhos e para eles e sempre estavam disponíveis para o marido (Rosas,2009:01).

Como consequência das dificuldades e problemáticas inerentes a esta tipologia familiar, muitos estudos centram-se nas consequências e características negativas das famílias monoparentais. Para ilustrar tal facto, Lipman, Offord e Boyle (1997), numa investigação, com uma amostra de 1540 mães com pelo menos um dependente, concluíram que as mães solteiras são mais susceptíveis de terem uma perturbação afectiva, de usarem serviços de saúde mental e serem pobres, do que as mães de famílias biparentais. Contudo, o risco de problemas associados à saúde mental é especialmente acentuado em mães solteiras de um nível socioeconómico mais baixo.

Várias investigações sobre a monoparentalidade, nomeadamente sobre o divórcio, referem-se a este acontecimento como uma fase de grande estresse na vida de uma pessoa, sendo que após a separação conjugal, os ex-cônjuges têm de encarar diversos desafios e transformações. Dando ênfase aos efeitos negativos do divórcio nos percursos desenvolvimentais dos elementos da família através da análise das dificuldades de ajustamento, sustentando a ideia que o divórcio pode ser considerado um factor de risco (Lamela, 2009).

Como temos vindo a verificar, grande parte da literatura alusiva à temática da monoparentalidade refere-se às consequências negativas desta configuração, nomeadamente no que concerne às características psicológicas e sociodemográficas. Contudo, outros estudos têm seguido linhas de investigação diferentes, em que verifica, por exemplo, que a ausência de um progenitor pode ser compensada pelo outro e pelo apoio social (Marin & Piccinini, 2009). Esta última linha de investigação, que se afasta da referida anteriormente, focaliza-se nas oportunidades de crescimento positivo que podem ocorrer com o divórcio, onde “a adaptação ao divórcio não é vista como um processo cumulativo de perdas mas, pelo contrário, como um potencial processo qualitativo caracterizado por novos objectivos de vida, melhoria de competências e maior maturidade afectiva e íntima” (Lamela, 2009:114).

Desenvolvimentos da psicologia, da psicanálise ao behaviorismo, vieram reforçar a centralidade da figura e das condutas maternas, no desenvolvimento das personalidades individuais. O auge destas concepções terá sido, no entanto, determinado pelos estudos de John Bowlby, e pelo seu relatório *Maternal Care and Mental Health*, publicado em 1951, sob os auspícios da Organização da Saúde, em que defendia a presença permanente, da mãe, junto dos filhos, pelo menos até estes completarem três anos de idade, sob pena de ser comprometida a saúde mental e o bom desenvolvimento da personalidade das crianças. A



ausência de afecto maternal era, com efeito, apontada por Bowlby, como grande responsável pelo desenvolvimento de personalidades delinquentes e de perturbações esquizofrénicas (Amaro, 2005 cit. por Núncio, 2008)

A capacidade de conceber e de gerar filhos é extremamente importante para a subjectividade feminina, assim como para o próprio sentido da vida da mulher. A realização da maternidade ainda é um dos mais importantes projectos de vida para as mulheres, embora o casamento venha perdendo importância no imaginário feminino (Borlot, Trindade, 2004). Apesar de a maternidade ter a importância na subjectividade feminina ela não pode ser entrave para a vida uma vida afectiva, é necessário que mesmo com todos os problemas que a monoparentalidade acarreta na vida de uma mulher, esta não deixe de lado o seu lado afectivo, por mais que a relação com seu (s) filho (s) seja realmente intensa. Isso não quer dizer que deve contrair casamento novamente mas que não deixe morrer a sua individualidade.

## **4.2 – MONOPARENTALIDADE FEMININA E CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÓMICAS**

As famílias monoparentais, apresentam grande fragilidade perante a instabilidade que encontra-se no mercado de trabalho, isso associado a separação ou divórcio tendem a favorecer ao empobrecimento destas famílias. Se estas famílias forem afectadas por uma situação prolongada de desemprego e / ou se o novo emprego conseguido for a tempo parcial correm riscos acrescidos de cair na pobreza. Como a maioria das famílias monoparentais são lideradas por mulheres e estas são as que mais trabalham a tempo parcial, há um risco real destas famílias se tornarem ainda mais pobres.

Nas camadas mais pobres da população, as famílias monoparentais femininas, de acordo com Carvalho (1998:85), são em grande parte associadas às situações de vulnerabilidade económica, pois a mulher, como único membro adulto do domicílio, é sua provedora, além de assumir funções domésticas e o cuidado com os filhos, o que implica sua vinculação em trabalhos mal remunerados em tempo parcial ou intermitente, gerando assim maiores dificuldades para garantir a subsistência da própria família.

Por outro lado, as famílias monoparentais femininas, são em grande parte decorrentes de uma gravidez precoce ou indesejada, instabilidade familiar e abandono. Não raro essas mulheres foram ou ainda são vítimas de violência doméstica em suas mais variadas vertentes,

incluindo-se a "invisível", aquela que não deixa marcas exteriores, mas sequelas profundas em relação à sua auto-estima e à busca ou reconstrução de sua identidade como mulher, como cidadã e aos preconceitos decorrentes da relação de gênero.

A sobrecarga de papéis assumidos pelas mulheres frente às dificuldades sociais, económicas e de violência experimentadas por elas expôs uma face perversa da condição feminina, sobressaindo, por um lado, a baixa auto-estima, as frustrações, os medos e anseios e, por outro, a coragem e a perseverança na luta pela sobrevivência.

A par da vulnerabilidade social a que estão expostas, pode-se constatar que elas também apresentam alto grau de vulnerabilidade emocional, seja pelo sentimento de abandono, seja pela violência e exploração a que foram submetidas, seja pela fragilização a que estão expostas cotidianamente na busca de estratégias para a sobrevivência de seu núcleo familiar.

São enormes as dificuldades financeiras vividas pelas mulheres em situação de monoparentalidade, já que, em regra, possuem empregos pouco qualificados, o que lhes propiciam um rendimento extremamente baixo. Dessa forma, recebem pouco, trabalham o dia todo e, no fim do dia, chegam em casa para enfrentar a segunda jornada de trabalho: cuidar do(s) filho(s) e realizar os afazeres domésticos. Para piorar ainda mais a condição dessas mães, quando não encontram um vizinho ou um familiar, normalmente a avó materna da criança, que se disponibilize a cuidar do menor enquanto ela trabalha, têm de arcar com despesas extras, isto é, um local apropriado para o cuidado de crianças, especialmente quando o (s) filho (s) possui idades de 0 a 2 anos.

Do mesmo modo, Vitale (2000) afirma que a mulher de família monoparental, enfrenta jornadas árduas de trabalho extra e intrafamiliar. O desafio da conciliação entre o trabalho e sua vida familiar, está presente em depoimentos reveladores da dificuldade da mulher/mãe e provedora do sustento da família e de uma participação mais efectiva junto a seus filhos e ao ambiente familiar. Dessa forma, a vulnerabilidade, a fragilidade financeira e educacional incrementa a dificuldade económico-social, dificultando sua participação na vida familiar.

Essa mulher busca estratégias de sobrevivência diante das situações de extrema necessidade uma vez que “a dimensão da pobreza se aprofunda quando vinculamos monoparentalidade sexo e etnia” (Vitale,2002:51),ou seja, essa configuração de família sob essas características não é prerrogativa das famílias pobres, mas acentua nessa condição. Mas a monoparentalidade

não pode ser considerada a partir de uma visão estática, já que as relações estão em constante movimento com separações e recomposições, actualmente ser família é algo muito flexível, composto por uma diversidade de factores que compõem sua composição. A família deve ser compreendida dentro de um contexto na qual é construída, para isso deve ser analisada as práticas histórico-culturais que caracterizam o momento. Esse movimento constante acaba por culpabilizar as chefes de família pelo desaparecimento de valores, a “desestruturação” da família e o desajuste e desvio dos filhos. Por isso, as famílias monoparentais sofrem com o estigma de menor status social.

#### 4.3 – POTENCIALIDADES DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS

Falar em potencialidades é ser capaz de olhar para além dos obstáculos e dificuldades, reconhecendo que, apesar dos desafios, existem pontos realmente positivos e não poderíamos deixar de salientar este facto em relação as famílias monoparentais femininas.

As famílias monoparentais femininas cuidam em um só tempo das necessidades exteriores e interiores da família, se envolvem inteiramente nos detalhes da vida familiar, com isso, assumem completo controlo de todos os aspectos da vida rotineira, ou seja, todas as cátedras que se processam nas fronteiras familiares, incluindo as actividades nutridoras das crianças, além das funções de protecção e provisão.

A vivência da monoparentalidade naturalmente envolve perdas e ganhos, podendo ser considerada uma *faca de dois gumes*: a responsabilidade materna pelos cuidados dos filhos e a realização dos demais encargos vem acompanhada de sobrecargas, em contrapartida, também trazem benefícios, entre eles, o fato da genitora estar na companhia da prole. Embora essa experiência aparente ser potencialmente estressante, por outro lado, pode ser precursora de um crescimento pessoal, especialmente para as genitoras que encontram formas de transformar a realidade monoparental em algo satisfatório.

Com base na revisão da literatura sobre as famílias monoparentais, já se constatou que estas atravessam momentos difíceis e que lidam com problemas inerentes à sua tipologia familiar contudo, também se verificou que são dotadas de capacidades e competências que lhes permitem uma boa adaptação e vivência do seu quotidiano. Agora torna-se pertinente perceber melhor as exigências da vida quotidiana, como conseguem gerir as suas

responsabilidades e tarefas, tendo em conta o suporte social. Podemos dizer que o suporte social é necessário e relevante ao longo do ciclo vital, porém ainda é mais importante em fases caracterizadas por mudanças (Rapoport & Piccinini, 2006), tais como, no nascimento de um filho e numa separação ou na fase pós-separação, constituindo o suporte social nestas situações um factor promotor de resiliência (Greef & Merwe, 2004).

As alternativas encontradas para conciliar o trabalho externo aos cuidados com os filhos variam conforme a realidade familiar, contudo, problemas referentes, por exemplo, aos horários e participações nas reuniões escolares ou consultas médicas são comuns.

Dependendo da disponibilidade financeira, estas famílias dispõem de profissionais remunerados: amas, empregadas domésticas ou preceptores para tratarem de aspectos específicos dos cuidados dos filhos; muitos deles também recorrem, quando necessário ou quando não estão integralmente a disposição, aos recursos presentes na rede familiar e na comunidade.

Deste modo, ao longo da convivência, as dificuldades encontradas na trajectória familiar são flexibilizadas e amenizadas podendo, inclusive, ser auxiliadas por outras pessoas, familiares ou sujeitos significativos. O facto de muitas mães terem que exercer actividades externas o dia todo e, quando preciso, obtêm ao apoio de outras pessoas ou instituições, isto não exclui sua participação activa nos encargos da prole e do lar.

A resolução dos problemas centrais que enfrentam as famílias monoparentais (a conciliação da vida profissional com a tarefa de cuidar dos filhos, a sobrecarga de responsabilidades e os problemas económicos) não está tanto em recursos formais, mas sim em apoios informais, especialmente da família (Morgado, González, & Jiménez, 2003).

Para o exercício competente das responsabilidades, estas mães não tentam igualar-se a outras figuras ou mesmo ao genitor ausente, pelo contrário, elas buscam sua própria autonomia, e para isto, recorrem aos meios mais variados de ensinamentos, ou seja, através de cursos de especialização profissional, ou até mesmo o contacto com o meio escolar ou universitário.

No decorrer das experiências, as genitoras monoparentais desenvolvem inúmeras capacidades e potencialidades que os possibilitam enfrentar transitórios percalços da vida em família. Com isso, diversas possibilidades são vislumbradas e os eventuais obstáculos tornam-se desafios, o que proporciona a estas mulheres a superação de seus próprios limites ampliando sua

autoconfiança e motivação para dar o melhor de si na busca de uma qualidade parental. (Sousa,2008)

Vitale (2002), afirma que a mulher da família monoparental, enfrenta jornadas árduas de trabalho extra e intrafamiliar. O desafio da conciliação entre o trabalho e sua vida familiar, está presente em depoimentos reveladores da dificuldade da mulher/mãe e provedora do sustento da família e de uma participação mais efectiva junto a seus filhos e ao ambiente familiar. Dessa forma, a vulnerabilidade, a fragilidade financeira e educacional incrementa a dificuldade económico-social, dificultando sua participação na vida familiar. As relações afectivas na família monoparental feminina expressam-se como um factor aglutinador que promovem uma relação de troca contínua, respeitosa e afectuosa dos filhos com suas mães e destas para com aqueles. As mulheres conseguem dedicar-se aos filhos, fortalecendo o ambiente familiar. Da mesma forma, elas incentivam a auto-superação dos entraves financeiros, principalmente, causados pela não partilha das despesas familiares. Desse modo, o diálogo e as relações “transparentes” são utilizados na formação da prole na família para viverem e actuarem na sociedade.

Uma investigação de Favaro (2009) foi ao encontro da compreensão da organização doméstica das famílias monoparentais femininas e da inserção ou não, das mães destas famílias, em redes sociais, como fonte de apoio. O estudo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, com o recurso a entrevistas a 22 mães. Os resultados revelaram que estas mães são os apoios indispensáveis das suas famílias, tendo a maioria ou mesmo a totalidade das responsabilidades. Porém, para o cuidado dos seus lares, contam com algumas ajudas importantes das suas redes sociais, constituídas sobretudo por familiares próximos do sexo feminino (mães e irmãs), mas também por vizinhos. A rede familiar demonstrou ser uma enorme fonte de apoio, quer na guarda dos filhos, quer financeiramente. Porém, os vizinhos também provaram ser uma fonte útil de apoio na guarda dos filhos e na partilha de informações (Favaro, 2009).

Alguns aspectos positivos da monoparentalidade feminina, em relação a masculina são que ao contrário do masculino, as mulheres geralmente têm um amplo sistema de apoio. As mulheres estão muitas vezes mais perto de amigos e familiares que possam ajudá-las em momentos difíceis e até mesmo ajudá-las na educação dos filhos. Os aspectos negativos da

monoparentalidade feminina são que as mulheres são menos remuneradas e por isso têm que trabalhar mais horas, o que as deixam com menos tempo para os filhos.

Outro factor importante é que estas famílias enfraquecem os estigmas sociais associados ao divórcio e à maternidade solteira e, indirectamente a legitimidade da instituição do casamento. Anteriormente, o casamento era visto como uma instituição inviolável. Uma pessoa que se separava era vista de forma preconceituosa pela sociedade e se houvesse filhos, era impensável, estes sobreviverem e serem bem cuidados por apenas um dos progenitores, com a monoparentalidade este estigma foi quebrado. Na realidade o que ocorreu foi que pais e mães em condição de monoparentalidade, conseguiram apesar das dificuldades, exercer seus papéis parentais igual ou até melhor do que com a presença do outro progenitor.

Em suma, “a maternidade envolve uma situação muito subjectiva que acaba não dependendo, necessariamente, da configuração da família. Existe uma série de outros factores tanto familiares (atitudes e comportamentos maternos, ausência do pai), como sociais (nível socioeconómico, escolaridade da mãe, rede de apoio social, prestígio profissional) e emocionais (aspectos subjectivos, estresse, depressão) que podem afectar, diferentemente, a dinâmica e o funcionamento de famílias de mães solteiras” (Marin & Piccinini, 2009:427).

O que realmente enaltece o valor do trabalho e a importância destas mães constantemente activas no ambiente familiar é sua abertura às transformações, haja vista que é irreal a existência de uma receita pronta do sucesso para educar os filhos e para manter uma família ideal, do contrário, exercer a maternidade pode se caracterizar num mero sacrifício.

A disposição para a mudança provoca evidentemente o rompimento das barreiras dos conhecimentos tradicionais e a quebra dos paradigmas, sem isto, é impossível que aconteça a renovação, principalmente das condutas que devem ser desencadeadas por uma reflexão contínua das acções.

Para encarar a responsabilidade de criar os filhos é fundamental a completa entrega de si a fim de explorar os recursos dispostos em cada realidade, tendo como finalidade encontrar o caminho propício para o desempenho qualitativo do papel monoparental e assim formar uma família harmónica.

Para (Sousa,2008), a estruturação satisfatória de um relacionamento familiar que traga benefícios ilimitados, para todos os envolvidos, engloba diversos factores interligados numa

rede permanente de troca. Deste modo, uma favorável formação emerge de uma construção diária e contínua onde os filhos são directamente envolvidos, uma vez que, interagir numa nova situação exige a participação de todos no processo de edificação das normas, hábitos e rotina em geral.

A comunicação e compreensão desencadeiam um espaço relativamente democrático no qual é indispensável a autoridade da mãe diante da função de estabelecer limites. Encontrar o equilíbrio entre abertura e firmeza mediada pela ordem e o afecto nem sempre é tarefa fácil, mas, o diálogo ainda é um dos canais mais significativos para que a família compreenda suas reais necessidades e a melhor forma de lidar com os eventuais problemas. (Sousa,2008:59)

## PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

### CAPÍTULO 5- OPÇÕES METODOLÓGICAS

---

Neste capítulo abordamos aspectos relacionados com a caracterização do estudo empírico e caracterização das participantes. No sentido de levar a cabo o estudo, a abordagem metodológica utilizada foi qualitativa, com o recurso da entrevista como método de recolha de dados.

#### **Pergunta de Partida**

A melhor maneira de começar uma investigação é criar uma pergunta de partida que tente exprimir ao máximo as intenções da investigação. Esta pergunta deve ser simples, clara, directa, exequível e pertinente. (Quivy e Campenhoudt, 1998)

#### **O Presente estudo tem por base a seguinte pergunta de partida:**

Conhecer quais os desafios enfrentados pelas famílias monoparentais femininas e como estas procuram superá-los?

#### **Pretende-se:**

- Compreender se estas mulheres, nestas famílias, mudariam a condição da monoparentalidade e porquê?
- Como estas mulheres perspectivam as questões da parentalidade e género?

#### **5.1- CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES**

Limitamos as nossas entrevistas a mulheres sós (em situação de monoparentalidade) com filhos até 12 anos de idade de forma aleatória, recorrendo à estratégia de saturação da informação, até a obtenção dos dados necessários aos objectivos propostos. É importante referir que neste caso foi utilizada a técnica de amostragem por bola de neve. Segundo Bryman e Bell (2007:200-207), na amostragem por bola de neve escolhe-se um grupo inicial de entrevistados por conveniência. Após a realização das entrevistas solicitamos às



entrevistadas que identificassem outros indivíduos que pertençam à população alvo para que assim entrássemos em contacto e caso aceite marcássemos a entrevista.

A amostragem e a integração de mais material são encerradas quando a “saturação teórica” de uma categoria ou grupo de casos for atingida, ou seja, quando não houver mais o surgimento de nada novo. Pelas suas características, a análise qualitativa nunca estuda muitos casos (Guerra,2006) deste modo, realizamos 18 entrevistas semi-estruturadas a mulheres em situação de monoparentalidade até ao ponto em que nos pareceu atingir o critério de saturação da informação, ou seja, até o momento que a realização de mais entrevistas não acrescentou nova informação à investigação. (Amaro,2006)

## **5.2- MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA**

Tendo em consideração os objectivos deste estudo, optamos pelo método qualitativo na medida que a revisão da literatura de maior relevância demonstrou-nos ser a metodologia que melhor atenderia o âmbito e os propósitos desta investigação (cfr. Amaro,2006 e Guerra,2006); Através da análise de dados qualitativos, pode-se aprofundar a compreensão dos componentes identificados, analisando o significado que os indivíduos e/ou grupos atribuem a um problema social ou humano (Creswel, 2010).

O presente estudo trata-se de um estudo exploratório e descritivo com método de análise de dados qualitativo. O estudo exploratório tem por finalidade proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato, sendo complementado pelo estudo descritivo, que visa identificar as características do fenómeno (Gil, 2010).

## **5.3 – A ENTREVISTA COMO MÉTODO DE RECOLHA DE DADOS**

Segundo Santos (2007), a entrevista permite recolher informação em profundidade sobre a perspectiva dos indivíduos acerca do que se pretende estudar. Esta técnica revela-se útil para se adquirir uma compreensão detalhada de determinado fenómeno ou realidade. Além disso, outra característica importante da entrevista em profundidade está no seu carácter interactivo, ou seja o entrevistador lança uma questão inicial sobre determinado tema e encoraja o entrevistado a expor o seu ponto de vista sobre o assunto. Normalmente as questões seguintes

estão no alinhamento da resposta dada pelo entrevistado à questão anterior. Desta forma, os dados recolhidos durante a entrevista resultam da interacção que se estabelece entre entrevistador e entrevistado.

Nas suas diferentes formas, os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interacção humana. (...) Os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele.” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 192). Para Rosa e Arnoldi (2008) a entrevista não é um simples diálogo, mas sim uma conversa orientada para um objectivo específico.

Conforme a literatura de relevância, a entrevista possui vantagens e desvantagens tais como:

#### Vantagens:

- ☐ Riqueza informativa (intensiva, holística, contextualizada e personalizada) e profundidade dos dados recolhidos. (Quivy e Campenhoudt, 1998; Rosa e Arnoldi, 2008)
- ☐ A flexibilidade e a fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais. (Quivy e Campenhoudt, 1998:194)
- ☐ Acesso a informação de difícil observação (Rosa e Arnoldi, 2008)

#### Desvantagens:

- ☐ Factor tempo (Quivy e Campenhoudt, 1998; Rosa e Arnoldi, 2008) – a entrevista consome muito tempo ao entrevistado, requerendo da parte deste uma grande disponibilidade de tempo desde a preparação até ao tratamento dos dados.
- ☐ Exigência de conhecimento profundo por parte do investigador (Quivy e Campenhoudt, 1998; Rosa e Arnoldi, 2008) – este método requer competências comunicativas específicas por parte do investigador para evitar, por um lado, a falta ou excesso de questionamentos e por outro, a demasiada flexibilidade que possa conduzir o entrevistador a “conversar de qualquer maneira”
- ☐ Tratamento - “Ao contrário, dos inquéritos por questionário, os elementos de informação e de reflexão recolhidos não se apresentam imediatamente sob uma forma que requeira um

modo de análise particular. (...) ... a flexibilidade do método pode levar a acreditar numa completa espontaneidade do entrevistado e numa total neutralidade do investigador.” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 194)

☐ Problemas de validação e flexibilidade (Rosa e Arnoldi, 2008)

De um modo geral, nas ciências sociais, a entrevista é adequada quando a investigação tem como objectivos “...a análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêm confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc; a análise de um problema específico: os dados do problema, os pontos de vista presentes, o que está em jogo, os sistemas de relações, o funcionamento de uma organização; a reconstituição de um processo de acção, de experiências ou de acontecimentos do passado” (Quivy e Campenhoudt, 1998:193) ou ainda “Nos casos em que o investigador tem questões relevantes, cuja resposta não encontra na documentação disponível ou, tendo-a encontrado, não lhe prece fiável, sendo necessário comprová-la” (Carmo e Ferreira, 1998:128).

Segundo (Carmo e Ferreira, 1998:133), na utilização da técnica de entrevista, devem ser tomados em consideração vários aspectos antes, durante e depois da entrevista:

#### Antes da entrevista deve-se:

- ☐ Definir o objectivo
- ☐ Construir o guia de entrevista
- ☐ Escolher os entrevistados
- ☐ Preparar as pessoas a serem entrevistadas
- ☐ Marcar a data, a hora e o local
- ☐ Preparar os entrevistadores (formação técnica)

#### Durante a entrevista:

- ☐ Explicar quem somos e o que queremos

- ☐ Obter e manter a confiança
- ☐ Saber escutar
- ☐ Dar tempo para aquecer a relação
- ☐ Manter o controlo com diplomacia
- ☐ Utilizar perguntas de aquecimento e focagem
- ☐ Enquadrar as perguntas melindrosas
- ☐ Evitar perguntas indutoras

#### **Depois da entrevista:**

- ☐ Registrar as observações sobre o comportamento do entrevistado
- ☐ Registrar as observações sobre o ambiente em que decorreu a entrevista

#### **Guião da Entrevista**

A construção do guião de entrevista, foi desenvolvido seguindo um fio condutor, deixando, no entanto, margem de manuseio ao entrevistador e as mulheres pertencentes às famílias monoparentais para explorar mais detalhadamente os aspectos da entrevista. Segundo Ruquoy (1997) o guião da entrevista não é um questionário, mas sim um sumário dos grandes temas a abordar, respeitando-se o mais possível a ordem de exposição de pensamento do entrevistado.

As questões incluídas na entrevista, procuraram abordar os temas de interesse deste estudo e atender ao referencial teórico que aprofundamos. Optámos por questões pouco directivas de forma a evitar influenciar as entrevistadas em suas respostas. As mães entrevistadas aparecem, neste estudo identificadas, alfanumericamente pela sigla E (Entrevistada) e número (de 1 a 18).

A aplicação das entrevistas decorreu ao longo de 3 meses, entre os meses de Março e Maio de 2013 e as mesmas foram realizadas em diversos locais e horários dependendo da disponibilidade das entrevistadas. O local de realização das entrevistas foi da escolha das

mesmas, visto que reconhecemos a importância do controle do território da entrevista, por parte do entrevistado, colocando-o mais à vontade (Guerra,2006).

Foi informado a todas as entrevistadas os objectivos da investigação e da importância de realizarmos a entrevista, bem como de que modo os resultados obtidos seriam divulgados. No início das entrevistas foi pedido a autorização para utilizarmos como meio de registo, a gravação, assegurando a confidencialidade. Terminamos as entrevistas através do agradecimento verbal pela disponibilidade.

A data e horário das entrevistas encontram-se na transcrição das entrevistas (Anexo 2). Todas as referências aos nomes foram substituídas por letras para garantir o anonimato.

## CAPÍTULO 6- ESTUDO EMPÍRICO

### 6.1- CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA AMOSTRA

No presente estudo foram estudadas 18 mulheres em situação de monoparentalidade com filhos até 12 anos de idade. A definição deste limite etário dos filhos, foi feita por acreditarmos que as crianças até esta idade possuem uma menor autonomia. Sendo assim, foi aplicada a entrevista modo método de recolha de dados.

#### Caracterização dos sujeitos entrevistados

Sujeitos	Idade	Estado civil	Idade do(s) filho(s)	Habilitações Literárias	Situação Profissional
E(1)	34 anos	Divorciada	05 anos	12º completo	Empregada
E(2)	35 anos	Divorciada	06 anos	12º completo	Empregada
E(3)	24 anos	Divorciada	05 anos	Licenciada	Desempregada
E(4)	35 anos	Solteira	07 anos	12º completo	Empregada
E(5)	27 anos	Solteira	06 anos	12º incompleto	Empregada
E(6)	42 anos	Divorciada	06 anos	12º completo	Empregada
E(7)	35 anos	Separação	05 anos	12º incompleto	Empregada
E(8)	28 anos	Separação	07 anos	Licenciada	Empregada
E(9)	47 anos	Separação	10 anos	Licenciada	Empregada
E(10)	43 anos	Separação	12 anos	Licenciada	Empregada
E(11)	35 anos	Divorciada	08 anos	12º incompleto	Empregada
E(12)	42 anos	Solteira	11 anos	Licenciada	Empregada
E(13)	42 anos	Solteira	08 anos	Licenciada	Empregada
E(14)	32 anos	Divorciada	18 meses	Licenciada	Empregada
E(15)	25 anos	Solteira	04 anos	12º incompleto	Empregada
E(16)	36 anos	Divorciada	07 anos e 16 meses	Licenciada	Empregada
E(17)	33 anos	Solteira	05 anos	Licenciada	Empregada
E(18)	27 anos	Solteira	05 anos	12º completo	Empregada

Podemos destacar conforme a tabela acima, que a maior parte das entrevistadas têm idades entre os 24 e os 36 anos (total de 13 mulheres) e as restantes entre os 42 e os 47 anos (total de 05 mulheres), predominantemente as entrevistadas são divorciadas e solteiras (7+7) e as restantes 4 são separadas (que não efectivaram à altura da entrevista o divórcio). Os filhos das mesmas têm idades entre os 16 e os 18 meses (2), entre os 04 e os 08 anos (14 filhos), e entre os 10 e os 12 anos (3).

As mulheres entrevistadas são licenciadas predominantemente (total de 9 mulheres), as restantes possuem 12º ano completo (total de 5 mulheres) e 12º incompleto (total de 4 mulheres). Perante a situação profissional grande parte as entrevistadas estão empregadas (total de 17 mulheres) e das restantes apenas 1 (uma) encontra-se desempregada.

## 6.2- ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas foi feita com recurso à análise de conteúdo, tendo sido definidas posteriormente as categorias de análise. Para Bardin, a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise de comunicação que visam obter procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.” (Bardin, 1979:42) Tendo em conta os objectivos do estudo, após a transcrição e leitura exhaustiva das entrevistas, estabelecemos 3 dimensões de análise (surgimento e percepção da monoparentalidade, gestão da monoparentalidade e género e papéis parentais nos cuidados à criança) com suas respectivas categorias.

### 6.2.1 - Quanto às dimensões “Surgimento e Percepção da Monoparentalidade”

#### - “Surgimento da Monoparentalidade”

A monoparentalidade surge no contexto de vida de nossas entrevistadas predominantemente através do divórcio/separação, num total de 11 casos entre as entrevistadas.

#### - “Percepção da Monoparentalidade”

Podemos verificar, que a percepção da monoparentalidade foi revelada para 10 entrevistadas como: frustrante, pois demonstraram em seus relatos medo, angústia, insegurança, etc, pelo facto de estarem sozinhas sem apoio financeiro e nos cuidados com seu (s) filho (s), como exemplificamos abaixo, com alguns excertos extraídos do quadro 1, anexo 3.

*“Não foi fácil, tive medo, porém nunca pensei em desistir (abortar). Eu sabia que seria difícil” (E:5)*

*“Não foi fácil na fase inicial, mas depois foi uma questão de hábito”. Comecei a enfrentar a realidade que eu estava sozinha com minha filha e que tudo o que eu fizesse seria para nosso benefício” (E:6)*

*“No início foi muito difícil, pois tive que me acostumar a cuidar dele sem a presença do pai em casa, a minha família não morava na mesma cidade e em virtude do meu trabalho tive que colocar o filho na escola muito mais cedo (E:8)*

Já para (6) das entrevistadas a percepção da monoparentalidade foi revelada de forma segura, pois relataram que lidaram bem com a situação de estarem sozinhas com seu (s) filho (s) e que enfrentaram de frente a situação. Podemos exemplificar com os excertos abaixo, extraídos do quadro 1, anexo 3.

*“Lidei bem, preparada. Não me assustou em nada cuidar do meu filho, sozinha” (E:4)*

*“Quando me separei do pai do meu filho vivia um inferno psicológico, ele era uma pessoa muito possessiva, egoísta, comodista e narcisista. Como não dependia dele financeiramente e como minha família me apoiou incondicionalmente nos primeiros tempos senti uma verdadeira paz e serenidade” (E:7)*

As restantes entrevistadas (2) demonstraram ambiguidade em suas respostas, o que não nos permitiu verificar ao certo a percepção da monoparentalidade das mesmas.

*“No fundo não se alterou em nada. O Pai era vendedor e sempre estava fora e nunca tinha tempo para estar com a filha. Fiquei mais assustada pela parte monetária (estava eu desempregada) do que pelo incumbimento de educar a minha filha sozinha” (E:2)*

*“Relativamente bem, a responsabilidade sempre foi maioritariamente minha e em nada tive medo” (E:16)*

Referente a percepção social, (4) de nossas entrevistadas, avaliaram de forma positiva a maneira pela qual a sociedade lida com a família monoparental feminina.

*O Estado não nos protege em nada, porém sinto-me amparada pelas pessoas que conhecem a mim e ao meu filho” (E:1)*

*“Acho que hoje em dia já não há qualquer tipo de discriminação. Apesar de na escola da minha filha, ela ser a única de pais divorciados nunca houve qualquer tipo de diferença no tratamento. Aliás por eu ser sozinha, as mães das amiguinhas da minha filha até me ajudam muitas vezes quando ando a trabalhar e não a consigo ir buscar, ou quando fica, no fim-de-semana com ela”. “De uma forma geral, a sociedade onde estou inserida tenta ajudar-me e facilitar-me a vida por ser sozinha” (E:2)*



*“Cada vez mais existem famílias monoparentais e a sociedade está mais aberta, mas acho que a própria progenitora tem de aceitar que está sozinha e não fazer disso um problema e sim uma opção de vida, uma conquista. A sociedade é composta por cada um de nós” (E:14)*

Todavia, grande parte de nossas entrevistadas (total de 14), avaliaram de forma negativa a reação da sociedade perante este tipo de família, podemos exemplificar com alguns excertos abaixo, extraídos do quadro 1, anexo 3.

*“A sociedade é preconceituosa, sinto isso na pele... As pessoas não são compreensivas. As mulheres são mais compreensivas e apoiam mais mulheres na minha situação, já os homens não são em nada compreensivos. Sinto-me desamparada pela sociedade quando vou marcar uma consulta médica, dentista” “Penso que as mães actualmente estão depressivas” (E:3)*

*“Reconheço que se não tivesse a ajuda dos meus pais estaria muito difícil. A sociedade é ainda preconceituosa, pois não ajuda, não dá incentivos. Não dá condições para se dar boas condições aos nossos filhos. “Estamos muito maus em assistência a famílias monoparentais” (E:4)*

*“A Sociedade aceita, mas ainda não está preparada para lidar com estas famílias” (E:7)*

*“A meu ver ainda há muitos preconceitos. Sobre tudo o da “mulher sozinha”. As outras mulheres, mesmo as que não se confessam infelizes, olham-nos com aquele ar superior de quem consegue manter um casamento como se de um estatuto se tratasse. Já os homens, tendem a valorizar mais uma “mãe/pai”, afastando-se porém de assumir compromissos com alguém que já traz na bagagem um filho para criar. Refazer a vida com uma nova relação afectiva não é fácil. É preciso encontrar uma pessoa de bem que nos ame de verdade e isso não é de todo fácil” (E:17)*

## **6.2.2- Quanto a dimensão “Gestão da Monoparentalidade”**

Perante a dimensão “Gestão da Monoparentalidade”, identificamos conforme quadro 2, anexo 3, relatos das entrevistadas que se distribuem pelas 5 categorias que constituem a dimensão em estudo: falta de tempo para si própria, dificuldade de estabelecer regras, pressão psicológica, dificuldades financeiras, dificuldade em conciliar trabalho e família, que exemplificamos com alguns excertos abaixo:

### **- Falta de tempo para si própria**

*“Muito complicado ser mãe a tempo inteiro. Cuidar dela, das responsabilidades, nunca faltar com nada (carinho, atenção, educar) ” (E:2)*

*“Sinto que é injusto o fato dele (o pai) não ter preocupações e poder fazer o que bem entende na hora que quer, pelo fato de muitas vezes eu querer fazer um curso ou até sair com as minhas amigas sem a minha filha junto e ver que isso foi um direito que só eu abri mão, sendo que teoricamente ele (pai) é tão responsável quanto eu” (E:15)*

#### **- Dificuldade em estabelecer regras**

*“Minha filha tem uma personalidade muito forte e para dar-lhe limites é o pior; Converso muito com minha filha como se fosse um plano, para tentar negociar a vontade dela que tenta sempre prevalecer” (E:3)*

*“Falta de tempo para fazer face a tudo o que é necessário - gerir prioridades; alguns assuntos não podem ser adiados e alguns assuntos estão à frente de tudo o resto (refeições; horas de dormir; escola) ” (E:12)*

#### **- Pressão psicológica**

*“Muito complicado “lutar” com o facto do pai de fim-de-semana não pagar a pensão, fazer só o que a filha pede, dar-lhe sempre tudo e deseducar-la nos breves momentos que estão juntos” (E:2)*

*“Falta total de apoio de minha família; ter que trabalhar, sem nenhum respaldo ou ajuda do pai ou de qualquer outra pessoa; a escassez de dinheiro. A Sociedade ainda vê a mulher sozinha como uma qualquer, sem conhecimentos, sem oportunidades, onde até o salário é menor” (E:10)*

*“Mãe não pode ficar doente, nunca me tinha acontecido, mas no início deste ano tive um problema de saúde que me obrigou a ficar de cama, foi um caos, tive que depender da minha mãe para tudo, foi muito complicado!” (E:6)*

*“É complicado gerir tanta coisa sozinha, garantir que tudo está pronto todos os dias à hora certa, desde as refeições à roupa. O “despachar de manhã” por vezes chega a ser penoso” (E:17)*

#### **- Dificuldades financeiras**

*“A única coisa má, por assim dizer, é fazer chegar o dinheiro até ao final do mês. Tive que fazer muitos cortes e muitas coisas supérfluas tais como doces, sumos, revistas e outras do género deixaram de fazer parte do nosso quotidiano. Algumas saídas também têm que ser bem planeadas porque a gasolina está muito cara” (E:13)*

*“Dinheiro, estudo... Tudo na verdade. Não posso mudar de casa ganhando pouco, pois preciso de duas a três vezes a mais que eu sozinha precisaria para não faltar nada para minha filha. Meu estudo é limitado pois não me posso mudar pelo mesmo motivo dito antes. Se eu mudar preciso de um emprego que pague bem e ainda assim onde encontrarei alguém de confiança para cuidar de minha filha enquanto eu estiver ausente” (E:18)*

### **- Dificuldade em conciliar trabalho e família**

*“Ter que trabalhar e estudar para criar minha filha, buscando dar-lhe uma educação responsável, sem nenhum respaldo ou ajuda do pai ou de qualquer outra pessoa” (E:10)*

Podemos evidenciar que as categorias pressão psicológica, falta de tempo para si própria são as preocupações mais evidenciadas pelo conjunto das pessoas entrevistadas, admitindo-se que sejam estas categorias a materialização dos principais focos preocupacionais das mesmas.

#### **6.2.2.1- Gestão dos desafios (superação)**

Das entrevistadas, 13 entrevistadas não evidenciaram em seus relatos formas de superação de seus desafios, apenas 5 apontaram formas de superação perante os desafios trazidos pela monoparentalidade, as mesmas relatam que obtiveram forças para a superação conforme excertos abaixo, extraídos do quadro 2.1, anexo 3.

### **- Pelo prazer de ser mãe**

*“Procuro superá-los com muita paciência, amor e um prazer enorme de ser mãe” (E:7)*

### **- Investimento no filho**

*“Tento superar as dificuldades no meu filho mesmo, pois sei que será uma grande pessoa...” (E:9)*

### **- Na tentativa de otimizar o tempo**

*“Recorro ao apoio da minha família e tento otimizar o tempo que os meus filhos passam com o pai para aquilo que não consigo fazer no dia-a-dia” (E:16)*

### **- Luta diária**

*“Superar estas questões é lutar dia-a-dia, vivendo e buscando crescer diariamente, sendo que até hoje ainda vivo esta situação. Um dia de cada vez, uma vitória a cada dia” (E:10)*

### **- Literatura de apoio**

*“Tento superar meus desafios, através da leitura de livros que me auxiliem para dar-lhe uma boa educação” (E:1)*

### 6.2.2.2- Gestão na Mudança da Condição da Monoparentalidade

Podemos destacar que a mudança da condição da monoparentalidade para 9 entrevistadas está condicionada a alguns factores como podemos exemplificar abaixo nos excertos extraídos do quadro 2.2, anexo 3.

#### - Ao bem-estar dos filhos

*“ Não está fora de questão, porém neste momento minha vida se resume: Trabalho – casa e a prioridade é minha filha. Tenho responsabilidade dupla, pois minha filha só tem a mim” (E:5)*

*“Eu mudaria sim sem problemas, desde que a relação com meu filho não fosse prejudicada. Teria mais filhos sim e casaria novamente sem problemas, mas tudo de uma forma a não prejudicar os meus sentimentos e do meu filho” (E:9)*

*“Mudaria desde que pudesse proporcionar aos meus filhos uma família equilibrada (E:16)*

#### - A devolver ao (s) filho (s) a representação masculina da paternidade

*“Mudaria... “Em Janeiro de 2011 voltei a casar-me porque achei que aquela pessoa seria o parceiro ideal para me ajudar a educar minha filha, e fazer o papel de “figura masculina” (E:2)*

#### - A partilha de tarefas com um futuro companheiro

*“Gostava sim de me juntar mas apenas se fosse do completo interesse do outro e se fosse alguém com quem pudesse contar para compartilhar tarefas” (E:7)*

#### - Condicionada a realização pessoal

*“Futuramente sim, por ser mulher e os filhos terão a vida deles” (E:3)*

*“ Se acontecesse sim, mas algo bem programado, casar e ter mais filhos. Mudaria sem constrangimentos, porém, não interessa agora, pois o que realmente interessa neste momento é o meu bem-estar e o bem-estar do meu filho” (E:4)*

*“Claro que sim. Ninguém fica sozinho com um filho a cargo por gosto, ou de ânimo leve. É sempre o resultado de alguma situação difícil de mágoa ou perda. Um filho é um projecto que se quer sempre sonhado a dois. Eu, como tantas outras mulheres, sempre sonhei encontrar o companheiro ideal, marido maravilhoso, pai perfeito e formar uma família grande e feliz. Ainda não aconteceu, mas espero e desejo encontrar a pessoa certa com quem possa reconstruir a minha família. Desejo, quero e sei que isso vai acontecer” (E:17)*

Podemos ressaltar ainda (8) mulheres que demonstraram a indisponibilidade para a mudança da condição da monoparentalidade podemos exemplificar:

*“Eu não alteraria a forma como vivo, pois estou habituada. Sinto-me segura. É mais fácil estar sozinha do que acompanhada. O meu amor de mãe vem primeiro e por isso não penso em mudar a questão da monoparentalidade da minha família” (E:1)*

*“Não me sentiria bem, pois estou acostumada com a situação que vivo, apenas eu e meu filho” (E:8)*

*“Penso que não é fácil aprender a partilhar a vida depois destes anos todos a tomar conta do barco sozinha. Ia ser difícil deixar outra pessoa ajudar a educar a minha filha” (E:12)*

*“Não mudava nada. Não mudava, porque todo este processo também foi aprendido” (E:6)*

E, ainda 1 entrevistada demonstrou ambiguidade em sua resposta, na medida em que não tomou uma posição concreta relativamente à mudança.

### **6.2.3 – Quanto a dimensão “Género e papéis parentais nos cuidados à criança”**

Conforme quadro 3, anexo 3, nossas entrevistadas evidenciaram em suas respostas 2 categorias que atribuem – os papéis parentais nos cuidados à criança a ambos (a mãe e ao pai) ou apenas à mãe – como podemos exemplificar com alguns excertos que se seguem:

#### **- Papéis parentais atribuídos a mãe e ao pai**

*“Acho que hoje em dia não será tanto por ser pelo pai ou pela mãe. Hoje em dia muitos pais são muito bons cuidadores, tal como há mães que são melhores cuidadoras. Acho que isso depende muito da pessoa e do carácter de cada pessoa e não propriamente de ser o pai ou a mãe” (E:2)*

*“Não existe diferença, o que importa é o amor que se dá e a qualidade dos valores que se passam, seja o progenitor pai ou mãe” (E:6)*

*“No meu caso, felizmente, acho que escolhi um excelente pai para a minha filha. Apesar de não termos dado certo, o facto de ele adorar ser pai e já ter outros filhos ajuda muito na experiência que tem e demonstra. Contudo, há os toques de mãe que só nós damos, a atenção ao detalhe, o creme no rosto, o totó bem feito, os sapatos limpos. No meu caso são rigores de higiene e apresentação. Quanto ao afecto, vejo que a minha filha recebe em proporções equilibradas o nosso amor. Vem para mim com a mesma felicidade com que vai para o pai e*

*isso demonstra que está bem com ambos. Não rejeita nenhum em detrimento do outro e se lhe perguntam de quem gosta mais, automaticamente responde: do papá e da mamã” (E:17)*

#### **- Papéis parentais atribuídos à mãe**

*“Há diferença sim entre homens e mulheres de cuidar de seus filhos”. “ Se o meu filho estivesse com meu ex-marido o meu filho não estava bem cuidado e amparado” (E:1)*

*“Costumo dizer que as mães são mais cuidadosas por serem mais detalhistas, meticolosas, os homens não são detalhistas como nós”. E quando criança, é necessário um apoio e acompanhamento muito sistematizado, e acredito que as mães são mais propensas e disponíveis a essa tarefa” (E:8)*

*“Sim, pois normalmente as mães são mais companheiras, envolvidas, atenciosas, carinhosas e comprometidas. Os homens não são tão comprometidos nos cuidados dos filhos quanto as mães, eles não tem coragem de vistoriar por exemplo o caderno dos filhos todos os dias, e nós, mães sempre estamos envolvidas em qualquer situação” (E:9)*

## CAPÍTULO 7- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

Relativamente a primeira dimensão de análise surgimento e percepção da monoparentalidade, a monoparentalidade surge no contexto de vida de nossas entrevistadas predominantemente através do divórcio/separação, num total de 11 casos entre as entrevistadas. Verifica-se uma tendência significativa no contexto da monoparentalidade para a desconjugalização das entrevistadas, releva-se no estudo o número que nos parece interessante (7) mulheres solteiras, que assumem convictamente a maternidade. Na medida em que o estudo não pretendeu averiguar aspectos sociológicos ligados a uma nova visão da maternidade, não podemos inferir que se trate de um novo comportamento social (assunção da maternidade enquanto solteiras), Sendo no entanto curioso que entre as 18 entrevistadas haja quase 39% (7) na condição de solteiras.

Ao lermos os resultados relativos a percepção da monoparentalidade no conjunto das 18 entrevistadas, e se excluirmos 2 casos que deram respostas ambíguas (não concretamente interpretáveis) não podemos deixar de reflectir no elevado número de mulheres que apresentam uma percepção positiva da monoparentalidade, não obstante, 10 revelarem aspectos “negativos”, como: frustração, medo, angústia, etc. As 6 entrevistadas que apresentam uma visão positiva no contexto da monoparentalidade, curiosamente de 3 para 3, limitam-nos na interpretação destes resultados, na medida em que o empate não é revelador de qualquer evidência, em função da situação da monoparentalidade, isto é, divorciadas/separadas x solteiras.

No que diz respeito a categoria percepção social, verifica-se que a esmagadora maioria das entrevistadas (14 para 4), assumem que a sociedade continua a estigmatizar a situação da monoparentalidade feminina por várias vias, designadamente pela falta de respostas sociais de apoio, seja economicamente, seja pelo fornecimento de equipamentos sociais e programas de intervenção dirigidos a este público.

Quando nos debruçamos sobre a segunda dimensão de análise gestão da monoparentalidade, e tendo em conta as 5 respostas dadas em 18 possíveis na categoria falta de tempo para si própria, parece-nos mais ou menos evidente que há uma discrepância entre estes dois valores.

Essa discrepância pode ter a ver com o facto de, em nossa opinião, algumas das entrevistadas terem abordado implicitamente a questão, sem contudo explicitarem objectivamente a consciencialização da falta de tempo para si própria.

No que diz respeito a categoria dificuldade de estabelecer regras, o facto de apenas (2) entrevistadas revelarem este aspecto, pode apontar para, no conjunto das 18 entrevistadas a esmagadora maioria destas se ter ajustado a situação de monoparentalidade, na generalidade dos casos com o apoio de terceiros, geralmente familiares.

Os 10 casos que responderam afirmativamente a questão da pressão psicológica, apresentam pontos vulneráveis às adversidades geradas pela e vividas pela monoparentalidade. Embora em alguns dos restantes 8 casos se tenham indiciado resquícios de factores ligados à pressão psicológica, não os identificamos como tal nesta categoria, por não termos elementos suficientes que identificassem um estado efectivo de pressão psicológica.

No capítulo das dificuldades financeiras sentidas pelas entrevistadas, onde apenas (4) referem este problema é de notar que estas associam o problema financeiro ao facto de, na condição de monoparentalidade serem elas a assumir todas as despesas, sem qualquer tipo de apoio externo, situação agravada com o auferirem baixos salários. As 14 restantes entrevistadas não se referem a dificuldades financeiras sentidas, provavelmente por razões multifactoriais, onde o apoio familiar é um deles, bem explícito no discurso daquelas, sendo de admitir também embora neste caso, não tenhamos conseguido elementos suficientes para afirmar este facto, que algumas entrevistadas terão omitido a questão das dificuldades financeiras, talvez por preconceito.

O facto de apenas (1) entrevistada revelar dificuldades em conciliar trabalho e família pode ser objecto de várias leituras. Na verdade esta entrevistada apresenta características que podem dar corpo a tais dificuldades, neste caso, a longa distância relativamente aos familiares, o que parece induzir na entrevistada um sentimento de solidão/abandono, que nem o trabalho consegue desfazer. As restantes 17 entrevistadas não explicitam esta dificuldade, sendo a mesma perceptível, mas que não evidenciamos, por não estar claramente explícita no discurso das mesmas.



Das entrevistadas, apenas 5 apontaram formas de superação perante os desafios trazidos pela monoparentalidade, as mesmas relatam que obtiveram forças para a superação dos desafios pelo prazer de ser mãe; na aposta e a certeza de que o filho será uma grande pessoa, na tentativa de otimizar o tempo nos momentos que as crianças estão com o pai ou com a família, na luta diária, na busca de crescimento diário, e através da leitura de livros para auxílio na educação. As restantes 13 entrevistadas não evidenciaram em seus relatos formas de superação de seus desafios.

Na categoria gestão na mudança da condição da monoparentalidade, que por conveniência de estudo subdividimos em (5) itens – condicionada ao bem-estar do (s) filho (s), devolver ao (s) filho (s) a representação masculina da paternidade, a partilha de tarefas, condicionada a realização pessoal, e indisponibilidade para a mudança – como pode ser verificado no quadro 2.2, anexo 3, há quase um empate nos resultados (disponibilidade/indisponibilidade), tendo apenas (1) entrevistada dado resposta ambígua. Assim, as entrevistadas que manifestaram indisponibilidade para a mudança argumentaram essencialmente o receio de perturbação na estabilidade dos filhos, receio de uma nova experiência frustrante e desinteresse em reorganizar uma vida em comum com uma terceira pessoa.

Das 9 entrevistadas que se mostraram disponíveis para a mudança na monoparentalidade, foram referidos argumentos como: uma possível melhoria no bem-estar dos filhos e um reforço em sua realização pessoal, para além de um partilhar de tarefas com possível companheiro, o que as aliviaria a carga dos cuidados familiares.

Chegados a terceira dimensão, género e papéis parentais nos cuidados à criança e perante a questão colocada – se as entrevistadas identificam diferenças de género no cuidar da criança – se excluirmos 4 respostas ambíguas, isto é, inconclusivas relativamente a questão posta, encontramos uma relação de 8 para 6, a favor da diferença de tratamento em função do género, em que o primeiro valor se refere explicitamente a entrevistadas que assumem que a mãe é melhor cuidadora que o pai, por diferentes motivos entre os quais destacamos: melhor apoio à criança, mais afecto, estabelecimento de relação mais próxima, mais atenção, etc.

As outras 6 entrevistadas referem explicitamente não haver diferenças de género no cuidar da criança, sendo tudo uma questão de organização e investimento independentemente do género. Curiosamente, ou talvez não é de salientar o facto de nenhuma das entrevistadas haver

assumido que o pai pode ser melhor cuidador. Defesa do género? Questão para a qual não temos resposta.

## CONCLUSÃO

---

Apesar de esta investigação ter sido um estudo exploratório restritivo a apenas 18 entrevistadas, podemos retirar dela conclusões como:

Sobre o surgimento e percepção da monoparentalidade, podemos concluir que esta surge no contexto de vida de nossas entrevistadas predominantemente através do divórcio/separação, ou seja, desconjugalização das entrevistadas, num total de 11 em 18.

Face a percepção da monoparentalidade, há prevalência de entrevistadas a revelarem aspectos negativos daquela, ou seja, lidaram com dificuldades principalmente no início da monoparentalidade de suas famílias. Na opinião de nossas entrevistadas, a sociedade continua a estigmatizar, através de poucas respostas sociais de apoio, seja economicamente, seja pela falta de equipamentos sociais e programas de intervenção dirigidos às famílias monoparentais femininas.

Quanto ao factor superação dos desafios, podemos concluir que a maioria das mulheres (13) que participaram de nosso estudo, não salientaram formas de superação de seus desafios, o que nos permite dizer que a pressão psicológica, a sobrecarga de tarefas, as dificuldades financeiras e a falta de tempo para si mesmas, impedem que estas pensem em superação, fazendo que haja um círculo vicioso: trabalho-filho-casa/trabalho-filho-casa...

No conjunto das 18 entrevistadas apenas 5 evidenciaram estratégias de superação dos desafios, revelando uma estabilidade equilibrada na gestão do conceito de família monoparental.

Perante a mudança da condição da monoparentalidade, enquanto um grupo de entrevistadas demonstrou disponibilidade para a mudança, o outro não; podendo concluir que tanto para aquelas mães que possuem disponibilidade para a mudança, como aquelas que não, ambas preocupam-se com o bem-estar do (s) filho (s), condicionando a mudança ou até mesmo negando esta mudança, para não perturbar a estabilidade dos filhos. As entrevistadas que demonstraram indisponibilidade para a mudança da monoparentalidade, afirmam que o processo da monoparentalidade trouxe aprendizado e demonstraram estar habituadas com o facto de serem elas e seus filhos e que dificilmente alterariam esta situação.

Outro dado obtido com este estudo foi a forte idéia de que a mulher é a principal cuidadora dos filhos, responsável pelas tarefas domésticas e da organização familiar, o que nos permite concluir que há a idéia explícita de que a mãe cuida melhor do (s) seu (s) filho (s). Assim, não encontramos nenhuma declaração que atribuisse vantagens nos cuidados às crianças ao pai, pelo contrário muitas de nossas entrevistadas desqualificam os pais de seus filhos como cuidadores, o que nos permite afirmar haver a prevalência da parentalidade em função do género (em favor do feminino).

Esta pesquisa foi importante para a obtenção de maior conhecimento a respeito dos estudos de género e conseqüentemente da mulher, especialmente sobre os desafios da mulher na condução da família monoparental, na qual a figura feminina é ponto central.

Como futuras propostas seria interessante, desvendar qual a leitura que os pais, antes inseridos numa família nuclear, fazem sobre a monoparentalidade feminina? Para uma segunda proposta conhecer quais são os factores emocionais e sociais da monoparentalidade feminina na adolescência (12-18 anos)? E, uma última proposta, identificar quais os desafios da monoparentalidade no masculino e suas perspectivas de parentalidade e género, para fazer um paralelo com este estudo.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ALARCÃO, M. (2006). *(Des) Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- AMARO, “*Métodos e Técnicas de Investigação Qualitativa*”, (pp. 161-176) in Martins, Manuel M., (org.), (2006), *Comunicação e Marketing Político, contributos pedagógicos*, vol. 1, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- AMATO, P. R. & GILBRETH, J. G. (1999). *Nonresident fathers and children’s well-being: a meta- analysis*. Journal of Marriage and the Family, 61, pp.557-573.
- ARAÚJO, M. F. (1993), *Família igualitária ou democrática? As transformações atuais da família no Brasil*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação (Mestrado).
- BANDEIRA, L. (2005), *Avançar na transversalidade da perspectiva de género nas políticas públicas*. Convênio: Comissão Econômica para América Latina e Caribe – CEPAL e Secretaria Especial de Política para as Mulheres – SPM, Brasília, pp.7.
- BARDIN (1979), *Análise de Conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- BARNETT, R. C. E HYDE J.S (2001), “ *Women,men,work, and family: an expansionist theory*”, American Psychologist, 56 pp.781-796
- BERTHOUD, C. (2003). *Re-significando a parentalidade. Os desafios de ser pais na actualidade*. Taubaté: Cabral Editora Universitária.
- BORLOTT, A.M.M, & TRINDADE, Z.A (2004), *As Tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico*. Revista Estudos de Psicologia, 9,1,pp.63-70.
- BOTTOLI, C. (2010). *Paternidade e separação conjugal: a perspectiva do pai*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Psicologia da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria.
- BRASILEIRO, R. F., JABLONSKY, B., & FÉRES- CARNEIRO, T. (2002). *Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização*. Psico, 33(2), 289-310.
- BRITO. F.S.,(2008) *Mulher chefe de família: um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina*, in Revista Urutágua- revista acadêmica multidisciplinar – Nº 15 – abr./mai./jun./jul. – Quadrimestral – Maringá – Paraná – Brasil.

- BRITO, L. M. T. (2002). *Sobre pais e filhos: contribuições da psicologia jurídica ao direito de família*. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicologia, Ciência e Profissão, São Paulo, SP.
- BRYMAN, A., e BELL, E. (2007). *Business research methods*. 2-nd edition. Oxford: Oxford University Press.
- BUCHER, Júlia S. N. F. (1999). *O casal e a família sob novas formas de interação*. In Féres-Carneiro, T. *Casal e família: entre a tradição e a transformação* (pp. 82- 95). Rio de Janeiro: Nau.
- BUISSON M., MERMET, J. C. e ROULLEAU-BERGER L., (1985): *Dynamiques de la divortialité et Pratiques de Garde*, Relatório do Serviço de Coordenação da Investigação do Ministério da Justiça, pp.256.
- BURKE (2000), *P. História e Teoria Social*, São Paulo:Unesp
- CARMO e FERREIRA, M. M. (1998), *Metodologia da Investigação – Guia para Auto Aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.
- CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. (2001), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CARVALHO, L. (1998), “*Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida*”. In: Revista Serviço Social e Sociedade. Nº 57. Ano XIX. São Paulo: Cortez.
- CASACA, S. F. (2005), “*Flexibilidade de Emprego, novas Temporalidades de Trabalho e Relação de Género – A reconfiguração de desigualdade nos novos sectores dos serviços*”, Dissertação de Doutoramento, ISEG-UTL.pp.437.
- CITE (2009). *Relatório sobre o progresso da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens no trabalho, no emprego e na formação profissional, 2006-2008*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Ministério da Educação.
- COOPER, C. L. & LEWIS, S. (2000) *E agora, trabalho ou família: pais e mães que trabalham fora aprendem como enfrentar as sobrecargas profissionais e familiares do dia-a-dia*. São Paulo: Tamisa.
- CORREIA, I. (2002). *Famílias monoparentais – Uma família, um caso...* Rev Port Clin Geral, 18,pp. 241-249.
- COSTA, D. D. (2002). *Famílias monoparentais: reconhecimento jurídico*. Rio de Janeiro: AIDE Editora, p. 55
- COSTA, R. (2004) “*Filhos da idade, filhos da maturidade*”, Comunicação no II Congresso de Demografia – setembro 2004, in <http://www.apademografia/global>.

- CRESWEL, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3a. Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- DANTAS, C. R. T., JABLONSKI, B., & Féres- Carneiro, T. (2004). *Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal*. Paidéia, 14 (29), 347-357.
- DAUPHIN, C., “Mulheres sós”, in DUBY, Georges, PERROT, Michelle (dir.) “*História das Mulheres no Ocidente*”, vol.4, FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle (dir.),” O Século XIX”, (1994) Porto, Edições Afrontamento, pp. 477-493
- FARIA, G.S.S. & BARHAM, E.J.(2004) *Uma análise do equilíbrio trabalho e família no contexto brasileiro*. Revista Núcleos, 3(1), out./abr., p. 33-38.
- FLECK, A. C.; FALCKE, D. & HACKNER, I. T. (2005). *Crescendo menino ou menina: a transmissão dos papéis de gênero na família*. In Wagner, A. (org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- GIDDENS, A. (2000), “*O Mundo na Era da Globalização*” 1ª Edição, Lisboa, Editorial Presença.
- GIL, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª. Ed.). São Paulo: Atlas
- GOLSE, B. & BYDLOWSKI, M. (2002). *Da transparência psíquica à preocupação materna primária: uma via de objetalização*. In: Corrêa Filho, L., Corrêa Girade, M. H. & França, P. (Orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E. Editora.
- GOLSE, B. (2006). *L’être-bébé*. Paris: PUF.
- GREEFF, A., & MERWE, S. (2004). Variables Associated with resilience in divorced families: Social Indicators Research, 68 (1), 59-75.doi:10.1023/B:SOCI.0000025569.95499.b5
- GREEFF, A., & RITMAN, I. (2005). *Individual Characteristics Associated With Resilience in Single- parent Families*. Psychological Reports, 96, 36-42. doi: 10.2466/pr0.96.1.36-42
- GUERRA, I. C. (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, Estoril: Principia.
- HENNIGEN, I., & GUARESCHI, N. M. F. (2002). *A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais*. Psicologia & Sociedade, 14(1), 44-68.
- HILL, J. (2005). *Work-family facilitation and conflict, working fathers and mothers, work-family stressors and support*. Journal of Family Issues, 26(6), 793-819.
- HOUZEL, D. (2004). *As implicações da parentalidade*. In: Solis-Ponton, L. (Org.). *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- JABLONSKI, B. (1998). *Até que a vida nos separe*. Rio de Janeiro: Agir.
- JULIEN, P. (2000). *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- KIRCHMEYER, C. (1993). *Nonwork-to-work spillover: a more balanced view of the experiences and coping of professional women and men*. Sex Roles, 28(9/10), 531- 552.
- KOLBENSCHLAG, M. (2001) *Adeus, bela adormecida: a revisão do papel da mulher nos dias de hoje*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva.
- KONICHEKIS, A. (2008). *De génération en génération: la subjectivation et les liens précoces*. Paris: PUF.
- KRUK, E. (1991). *Discontinuity between pre and post-divorce father-child relationships: New evidence regarding paternal disengagement*. Journal of Divorce & Remarriage, 16, pp.195- 227.
- KUPER, A. (1999) - *Culture. The Anthropologists Account*. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts/London, England.
- LAING, R. D. (1983). *A política da família*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- LAMB, M. E., PLECK, J. H., CHARNOV, E.L. & LEVINE, J.A. (1985). *Paternal behavior in humans*. American Zoologist, 25, pp.883-894.
- LAMELA, D. (2009). *Desenvolvimento após o Divórcio como Estratégia de Crescimento Humano*. Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum., 19, 114-121
- LIPMAN, E., OFFORD, D., & BOYLE, M. (1997). *Single mothers in Ontario: sociodemographic, physical and mental health characteristics*. Canadian Medical Association, 156, 639-645.
- LOBO, C. (1996). *Padrastos no cotidiano: estratégias de construção social do papel do padrasto*, Sociologia, Problemas e Práticas, 19.
- MARIN, A., & PICCININI, C. (2009). *Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura*. PSICO, 40, 422-429.
- MARSHALL, N., & BARNETT, R. (1993). *Work-family strains and gains among two-earner couples*. Journal of Community Psychology, 21, 64-78.
- MARSIGLIO, W. (1995), *Fatherhood scholarship: An overview and agenda for the future*, in W.Marsiglio (coord), *Fatherhood. Contemporary Theory, Research and Social Policy*, Thousand Oaks, Calif., Sage.
- MARTINS, C. (1995), *Famílias Monoparentais e vivência escolar, atitudes de alunos do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado, Universidad de Extremadura, Coimbra, Texto Policopiado.



- MELER, I. (s. d.). *Familias en transición: nuevas estrategias terapéuticas*. Conferência proferida no X Congreso Argentino de Psicología.
- MINUCHIN, S. FISHMAN, C.H. (1981), *Family Therapy Techniques*. Harvard, University Press.
- MOSS, Peter, “*Conciliação da vida profissional com a vida familiar para as mulheres e para os homens*”, Actas do Seminário, in Cadernos da Condição Feminina, nº 39, CIDM, Ministério do Emprego e da Segurança Social
- MORGADO, B., GONZÁLEZ, M., & JIMÉNEZ, I. (2003). *Familias Monoparentales: Problemas, Necesidades Y Recursos*. Portularia, 3, pp.137-160.
- NIELSEN, L. (1999). *Demeaning, demoralizing and disenfranchising divorced dads: a review of the literature*. Journal of Divorce & Remarriage, 31 (3-4), pp.139-177.
- NÚNCIO, M<sup>a</sup> J. S. (2008), *Mulheres em dupla jornada: a conciliação entre o trabalho e a família*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- PAIS, J. M.(2006), “*Nos Rastos da Solidão*”, Porto, Âmbar.
- PERISTA, H. (2002), “*Género e Trabalho não pago: os tempos das mulheres e os Tempos dos Homens*”, Análise Social, nº163,pp,447-474.
- PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. (2007). *Novos arranjos familiares: paternidade e relações de género sob o olhar de mulheres chefes de família*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol.19, n.2, pp.57-69.
- RAMIRES, V. R. (1997). *O exercício da paternidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- RAPOPORT, A., & PICCININI, C. A. (2006). *Apoio Social e Experiência da Maternidade*. Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum., 16, 85-96.
- REGO, C. (2008). *A mãe e o pai vão separar-se: falar com os filhos sobre a separação conjugal*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- ROSA, M. e ARNOLDI, M., A.G.C. (2008), *A entrevista na pesquisa qualitativa - mecanismos para validação dos resultados*, Belo Horizonte: Autêntica.
- ROSAS, M, (2009). *Mães que trabalham fora, cuidado com a culpa*. Tradução All Tasks. – São Paulo: Cengage Learning,. – (Coleção aprender para crescer). Título original: Mamás que trabajan, cuidado con la culpa.
- RUQUOY, D. (1997). *Situação de entrevista e estratégia do entrevistador*. In L. Albarello, F. Digneffe, J-P. Hiernaux, D. Ruquoy, P. Saint-Georges, (Eds.) *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp.84-116) Lisboa: Gradiva.

- SANTOS, G. (2007). *O desenvolvimento de carreira dos acadêmicos: Uma análise centrada na relação entre o trabalho e a família*. Tese de doutoramento em Ciências Empresariais, ramo de organização e políticas empresariais. Braga: Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho.
- SARACENO, C. e NALDINI, M. (2003). *Sociologia da Família*, Lisboa: Editorial Estampa.
- SARTI, C.A. (2007) *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*, 4ª ed. São Paulo: Cortez, v.1. 152 p.
- SOUSA, A.P. (2008) *Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x famílias monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Franca-SP.
- SCOTT, J.(1995). *Género: uma categoria útil para a análise histórica. Educação e Realidade*, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v.20, n. 2.
- SEGALEN, M. (2000), *Sociologie de la familles*, 5 ed. Paris: Armand Colin p.293
- SILVA, M. R. (2003). *Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento paterno de pais que residem e pais que não-residem com seus filhos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.
- SILVA, M. R. & PICCININI, C. A. (2004). *O envolvimento paterno em pais não-residentes: algumas questões teóricas*. *Revista Psico*, 35 (2), 185-194.
- SOUSA, A. P, *Famílias monoparentais masculinas: um estudo sobre sua estrutura e organização*. (2004). 186 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.
- SOUZA, C. L. C., & BENETTI, S. P. C. (2009). *Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007*. *Paidéia*, 19(42), 97-106.
- STAUDT, A. C. P. (2007). *Paternidade em tempos de mudança: uma reflexão sobre a contemporaneidade*. In Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre.
- STERN, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SULLEROT, E (1993), *Que pais? Que filhos?* Lisboa, Relógio D'água.
- TORRES, A. C., SILVA, F. V., MONTEIRO, T. L., CABRITA, M. (2005). *Homens e mulheres entre família e trabalho*. 2ª Edição, Lisboa: Direcção Geral de Estudos, Estatística e Planeamento.

- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª edição, Lisboa: Gradiva.
- VAITSMAN, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- VAZ, C; RELVAS, A., (2002). *Monoparentalidade: Uma família à Parte ou Parte de uma Família?* Em A. Relvas, & M. Alarcão (Eds.), *Novas Formas de Família*, (pp. 245-298). Coimbra: Quarteto.
- VITALE, M. A. F. (Org.), (2002). *Família Redes, Laços e Políticas Públicas*. 2.ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP.
- WAGNER, A. (2002). *Possibilidades e Potencialidades da Família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento*. In Adriana Wagner (Org.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (23-38). Petrópolis: Vozes.
- WALL, K. (2003). *Famílias Monoparentais*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 51-66.
- WALLERSTEIN, J. S. & KELLY, J. B. (1998). *Sobrevivendo à separação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ZORNIG A. J. S.M. (2010), *Torna-se pai, torna-se mãe: o processo de construção da parentalidade*, *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro v.42-2 p.453-470.

## DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

- BLAY, Eva Alterman. *Violência contra a mulher e políticas públicas*. Estudos Avançados Estud. av. vol.17 nº.49 São Paulo Sept./Dec. 2003. Print version ISSN 0103-4014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielophp?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300006](http://www.scielo.br/scielophp?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006).  
acedido em: 01/03/2013
- FAVARO, C. (2009). *Ser pai e mãe ao mesmo tempo: organização domestica, estratégias familiares e redes sociais de mulheres chefes de domicílios monoparentais*. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000447042> acedido em 13/06/ 2013.
- INE (2011). *Relatório sobre o progresso da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens no trabalho, no emprego e na formação profissional, 2010*. Disponível em: [http://www.portugal.gov.pt/media/365226/rel\\_igualdade\\_trabalho\\_2010.pdf](http://www.portugal.gov.pt/media/365226/rel_igualdade_trabalho_2010.pdf) acedido em: 01/05/2013
- MENDES, M. A. (2002), *Mulheres Chefes de Família: a complexidade e ambiguidade da questão*. Trabalho apresentado o XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro.

Disponível em:  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_Gen\\_ST38\\_mendes\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_Gen_ST38_mendes_texto.pdf)  
acedido em: 05/05/2013

NEGREIROS, T. C. G. M.; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Masculino e feminino na família contemporânea*. Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 4, nº1, 1º semestre, 2004. Recebido em: 02/09/03 e aceito para publicação em: 04/08/04. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004).  
acedido em: 10/04/2013

## ANEXOS

### ANEXO 1 - GUIÃO DA ENTREVISTA

---

1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?

2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?

3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?

4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?

5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do (s) seu (s) filho (s) sozinha? Como procura superá-los?

6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?

## ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

---

### E.1- (ENTREVISTADA 1)

Data 08/03/2013

Hora: 10 h 30m

Duração: 00:15:05

#### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

A Monoparentalidade deu-se através da separação.

#### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“No início foi angustiante, várias vezes senti-me insegura ao pensar que teria que cuidar sozinha do meu filho, mas com o apoio da minha família tudo foi mais fácil”.

#### **3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Eu não alteraria a forma como vivo pois estou habituada. Sinto-me segura. “É mais fácil estar sozinha do que acompanhada”. O meu amor de mãe vem primeiro e por isso não penso em mudar a questão da monoparentalidade da minha família”.

#### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“O Estado não nos protege em nada, porém sinto-me amparada pelas pessoas que conhecem a mim e ao meu filho. “As pessoas conhecidas oferecem prendas ao meu filho”. “Elas têm pena de mim e dão prendas ao meu filho como forma de apoio”.

#### **5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“O meu maior desafio é em educar o meu filho da melhor maneira. Tento superar este desafio através da leitura de livros que me auxiliem para dar-lhe uma boa educação, conversando com pessoas mais velhas que possuem mais experiência do que eu, mas não é nada fácil!”

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Há diferença sim entre homens e mulheres de cuidar de seus filhos”. “ Se o meu filho estivesse com meu ex-marido o meu filho não estava bem cuidado e amparado”. “ Se o meu filho estivesse com o pai o mesmo já o teria entregado a avó paterna”. “ Se o meu filho estivesse com meu ex-marido não estaria bem cuidado de certeza”.

**E.2- (ENTREVISTADA 2)**

Data:15/03/2013

Hora:19 h 00m

Duração:00:20:12

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“A Monoparentalidade deu-se através da separação quando minha filha tinha 12 meses e o divórcio foi concluído quando ela tinha 18 meses”.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“No fundo não se alterou em nada. O Pai era vendedor e sempre estava fora e nunca tinha tempo para estar com a filha. Fiquei mais assustada pela parte monetária (estava eu desempregada) do que pelo incumbimento de educar a minha filha sozinha”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Mudaria...” “Em Janeiro de 2011 voltei a casar-me porque achei que aquela pessoa seria o parceiro ideal para me ajudar a educar a Carolina e fazer o papel de “figura masculina”. Enganei-me e a coisa não correu bem. Relata ainda que “ Gostaria muito que ela fosse criada numa família nuclear normal para ter mais segurança e equilíbrio”. Eu própria vim de um lar desestruturado e senti essa falta”.

“Eu acho a minha filha muito adulta... sempre que algo corre mal normalmente ela é a pessoa mais “adulta” cá em casa. Ela diz: Ô mãe! Ele não gosta de ti, deixa-o ir embora, também não tenho namorado!” e quando há cenas românticas ou músicas românticas ela tapa me os olhos e diz que só existem na televisão e não na vida real.”

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Acho que hoje em dia já não há qualquer tipo de discriminação. Apesar de na escola da minha filha, ela ser a única de pais divorciados nunca houve qualquer tipo de diferença no tratamento. Aliás por eu ser sozinha, as mães das amiguinhas da minha filha até me ajudam muitas vezes quando ando a trabalhar e não a consigo ir buscar, ou quando fica, no fim-de-semana com ela”. “De uma forma geral, a sociedade onde estou inserida tenta ajudar-me e facilitar-me a vida por ser sozinha”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Muito difícil ser mãe a tempo inteiro. Cuidar dela, das responsabilidades, nunca faltar com nada (carinho, atenção, educar) ”. “Muito complicado “lutar” com o facto do pai de fim-de-semana não pagar pensão, fazer só o que a filha pede, dar-lhe sempre tudo, e deseducá-la nos breves momentos que estão juntos. Difícil estar sempre presente e trabalhar para sustentar e nunca ter tempo para mais nada. É mesmo assim sentir que se faz tudo mal”. “Nem penso em como superar os meus desafios pois o dia-a-dia é muito stressante”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Acho que hoje em dia não será tanto por ser pelo pai ou pela mãe. Hoje em dia muitos pais são muito bons cuidadores, tal como há mães que são melhores cuidadoras. Acho que isso depende muito da pessoa e do carácter de cada pessoa e não propriamente de ser o pai ou a mãe.

“Tenho muitos amigos divorciados que têm a custódia alternada e em nada ficam a «dever» à educação que a mãe dá. Continuo a achar que o ideal seria a criança ser educada igualmente pelo pai e pela mãe”.

**E.3- (ENTREVISTADA 3)**

Data:21/03/2013

Hora: 19 h 00m

Duração:00:17:32



**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Casamento – separação a tratar do divórcio”.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Ao princípio tive medo de ver-me como família monoparental” “Porém, hoje tudo é mais fácil pois minha família dá-me suporte em todos os sentidos”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Neste momento não faria. Futuramente sim, por ser mulher e os filhos terão a vida deles”

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“A sociedade é preconceituosa, sinto isso na pele... As pessoas não são compreensivas. As mulheres são mais compreensivas e apoiam mais mulheres na minha situação, já os homens estes não são em nada compreensivos. Sinto-me desamparada pela sociedade quando vou marcar uma consulta médica, dentista” “Penso que as mães actualmente estão depressivas”

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Ando sempre estressada para tentar priorizar sempre a minha filha e as actividades. Estudo a noite o que complica bastante a situação. “Minha filha tem uma personalidade muito forte e para dar-lhe limites é o pior” “Converso muito com minha filha como se fosse um plano, para tentar negociar a vontade dela que tenta sempre prevalecer”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Já pensei que as mães cuidassem melhor, mas hoje mudei de opinião. Conheço muitos homens que cuidam muito bem dos filhos”.

#### **E.4 – (ENTREVISTADA 4)**

Data:25/03/2013

Hora:20h 35m

Duração:00:22:06

##### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

Mãe solteira

##### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Lidei bem, preparada. Não me assustou em nada cuidar do meu filho sozinho”

##### **3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“ Se acontecesse sim, mas algo bem programado, casar e ter mais filhos. Mudaria sem constrangimentos, porém, não interessa agora, pois o que realmente interessa neste momento é o meu bem-estar e o bem-estar do meu filho”.

##### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Não ligo muito a isso, por que meus pais ajudam-me bastante. Reconheço que se não tivesse a ajuda dos meus pais estaria muito difícil. A sociedade é ainda preconceituosa, pois não ajuda, não dá incentivos. Não dá condições para se dar boas condições aos nossos filhos. “Estamos muito maus em assistência a famílias monoparentais”.

##### **5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinho? Como procura superá-los?**

“Considero que não tenho desafios. O único desafio foi tirar a carta de condução quando ele nasceu, pois eu tinha que deslocar da Margem sul para Lisboa o que dificultou bastante na época.

##### **6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“No meu caso meu filho sempre foi cuidado por mim, mas acho que há diferença sim, e acho que a figura do pai até é bastante importante, mas sinto-me bem apoiada a este nível pelo meu irmão e pai que são homens. “Eu fico sobrecarregada sim, pois meu filho não tem qualquer

educação do pai. Acho que o pai do meu filho cuidaria bem dele, mas não tão bem como eu. Ele não teria tanta paciência com meu filho”.

### **E.5- (ENTREVISTADA 5)**

Data: 01/04/2013

Hora: 18h 00m

Duração:00:15:12

#### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Mãe solteira, o pai da minha filha nunca foi presente”.

#### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Não foi fácil, tive medo, porém nunca pensei em desistir (abortar). Eu sabia que seria difícil”.

#### **3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Não está fora de questão, porém neste momento minha vida se resume: Trabalho – casa e a prioridade é minha filha. Tenho responsabilidade dupla, pois minha filha só tem a mim”.

#### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Não me sinto discriminada como mãe solteira. Tenho bastante assistência na escola na qual trabalho e no meio no qual vivo”.

#### **5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“O mais complicado é gerir a vida como o todo. Horário, educação da minha filha e trabalho. O que facilita um pouco é que trabalho na mesma escola onde minha filha estuda

#### **6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Sim, há. “Eu falo por mim: No meu caso, o pai da minha filha é muito desorganizado, não tem horários para nada (não há rotinas) e não daria nenhuma estabilidade a minha filha”.

## **E.6 – (ENTREVISTADA 6)**

Data:06/04/2013

Hora: 18h 30m

Duração:00:23:19

### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“A Monoparentalidade surge pelo divórcio”.

### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Não foi fácil na fase inicial, mas depois foi uma questão de hábito”. Comecei a enfrentar a realidade que eu estava sozinha com minha filha e que tudo o que eu fizesse seria para nosso benefício”.

### **3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Não mudava nada. Tenho pena pela minha filha, porque o pai é ausente. Não mudava porque todo este processo também foi aprendizado...”.

### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“A sociedade não reage, isto é as exigências são as mesmas. O problema é da mãe que tem que representar os dois papéis, mas quando há uma falha por parte da criança, é típico o comentário: isto é que dá, não teve educação do pai/mãe. “ Na minha opinião a questão não é essa, a questão é que dois fazem mais, e sendo só um dos elementos a educar, fica sempre qualquer aspecto para trás, e também pelo ritmo de vida que se leva, não conseguimos tudo e estar em todo lado”.

### **5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Mãe não pode ficar doente, nunca me tinha acontecido, mas no início deste ano tive um problema de saúde que me obrigou a ficar de cama, foi um caos, tive que depender da minha mãe para tudo, foi muito complicado!”. Segundo ponto: quando uma criança fica doente e não pode sair de casa é outro estresse, eu posso contar com minha mãe, mas perde-se imensa autonomia”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Eu penso que não, penso que a criança criada em contexto monoparental acaba por ser mais mimada, porque existe uma certa benevolência por pai e mãe não estar presentes, então a família desculpa os disparates, mas acho que não existe diferença, o que importa é o amor que se dá e a qualidade dos valores que se passam, seja o progenitor pai ou mãe”.

**E.7- (ENTREVISTADA 7)**

Data:10/04/2013

Hora:17h 30m

Duração:00:15:09

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

Separação.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Quando me separei do pai do meu filho vivia um inferno psicológico, ele era uma pessoa muito possessiva, egoísta, comodista e narcisista. Como não dependia dele financeiramente e como minha família me apoiou incondicionalmente nos primeiros tempos senti uma verdadeira paz e serenidade. Sempre tive o apoio da minha rede familiar por isso nesse aspecto foi fácil”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Mudaria a condição de família monoparental porque acho que na educação de crianças e na gestão do lar, o casal é o ideal. Quando todas as responsabilidades recaem sobre apenas uma pessoa é um sacrifício extra que tem que se fazer. Gostava sim de me juntar mas apenas se fosse do completo interesse do outro e se fosse alguém com quem pudesse contar para compartilhar tarefas”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“A Sociedade aceita, mas ainda não está preparada para lidar com estas famílias”

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Ter que assumir papéis de cuidadora, brincalhona, autoridade, dar carinho, doméstica”.

“Procuro superá-los com muita paciência, amor e um prazer enorme de ser mãe”

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Haverá diferença nos modelos transmitidos, os masculinos são sempre diferentes dos femininos”.

**E.8 – (ENTREVISTADA 8)**

Data:18/04/2013

Hora:19h 00m

Duração:00:16:33

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Separação consensual com guarda partilhada”.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“No início foi muito difícil, pois tive que me acostumar a cuidar dele sem a presença do pai em casa, a minha família não morava na mesma cidade e em virtude do meu trabalho tive que colocar o filho na escola muito mais cedo. Na realidade eu não cuidei do meu filho sozinha, sempre tive o apoio do pai que mesmo distante, nunca deixou de ser um pai presente, tive ainda o apoio da minha família e dos amigos. O mais difícil foi para conciliar o meu trabalho com meu filho ainda muito pequeno, pois eu viajava muito e às vezes saía no meio da noite e deixava meu filho com uma babá”. “Para mim esta foi a fase mais difícil”

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Não me sentiria bem, pois estou acostumada com a situação que vivo, apenas eu e meu filho. O meu filho está em primeiro lugar na minha vida”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Ainda existe muito preconceito por parte da sociedade e que uma mulher sozinha é discriminada e discriminam também a criança”.

“Temos que ser muito fortes e não deixar nos abater para proteger os nossos filhos”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinho? Como procura superá-los?**

“Tive mais dificuldades com o filho pequeno, em virtude do trabalho conforme já mencionado. Dificuldade para conciliar os horários e principalmente para sempre disponibilizar um tempo para ficar com meu filho e levá-lo para passear. Nunca abri mão desse tempo e hoje tenho uma relação muito próxima com meu filho em virtude dessa convivência que foi muito próxima e de muito amor.” “Hoje está muito tranquilo, as preocupações são outras. Mas estou vivendo um período de muita tranquilidade e paz, pois o meu filho é muito estudioso, é muito responsável e independente, sei que estou dando-lhe um boa formação, e agora ele caminha comigo e com o pai, mesmo que em muitas vezes ausente”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Costumo dizer que as mães são mais cuidadosas por serem mais detalhistas, meticolosas, os homens não são detalhistas como nós”. E quando criança, é necessário um apoio e acompanhamento muito sistematizado, e acredito que as mães são mais propensas e disponíveis a essa tarefa”.

**E.9- (ENTREVISTADA 9)**

Data:22/04/2013

Hora:19h 40m

Duração:00:18:45

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“O pai do meu filho resolveu ir embora de casa e nos abandonou, e eu tive que cuidar do meu filho sozinho. O pai não queria saber de nada sobre o filho quando nos separamos”.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinho com seu (s) filho (s)?**

“Foi muito difícil, porque quem sustentava a casa e trabalhava era somente eu, e na maioria o pai sempre estava desempregado, porque não parava em serviço algum. Eu formei em Magistério e desde nova comecei a trabalhar na escola. Quando nos casamos logo veio a criança e normalmente meu filho ficava com o pai ou com minha mãe. Mas quando ele foi embora, tive que deixar as vezes com vizinhos e até mesmo com minhas irmãs e mãe, porque não tinha condições de pagar uma escola”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Eu mudaria sem problemas desde que a relação com meu filho não fosse prejudicada. Teria mais filhos sim e casaria novamente sem problemas, mas tudo de uma forma a não prejudicar os meus sentimentos e do meu filho”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“As mulheres como eu são vistas com muito preconceito por homens que tentam se aproximar, pelo facto de eu ter um filho e não valorizam famílias como a minha”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Tenho ainda muitos desafios porque eu que faço tudo em casa, trabalho fora, lavo, cozinho e passo a ferro e ainda tenho que ter tempo para brincar e dar atenção pra ele”. Tenho que fazer compras, acompanhar na escola, educa-lo, forma-lo, cumprir com os deveres que o pai dele não cumpriu. Tento superar as dificuldades, no meu filho mesmo, pois sei que será uma grande pessoa, mesmo o pai dele tendo nos abandonado, e tento estar mais perto dele para que não lhe falte nada”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Sim, pois normalmente as mães são mais companheiras, envolvidas, atenciosas, carinhosas e comprometidas. Os homens não são tão comprometidos nos cuidados dos filhos quanto as mães, eles não tem coragem de vistoriar por exemplo o caderno dos filhos todos os dias e nós mães sempre estamos envolvidas em qualquer situação”.

**E-10- (ENTREVISTADA 10)**

Data:25/04/2013

Hora:20h 00m

Duração:00:25:42



### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Em primeiro lugar, criei minha filha sozinha, porém ela teve o papel do pai presente, pois na separação tentei fazer de tudo para que este vínculo não fosse desfeito, pois o mais importante seria a saúde emocional de minha filha”.

### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Quando me separei minha filha estava com 4 anos de idade, fiquei desempregada e ainda estava iniciando a faculdade...o acerto deu para segurar um pouco, depois consegui um emprego, felizmente, consegui manter uma pessoa trabalhando comigo, cuidando da minha filha o que possibilitou continuar com a faculdade como ficava muito tempo fora, buscava permanecer junto dela todo o momento que estava em casa dando-lhe carinho e orientação...dinheiro era escasso, devido as responsabilidades e o pai não se sentia obrigado a ajudar, pois na separação ficou acordado que a pensão seria residir no apartamento, porém ele não pagava nem o condomínio, pois achava que qualquer coisa além do acordado estaria beneficiando a mim, então não vi outra alternativa a não ser “arregaçar as mangas” e pensar no futuro de minha filha, isso acabou que eu me deixei de lado”.

### **3- você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“ Sinceramente não sei qual seria minha reação, pois como disse, sempre me preocupei com minha filha e sempre tive receio de ter um outro relacionamento e acabasse trazendo para dentro de minha casa alguém que viesse a prejudicar minha filha, inclusive já terminei com namorado, quando começou a dar problemas por ele querer “mandar” no modo que eu criava a minha filha”.

### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“A sociedade considera que a mãe é a responsável pela criação, ou seja, “menino(a) cadê sua mãe?” ninguém pergunta cadê o pai...porém no momento de considerar uma pessoa separada, todos se acham no direito de criticar, “é assim” porque não tem um pai pra educar....para a sociedade cuidar é papel da mãe...mas educar é o pai. Eu percebo que para a sociedade filho sem pai e filho de ninguém, pois ainda vivemos em uma sociedade machista onde o respeito é relacionado ao pai e a falta dele é relacionado à mãe”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinho? Como procura superá-los?**

-“Falta total de apoio de minha família”.

- “Ter que trabalhar e estudar para criar minha filha, buscando dar-lhe uma educação responsável, sem nenhum respaldo ou ajuda do pai ou de qualquer outra pessoa”.

- “A escassez de dinheiro”;

- “Sociedade ainda vê a mulher sozinha como uma qualquer, sem conhecimento, sem oportunidades, onde até o salário é menor”.

“Superar estas questões, é lutar dia-a-dia, vivendo e buscando crescer diariamente, sendo que até hoje ainda vivo esta situação. Um dia de cada vez, uma vitória a cada dia”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“A meu ver, no contexto actual, há pais e pais, assim como a mães e mães... Assistimos vários absurdos cometidos por mães e pais, o que anteriormente ocorria somente na figura do pai. Vemos mães aceitando, ou fechando os olhos, para violências sexuais, com o intuito de não perder o companheiro. Sendo que o que era mais antigo eram pais abusando de suas filhas, com o sentido de posse, assim como ele achava que tinha pela esposa. Então, tanto o pai quanto a mãe podem criar os filhos sozinhos, com respeito, com valores éticos e como pode ser o contrário”.

**E.11- (ENTREVISTADA 11)**

Data:28/04/2013

Hora:11h 00m

Duração:00:18:06

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

Monoparentalidade através da separação e divórcio.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinho com seu (s) filho (s)?**

“Foi bastante difícil, quando vi-me sozinho com seu filho após a separação. Porém, enfrentei. Sai sem nada do casamento, apenas com a coragem de seguir em frente e com meu filho”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Mudaria a condição de monoparentalidade sem problemas. Teria outros filhos e casaria novamente”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Hoje em dia a sociedade aceita melhor. Antigamente, era bem pior. Já senti ser discriminada por ser mãe de uma família monoparental”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

- “Desafios são de ordem financeira. Mantenho todos os custos do meu filho”.

- “Desafios pessoais- ser mãe e pai para meu filho, pois não posso contar com o pai do meu filho para nada”.

- “Desafios na educação do meu filho, pois é um menino e não há a presença do pai o que dificulta bastante na educação”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Sim, há diferença. As mães cuidam melhor dos filhos, mas há também casos de pais que são exemplares”.

**E-12- (ENTREVISTADA 12)**

Data:02/05/2013

Hora:19h00m

Duração:00:19:41

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Sou mãe solteira, nunca casei com o pai do meu filho, hoje ele vive fora de Portugal”.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Penso que lidei bem; sempre fui a cuidadora da minha filha. Os primeiros tempos foi muito difíceis, principalmente as noites... não tinha com quem dividir as tarefas e fazer tudo sozinha foi muito complicado”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Mudar só para deixar de ser monoparental não, porque estou bem assim. Mudar porque gostava muito de uma pessoa sim. De qualquer forma, penso que não é fácil aprender a partilhar a vida depois destes anos todos a tomar conta do barco sozinha. Ia ser difícil deixar outra pessoa ajudar a educar a minha filha”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Em geral lida sem estigmas mas está pouco alerta para as dificuldades concretas com que este tipo de família se depara”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

*“Falta de tempo para fazer face a tudo o que é necessário - gerir prioridades; alguns assuntos não podem ser adiados e alguns assuntos estão à frente de tudo o resto (refeições; horas de dormir; escola)”.*

*“Cansaço - Falta de tempo para mim - procuro ajuda dos avós embora não com regularidade”.*

*“Gestão das finanças de casa - procuro fazer escolhas conscientes de modo a, de vez em quando, nos permitirmos algum "luxo".*

*“Rotinas - todos os dias, todo mês, todo o ano, levar e buscar à escola, a festas, a actividades. Não ter com quem dividir. Por vezes acabo por dividir com pais de amigos que têm os mesmos programas, mas é raro”.*

Um dos mais importantes tem sido o facto de ter que permitir algum tipo de "escape" à criança, pelo facto de em casa sermos apenas duas e eu ter que ser a disciplinadora e simultaneamente a "mimadora". Por vezes noto alguma frustração por não ter "escapatória".

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Há porque mulher e homem tem uma estrutura de pensamento diferente que se vai reflectir na forma como cuida”.

### **E.13- (ENTREVISTADA 13)**

Data:06/05/2013

Hora:19 h 00 m

Duração:00:18:36

#### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“A questão da monoparentalidade foi uma opção minha. Não fazia sentido viver na mesma casa com uma pessoa que já não me dizia nada”.

#### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Lidei bem com a situação, afinal quando tomei a decisão de separar do pai do meu filho eu já sabia que teria consequências e as enfrentei”.

#### **3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Não mudaria, estou bem sozinha e não faz sentido algum ter outra pessoa ou mesmo ter mais filhos”.

#### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Até à data ainda não me apercebi de "ser posta de lado" mas acredito que haja outras mães que me vejam como uma ameaça para os maridos. Infelizmente sei de casos em que marginalizam a criança não a convidando porque a "mãe pode dar em cima do meu marido".

#### **5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Como é recente, e o menino ainda é pequeno, até à data não tenho tido dificuldades. A única coisa má, por assim dizer, é fazer chegar o dinheiro até ao final do mês. Tive que fazer muitos cortes e muitas coisas supérfluas tais como doces, sumos, revistas e outras do género deixaram de fazer parte do nosso quotidiano. Algumas saídas também têm que ser bem planeadas porque a gasolina está muito cara”.

#### **6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“É uma pergunta difícil de ser respondida... Cada caso é um caso, no meu tenho a certeza que está melhor comigo porque tenho um emprego de horário fixo e sou uma pessoa de regras ao contrário do pai. Não quero com isto dizer que o pai seja mau pai, nada disso, só não sabe o que é melhor para o filho e nunca lhe diz não a nada”.

#### **E.14- (ENTREVISTADA 14)**

Data:10/05/2013

Hora:18 h 00 m

Duração:00:15:03

##### **1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Eu e o pai do meu filho nos divorcamos, tinha ele 10 dias”.

##### **2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Muito bem, encarei de frente!... Cuidar do meu filho que amo deu-me forças!”

##### **3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Claro que a condição de pai e mãe na mesma casa é o ideal, mas com o pai do meu filho eu não conseguiria. Não tenciono ter outro relacionamento (casar), apenas quero ter um filho”.

##### **4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Cada vez mais existem famílias monoparentais e a sociedade está mais aberta, mas acho que a própria progenitora tem de aceitar que está sozinha e não fazer disso um problema e sim uma opção de vida, uma conquista. A sociedade é composta por cada um de nós”..

##### **5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“O meu dia-a-dia é igual ao de todas as pessoas só que eu faço tudo sozinha com ele. Meu filho acaba por ser muito independente porque a situação assim o obriga”.

##### **6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Não. Se cada um fizer o seu papel de proteger, cuidar, satisfazer as necessidades básicas, educar e amar não vejo diferença nenhuma”.

#### **E.15- (ENTREVISTADA 15)**

Data:15/05/2013

Hora:19 h 00 m

Duração:00:23:10

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Descobri a minha gravidez no final de um namoro de 1 ano, não foi planejada, quando descobri estava de férias em outra cidade onde passei a maior parte da gravidez, quando voltei eu e o pai da minha filha tivemos vários encontros, ficamos juntos várias vezes mas nunca passou de um momento”.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Enquanto estava grávida tive convicção de que ficaríamos juntos, quando a minha filha nasceu vi que era melhor que separássemos, lido bem com as questões do dia a dia, mas sinto que é injusto o fato dele não ter preocupações e poder fazer o que bem entende na hora que quer, pelo fato de muitas vezes eu querer fazer um curso ou até sair com as minhas amigas sem a minha filha junto e ver que isso foi um direito que só eu abri mão, sendo que teoricamente ele é tão responsável quanto eu”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Não, o que mudaria seria a relação dele com a minha filha, como ser mais presente”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Na minha opinião por mais comum que seja, a sociedade ainda tem muito preconceito em relação a mães solteiras, vejo que aos olhos dos outros mais vale um casal que passa o dia inteiro brigando e deixando os filhos meio largados, do que uma mãe solteira dedicada e zelosa com o seu filho”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“O que é mais desafiador é a falta do pai em algumas situações, dela às vezes querer encontrar, vê-lo, passear e eu não conseguir contacto, por não atender o celular ou o mesmo estar desligado, a questão de muitas vezes estar sobrecarregada, por casa, trabalho, estudos e ter que estar firme e ao lado dela, se ter com quem dividir essa responsabilidade”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Normalmente a mãe é mais atenciosa e sabe lidar e sair mais rápido dos enrosocos do dia-a-dia, o pai já faz o essencial para a sobrevivência mas claro que a casos em que pais lidam muito melhor com os filhos do que as próprias mães”.

**E.16- (ENTREVISTADA 16)**

Data:17/05/2013

Hora:10h 30 m

Duração:00:24:05

**1-Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

Devido a divórcio.

**2-Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Relativamente bem, A responsabilidade sempre foi maioritariamente minha e em nada tive medo”.

**3-Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Mudaria desde que pudesse proporcionar aos meus filhos uma família equilibrada. Levando em conta também a minha felicidade e bem-estar”.

**4-No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“Com pouca compreensão pelo grau de sacrifício pessoal que exige. Uma mãe sozinha deveria ter mais apoio laboral para fazer face às necessidades de ausência. Por outro lado, a sociedade em geral deveria mostrar maior solidariedade e apoio, uma mãe não deixa de ser uma pessoa com necessidades próprias que sem apoio familiar ou de amigos se tornam impossíveis de satisfazer. Além disso, o risco de desgaste emocional grande e raramente reconhecido”.

**5-Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Principalmente falta de tempo livre e menos paciência no final do dia. Recorro ao apoio da minha família e tento otimizar o tempo que os meus filhos passam com o pai para aquilo que não consigo fazer no dia-a-dia”.

**6-Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Acredito que há diferenças com bebés muito pequenos, aos quais a mãe tem uma ligação física muito intensa. A partir de uma certa idade, não vejo diferença se o pai oferecer a mesma disponibilidade emocional e de tempo. A diferença que sobressai é que a mãe parece mais disposta a abdicar de outras actividades (trabalho/tempo livre/tarefas domésticas) e dar



prioridade ao bem-estar dos filhos, enquanto o pai parece confortável com uma certa distância, mantendo o seu dia-a-dia organizado sem ser em função dos filhos. Mas isto penso ser válido para a vida em casal, estando a criança a cargo de apenas um dos progenitores, as suas necessidades (da criança) terão necessariamente de ser tidas como fundamentais”.

### **E.17- ENTREVISTA 17)**

Data:22/05/2013

Hora:18 h 00 m

Duração:00:30:08

#### **1- Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

“Eu e o pai da minha filha nunca fomos casados. Vivemos numa relação que nem chegou a ser bem união de facto durante 3 anos, com início no momento em que descobri a gravidez, que aconteceu sem planearmos. Ele saiu de uma outra relação na qual deixou 2 filhas e a nossa relação começou como extraconjugal. Apaixonámo-nos violentamente, apesar de desde o início termos percebido que eramos pessoas com personalidades muito fortes e que chocavam muitas vezes e com muita violência. Amávamo-nos com a mesma força com que nos odiávamos por vezes. E assim, diria que o fim da relação estava anunciado à partida, mas pela chegada da nossa querida Júlia se prolongou por mais algum tempo. Fui eu quem decidiu que preferia continuar sozinha. Tive muito medo desta decisão pois acarreta uma responsabilidade enorme sobre a mulher. Financeiramente passei a viver bastante pior do que vivia, mas a felicidade de escolher o meu destino não tem preço. Nunca olhei para trás nem me arrependi da decisão, pois estou certa que foi a melhor tanto para mim, como para a minha filha, pois sentia que ela estava a começar a ficar traumatizada por causa das nossas discussões. Ainda hoje ela não pode ouvir ninguém levantar a voz sem ficar nervosa.”

#### **2- Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Para mim não foi grande novidade, pois ao longo da relação já passava muito tempo sozinha, pois chegamos a viver eu no Algarve e ele em Lisboa por razões profissionais. Portanto, no meu caso, quase nem senti a diferença. É claro que à noite, fazer jantar, dar banho e ainda ter energia para brincar ou contar histórias não é fácil. Ma com muito amor é possível e acabamos por nos habituar à situação como sendo o normal. É a nossa realidade e temos de a aceitar e conviver com ela com a maior leveza possível”.

**3- Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“Claro que sim. Ninguém fica sozinho com um filho a cargo por gosto ou de ânimo leve. É sempre o resultado de alguma situação difícil que mágoa ou perda. Um filho é um projecto que se quer sempre sonhado a dois. Eu, como tantas outras mulheres, sempre sonhei encontrar o companheiro ideal, marido maravilhoso, pai perfeito e formar uma família grande e feliz. Ainda não aconteceu, mas espero e desejo encontrar a pessoa certa com quem possa reconstruir a minha família. Desejo, quero e sei que isso vai acontecer. Nesta situação de monoparentalidade, fingimos muitas vezes a força que na verdade não temos, mas além da falta de ajuda, sentimos muitas vezes falta de atenção e carinho. O estado de carência afectiva é uma constante, muitas vezes apenas colmatada com o amor incondicional dos filhos. Eu e a minha filha somos ainda mais unidas e companheiras desde que vivemos sós. E ela adaptou-se lindamente à situação. Penso que é o resultado de ter sido na hora certa. Retardar a separação só adia um sofrimento que tende a ser maior consoante a idade da criança for mais avançada”.

**4- No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“A meu ver ainda há muitos preconceitos. Sobretudo o da “mulher sozinha”. As outras mulheres, mesmo as que não se confessam infelizes, olham-nos com aquele ar superior de quem consegue manter um casamento como se de um estatuto se tratasse. Já os homens, tendem a valorizar mais uma “mãe/pai”, afastando-se porém de assumir compromissos com alguém que já traz na bagagem um filho para criar. Refazer a vida com uma nova relação afectiva não é fácil. É preciso encontrar uma pessoa de bem que nos ame de verdade e isso não é de todo fácil”.

**5- Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Tenho a facilidade de actualmente estar próxima da minha família e de trabalhar numa empresa familiar que me facilita a isenção de horário. Mas é complicado gerir tanta coisa sozinha, garantir que tudo está pronto todos os dias à hora certa, desde as refeições à roupa. O “despachar de manhã” por vezes chega a ser penoso. E o ter coisas pessoais para fazer à noite também. A minha filha não gosta de deitar-se cedo e por isso tudo o que eu gosto ou preciso

fazer ao serão, implica muitas vezes suprir horas de sono. Só assim consigo fazer tudo o que me proponho fazer”.

**6- Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“No meu caso, felizmente, acho que escolhi um excelente pai para a minha filha. Apesar de não termos dado certo, o facto de ele adorar ser pai e já ter outros filhos ajuda muito na experiência que tem e demonstra. Contudo, há os toques de mãe que só nós damos, a atenção ao detalhe, o creme no rosto, o totó bem feito, os sapatos limpos. No meu caso são rigores de higiene e apresentação. Quanto ao afecto, vejo que a minha filha recebe em proporções equilibradas o nosso amor. Vem para mim com a mesma felicidade com que vai para o pai e isso demonstra que está bem com ambos. Não rejeita nenhum em detrimento do outro e se lhe perguntam de quem gosta mais, automaticamente responde: do papá e da mamã”.

**E.18 – (ENTREVISTADA 18)**

Data:29/05/2013

Hora:19 h 30 m

Duração:00:25:07

**1- Como se deu a questão da monoparentalidade em sua família?**

Mãe solteira. “Depois de uma decepção amorosa conheci o pai da minha filha. Muito atraente e inteligente. Ele disse que queria casar e ter uma família e eu também (eu para esquecer o meu ex na época). Logo no início engravidei como nós decidimos, um mês e 15 dias depois pediram a casa a qual ele estava morando e o trouxe para morar comigo. Logo descobri que ele me traia, suportei durante um tempo. Quando terminei com ele por causa da agressão verbal e traição ele me agrediu (cabeçada).Acabou mesmo (eu estava de quase 3 meses). Quando minha filha nasceu ele veio para o nascimento e tentei novamente mas ele continuava da mesma maneira e não queria trabalhar, resolvi que era melhor mandar ele embora enquanto minha filha era bem novinha para não sofrer quando já estivesse maior (por estar acostumada e eu mandar embora, já que já imaginava que não daria certo)”.

**2- Como você lidou com a situação de cuidar sozinha com seu (s) filho (s)?**

“Foi complicado. Até a minha filha completar 1 ano, ele mandou algum dinheiro e meus pais e uma amiga me ajudaram. Quando ela completou um aninho comecei a trabalhar (e ele não ajudou em mais nada pois só dava dinheiro pois pensava que eu o queria de volta)”.

**3- Se você tivesse a oportunidade de mudar a condição de monoparentalidade da sua família como você reagiria?**

“As vezes, acho que sim, e as vezes, acho que não. Sim por que minha filha sente falta da presença masculina. É importante para uma criança ter um pai presente. As vezes acho que não, pois talvez se ele fosse presente na vida dela mesmo não estando comigo ela não sentiria tanto. O problema não é em eu estar sozinha e sim na ausência, na falta que faz para ela”.

**4- No seu ponto de vista, como reage a sociedade perante uma família cujo cuidador é a mãe?**

“A sociedade ainda é muito machista. Nós, mães solteiras, ainda somos vistas como destrambelhadas, até por mulheres mais velhas separadas. Uma vez uma infeliz me disse assim (eu estava grávida) por que você não volta pra ele, ele quer mais uma chance. Essa criança precisa de um pai. A minha resposta foi: ela terá um pai, eu que não quero um marido!”.

**5- Quais os principais desafios que você tem enfrentado por cuidar do(s) seu(s) filho(s) sozinha? Como procura superá-los?**

“Dinheiro, estudo... Tudo na verdade. Não posso mudar de casa ganhando pouco, pois preciso de duas a três vezes a mais que eu sozinha precisaria para não faltar nada para minha filha. Meu estudo é limitado pois não me posso mudar pelo mesmo motivo dito antes. Se eu mudar preciso de um emprego que pague bem e ainda assim onde encontrarei alguém de confiança para cuidar de minha filha enquanto eu estiver ausente”.

**6- Na sua opinião, há diferença uma criança ser cuidada pelo pai ou pela mãe? Porquê?**

“Sempre há diferença, mas dependendo do pai, pode tratar a criança tão bem quanto a mãe. Mas a mãe tem um laço desde a barriga. Ao menos eu não abriria mão da minha filha por nada nesse mundo!”

---

## ANEXO 3 – QUADRO DAS DIMENSÕES DE ANÁLISE

### QUADRO 1- DIMENSÃO “PERCEPÇÃO DA MONOPARENTALIDADE”

Dimensão	Categoria	Subcategoria	Nº de casos
Percepção da Monoparentalidade	Frustração	<p><i>“No início foi angustiante, várias vezes senti-me insegura ao pensar que teria que cuidar sozinha do meu filho” (E:1)</i></p> <p><i>“Ao princípio tive medo de ver-me como família monoparental” (E:3)</i></p> <p><i>“Não foi fácil, tive medo, porém nunca pensei em desistir (abortar). Eu sabia que seria difícil” (E:5)</i></p> <p><i>“Não foi fácil na fase inicial, mas depois foi uma questão de hábito”. Comecei a enfrentar a realidade que eu estava sozinha com minha filha e que tudo o que eu fizesse seria para nosso benefício” (E:6)</i></p> <p><i>“No início foi muito difícil, pois tive que me acostumar a cuidar dele sem a presença do pai em casa, a minha família não morava na mesma cidade e em virtude do meu trabalho tive que colocar o filho na escola muito mais cedo (E:8)</i></p> <p><i>“Foi muito difícil, porque quem sustentava a casa e trabalhava era somente eu, e na maioria o pai sempre estava desempregado, porque não parava em serviço algum. (E:9)</i></p> <p><i>“Foi bastante difícil, quando vi-me sozinha com seu filho após a separação. Porém, enfrentei. Sai sem nada do casamento, apenas com a coragem de seguir em frente e com meu filho” (E:11)</i></p> <p><i>“Os primeiros tempos foram muito difíceis, principalmente as noites... não tinha com quem dividir as tarefas e fazer tudo sozinha</i></p>	10

		<p><i>foi muito complicado” (E:12)</i></p> <p><i>“Lido bem com as questões do dia a dia, mas sinto que é injusto o fato dele não ter preocupações e poder fazer o que bem entende na hora que quer, pelo fato de muitas vezes eu querer fazer um curso ou até sair com as minhas amigas sem a minha filha junto e ver que isso foi um direito que só eu abri mão, sendo que teoricamente ele é tão responsável quanto eu” (E:15)</i></p> <p><i>“Foi complicado. Até a minha filha completar 1 ano, ele mandou algum dinheiro e meus pais e uma amiga me ajudaram. Quando ela completou um aninho comecei a trabalhar (e ele não ajudou em mais nada...) (E:18)</i></p>	
	Segurança	<p><i>“Lidei bem, preparada. Não me assustou em nada cuidar do meu filho, sozinha” (E:4)</i></p> <p><i>“Quando me separei do pai do meu filho vivia um inferno psicológico, ele era uma pessoa muito possessiva, egoísta, comodista e narcisista. Como não dependia dele financeiramente e como minha família me apoiou incondicionalmente nos primeiros tempos senti uma verdadeira paz e serenidade” (E:7)</i></p> <p><i>“Quando me separei minha filha estava com 4 anos de idade, fiquei desempregada e ainda estava iniciando a faculdade...o acerto deu para segurar um pouco, depois consegui um emprego, felizmente, consegui manter uma pessoa trabalhando comigo, cuidando da minha filha o que possibilitou continuar com a faculdade como ficava muito tempo fora, buscava permanecer junto dela todo o momento que estava em casa dando-lhe carinho e orientação. O dinheiro era escasso, devido as responsabilidades e o pai não se sentia obrigado a ajudar, pois na separação ficou acordado que a pensão seria residir no apartamento, porém ele não pagava nem o condomínio, pois achava que qualquer coisa além do acordado estaria beneficiando a mim, então não vi outra alternativa a não ser “arregaçar as mangas” e pensar no futuro de minha filha, isso acabou que eu me deixei de lado” (E:10)</i></p> <p><i>“Lidei bem com a situação, afinal quando</i></p>	06

		<p>tomei a decisão de separar do pai do meu filho eu já sabia que teria consequências e as enfrentei” (E:13)</p> <p>“Muito bem, encarei de frente!... Cuidar do meu filho que amo deu-me forças!” (E:14)</p> <p>“Para mim não foi grande novidade, pois ao longo da relação já passava muito tempo sozinha, pois chegamos a viver eu no Algarve e ele em Lisboa por razões profissionais. Portanto, no meu caso, quase nem senti a diferença. É claro que à noite, fazer jantar, dar banho e ainda ter energia para brincar ou contar histórias não é fácil, mas com muito amor é possível e acabamos por nos habituar à situação como sendo o normal. É a nossa realidade e temos de a aceitar e conviver com ela com a maior leveza possível” (E:17)</p>	
	Social	<p><b><u>Positiva</u></b></p> <p>“O Estado não nos protege em nada, porém sinto-me amparada pelas pessoas que conhecem a mim e ao meu filho” (E:1)</p> <p>“Acho que hoje em dia já não há qualquer tipo de discriminação. Apesar de na escola da minha filha, ela ser a única de pais divorciados nunca houve qualquer tipo de diferença no tratamento. Aliás por eu ser sozinha, as mães das amiguinhas da minha filha até me ajudam muitas vezes quando ando a trabalhar e não a consigo ir buscar, ou quando fica, no fim-de-semana com ela”. “De uma forma geral, a sociedade onde estou inserida tenta ajudar-me e facilitar-me a vida por ser sozinha” (E:2)</p> <p>“Não me sinto discriminada como mãe solteira. Tenho bastante assistência na escola na qual trabalho e no meio no qual vivo” (E:5)</p> <p>“Cada vez mais existem famílias monoparentais e a sociedade está mais aberta, mas acho que a própria progenitora tem de aceitar que está sozinha e não fazer disso um problema e sim uma opção de vida, uma conquista. A sociedade é composta por cada um de nós” (E:14)</p>	04

		<p align="center"><b><u>Negativa</u></b></p> <p>“A sociedade é preconceituosa, sinto isso na pele... As pessoas não são compreensivas. As mulheres são mais compreensivas e apoiam mais mulheres na minha situação, já os homens não são em nada compreensivos. Sinto-me desamparada pela sociedade quando vou marcar uma consulta médica, dentista”  “Penso que as mães actualmente estão depressivas” (E:3)</p> <p>“Reconheço que se não tivesse a ajuda dos meus pais estaria muito difícil. A sociedade é ainda preconceituosa, pois não ajuda, não dá incentivos. Não dá condições para se dar boas condições aos nossos filhos. “Estamos muito maus em assistência a famílias monoparentais” (E:4)</p> <p>“A sociedade não reage, isto é as exigências são as mesmas. O problema é da mãe que tem que representar os dois papéis, mas quando há uma falha por parte da criança, é típico o comentário: isto é que dá, não teve educação do pai/mãe. “ Na minha opinião a questão não é essa, a questão é que dois fazem mais, e sendo só um dos elementos a educar, fica sempre qualquer aspecto para trás, e também pelo ritmo de vida que se leva, não conseguimos tudo e estar em todo lado” (E:6)</p> <p>“A Sociedade aceita, mas ainda não está preparada para lidar com estas famílias” (E:7)</p> <p>“Ainda existe muito preconceito por parte da sociedade e que uma mulher sozinha é discriminada e discriminam também a criança”  “Temos que ser muito fortes e não deixar nos abater para proteger os nossos filhos” (E:8)</p> <p>“As mulheres como eu são vistas com muito preconceito por homens que tentam se aproximar, pelo facto de eu ter um filho e não valorizam famílias como a minha” (E:9)</p> <p>“A sociedade considera que a mãe é a responsável pela criação, ou seja, “menino(a) cadê sua mãe?” Ninguém pergunta cadê o pai...porém no momento de considerar uma pessoa separada, todos se acham no direito de</p>	14
--	--	--	----



		<p><i>criticar, “é assim” porque não tem um pai pra educar. Para a sociedade cuidar é papel da mãe...mas educar é o pai. Eu percebo que para a sociedade filho sem pai e filho de ninguém, pois ainda vivemos em uma sociedade machista onde o respeito é relacionado ao pai e a falta dele é relacionado à mãe” (E:10)</i></p> <p><i>“Hoje em dia a sociedade aceita melhor. Antigamente, era bem pior. Já senti ser discriminada por ser mãe de uma família monoparental” (E:11)</i></p> <p><i>“Em geral lida sem estigmas mas está pouco alerta para as dificuldades concretas com que este tipo de família se depara” (E:12)</i></p> <p><i>“Até à data ainda não me apercebi de “ser posta de lado” mas acredito que haja outras mães que me vejam como uma ameaça para os maridos. Infelizmente, sei de casos em que marginalizam a criança não a convidando porque a “mãe pode dar em cima do meu marido” (E:13)</i></p> <p><i>“Na minha opinião por mais comum que seja, a sociedade ainda tem muito preconceito em relação a mães solteiras, vejo que aos olhos dos outros mais vale um casal que passa o dia inteiro brigando e deixando os filhos meio largados, do que uma mãe solteira dedicada e zelosa com o seu filho” (E:15)</i></p> <p><i>“Com pouca compreensão pelo grau de sacrifício pessoal que exige. Uma mãe sozinha deveria ter mais apoio laboral para fazer face às necessidades de ausência. Por outro lado, a sociedade em geral deveria mostrar maior solidariedade e apoio, uma mãe não deixa de ser uma pessoa com necessidades próprias que sem apoio familiar ou de amigos se tornam impossíveis de satisfazer. Além disso, o risco de desgaste emocional grande e raramente reconhecido” (E:16)</i></p> <p><i>“A meu ver ainda há muitos preconceitos. Sobretudo o da “mulher sozinha”. As outras mulheres, mesmo as que não se confessam infelizes, olham-nos com aquele ar superior de quem consegue manter um casamento como se de um estatuto se tratasse. Já os homens, tendem a valorizar mais uma</i></p>	
--	--	---	--

		<p><i>“mãe/pai”, afastando-se porém de assumir compromissos com alguém que já traz na bagagem um filho para criar. Refazer a vida com uma nova relação afectiva não é fácil. É preciso encontrar uma pessoa de bem que nos ame de verdade e isso não é de todo fácil” (E:17)</i></p> <p><i>“A sociedade ainda é muito machista. Nós, mães solteiras ainda somos vistas como destrambelhadas, até por mulheres mais velhas separadas. Uma vez uma infeliz me disse assim (eu estava grávida),por que você não volta pra ele, ele quer mais uma chance. Essa criança precisa de um pai. A minha resposta foi: ela terá um pai, eu que não quero um marido!” (E:18)</i></p>	
--	--	--	--

## QUADRO 2- DIMENSÃO “GESTÃO DA MONOPARENTALIDADE”

Dimensão	Categoria	Subcategoria	Nº de Casos
Gestão da Monoparentalidade	Falta de tempo para si própria	<p><i>“Muito complicado ser mãe a tempo inteiro. Cuidar dela, das responsabilidades, nunca faltar com nada (carinho, atenção, educar) ” (E:2)</i></p> <p><i>Cansaço - Falta de tempo para mim, procuro ajuda dos avós embora não com regularidade” (E:12)</i></p> <p><i>“Sinto que é injusto o fato dele (o pai) não ter preocupações e poder fazer o que bem entende na hora que quer, pelo fato de muitas vezes eu querer fazer um curso ou até sair com as minhas amigas sem a minha filha junto e ver que isso foi um direito que só eu abri mão, sendo que teoricamente ele (pai) é tão responsável quanto eu” (E:15)</i></p> <p><i>“Tenho ainda muitos desafios porque eu que faço tudo em casa, trabalho fora, lavo, cozinho e passo a ferro e ainda tenho que ter tempo para brincar e dar atenção pra meu filho” (E:9)</i></p> <p><i>“Principalmente falta de tempo livre e menos paciência no final do dia” (E:16)</i></p>	5
	Dificuldade em estabelecer regras	<p><i>“Minha filha tem uma personalidade muito forte e para dar-lhe limites é o pior; Converso muito com minha filha como se fosse um plano, para tentar negociar a vontade dela que tenta sempre prevalecer” (E:3)</i></p> <p><i>“Falta de tempo para fazer face a tudo o que é necessário - gerir prioridades; alguns assuntos não podem ser adiados e alguns assuntos estão à frente de tudo o resto (refeições; horas de dormir; escola) ” (E:12)</i></p>	2

	Pressão Psicológica	<p><i>“Muito complicado “lutar” com o facto do pai de fim-de-semana não pagar a pensão, fazer só o que a filha pede, dar-lhe sempre tudo e deseducar-la nos breves momentos que estão juntos” (E:2)</i></p> <p><i>“ Ando sempre estressada para tentar priorizar sempre a minha filha e as actividades. Estudo a noite o que complica bastante a situação. “Minha filha tem uma personalidade muito forte e para dar-lhe limites é o pior” (E:3)</i></p> <p><i>“ Mãe não pode ficar doente, nunca me tinha acontecido, mas no início deste ano tive um problema de saúde que me obrigou a ficar de cama, foi um caos, tive que depender da minha mãe para tudo, foi muito complicado!”. Segundo ponto: quando uma criança fica doente e não pode sair de casa é outro estresse, eu posso contar com minha mãe, mas perde-se imensa autonomia” (E:6)</i></p> <p><i>“Ter que assumir papéis de cuidadora, brincalhona, autoridade, dar carinho, doméstica” (E:7)</i></p> <p><i>“Tenho que fazer compras, acompanhar na escola, educa-lo, formá-lo, cumprir com os deveres que o pai dele não cumpriu” (E:9)</i></p> <p><i>“Desafios pessoais- ser mãe e pai para meu filho, pois não posso contar com o pai do meu filho para nada” (E:11)</i></p> <p><i>“Todos os dias, todo mês, todo o ano, levar e buscar à escola, a festas, a actividades. Não ter com quem dividir. Por vezes acabo por dividir com pais de amigos que têm os mesmos programas, mas é raro. Um dos mais importantes tem sido o facto de ter que permitir algum tipo de "escape" à criança, pelo facto de em casa sermos apenas duas e eu ter que ser a disciplinadora e simultaneamente a "mimadora". Por vezes noto alguma frustração por não ter "escapatória"(E:12)</i></p>	10
--	---------------------	---	----

		<p><i>“Falta total de apoio de minha família; ter que trabalhar, sem nenhum respaldo ou ajuda do pai ou de qualquer outra pessoa; a escassez de dinheiro. A Sociedade ainda vê a mulher sozinha como uma qualquer, sem conhecimentos, sem oportunidades, onde até o salário é menor” (E:10)</i></p> <p><i>“É complicado gerir tanta coisa sozinha, garantir que tudo está pronto todos os dias à hora certa, desde as refeições à roupa. O “despachar de manhã” por vezes chega a ser penoso” (E:17)</i></p> <p><i>“Dinheiro, estudo... Tudo na verdade. Não posso mudar de casa ganhando pouco, pois preciso de duas a três vezes a mais que eu sozinha precisaria para não faltar nada para minha filha. Meu estudo é limitado pois não me posso mudar pelo mesmo motivo dito antes. Se eu mudar preciso de uma emprego que pague bem e ainda assim onde encontrarei alguém de confiança para cuidar de minha filha enquanto eu estiver ausente” (E:18)</i></p>	
	Dificuldades Financeiras	<p><i>“Desafios são de ordem financeira. Mantenho todos os custos do meu filho” (E:11)</i></p> <p><i>“Na Gestão da casa, procuro fazer escolhas conscientes de modo a, de vez em quando, nos permitirmos algum “luxo” (E:12)</i></p> <p><i>“A única coisa má, por assim dizer, é fazer chegar o dinheiro até ao final do mês. Tive que fazer muitos cortes e muitas coisas supérfluas tais como doces, sumos, revistas e outras do género deixaram de fazer parte do nosso quotidiano. Algumas saídas também têm que ser bem planeadas porque a gasolina está muito cara” (E:13)</i></p> <p><i>“Dinheiro, estudo... Tudo na verdade. Não posso mudar de casa ganhando pouco, pois preciso de duas a</i></p>	4

		<i>três vezes a mais que eu sozinha precisaria para não faltar nada para minha filha. Meu estudo é limitado pois não me posso mudar pelo mesmo motivo dito antes. Se eu mudar preciso de uma emprego que pague bem e ainda assim onde encontrarei alguém de confiança para cuidar de minha filha enquanto eu estiver ausente” (E:18)</i>	
	Dificuldade em conciliar trabalho e família	<i>“Ter que trabalhar e estudar para criar minha filha, buscando dar-lhe uma educação responsável, sem nenhum respaldo ou ajuda do pai ou de qualquer outra pessoa” (E:10)</i>	1

**QUADRO 2.1- GESTÃO DOS DESAFIOS (SUPERAÇÃO)**

<b>Dimensão</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Nº de Casos</b>
Gestão dos desafios (superação)	Prazer de ser mãe	<i>“Procuro superá-los com muita paciência, amor e um prazer enorme de ser mãe” (E:7)</i>	1
	Investimento no filho	<i>“Tento superar as dificuldades no meu filho mesmo, pois sei que será uma grande pessoa...” (E:9)</i>	1
	Optimizar o tempo	<i>“Recorro ao apoio da minha família e tento otimizar o tempo que os meus filhos passam com o pai para aquilo que não consigo fazer no dia-a-dia” (E:16)</i>	1
	Luta diária	<i>“Superar estas questões é lutar dia-a-dia, vivendo e buscando crescer diariamente, sendo que até hoje ainda vivo esta situação. Um dia de cada vez, uma vitória a cada dia”.(E:10)</i>	1
	Literatura de apoio	<i>“Tento superar meus desafios, através da leitura de livros que me auxiliem para dar-lhe uma boa educação” (E:1)</i>	1

## QUADRO 2.2- GESTÃO NA MUDANÇA DA CONDIÇÃO DA MONOPARENTALIDADE

Dimensão	Categoria	Subcategoria	Nº de Casos
Gestão na mudança da condição da monoparentalidade	Condicionada ao bem-estar do (s) filho (s)	<p><i>“Não está fora de questão, porém neste momento minha vida se resume: Trabalho – casa e a prioridade é minha filha. Tenho responsabilidade dupla, pois minha filha só tem a mim” (E:5)</i></p> <p><i>“Mudaria a condição de família monoparental porque acho que na educação de crianças e na gestão do lar, o casal é o ideal” (E:7)</i></p> <p><i>“Eu mudaria sem problemas desde que a relação com meu filho não fosse prejudicada. Teria mais filhos sim e casaria novamente sem problemas, mas tudo de uma forma a não prejudicar os meus sentimentos e do meu filho” (E:9)</i></p> <p><i>“Sinceramente não sei qual seria minha reação, pois como disse, sempre me preocupei com minha filha e sempre tive receio de ter um outro relacionamento e acabasse trazendo para dentro de minha casa alguém que viesse a prejudicar minha filha, inclusive já terminei com namorado, quando começou a dar problemas por ele querer “mandar” no modo que eu criava a minha filha” (E:10)</i></p> <p><i>“Mudaria desde que pudesse proporcionar aos meus filhos uma família equilibrada. Levando em conta também a minha felicidade e bem-estar” (E:16)</i></p>	5



	Devolver ao (s) filho (s) a representação masculina da paternidade	“Mudaria... “Em Janeiro de 2011 voltei a casar-me porque achei que aquela pessoa seria o parceiro ideal para me ajudar a educar a Carolina e fazer o papel de “figura masculina” (E:2)	1
	A partilhar de tarefas	“Gostava sim de me juntar mas apenas se fosse do completo interesse do outro e se fosse alguém com quem pudesse contar para partilhar tarefas” (E:7)	1
	Condicionalizada a realização pessoal	<p>“Futuramente sim, por ser mulher e os filhos terão a vida deles” (E:3)</p> <p>“Se acontecesse sim, mas algo bem programado, casar e ter mais filhos. Mudaria sem constrangimentos, porém, não interessa agora, pois o que realmente interessa neste momento é o meu bem-estar e o bem-estar do meu filho” (E:4)</p> <p>“Gostava sim de me juntar mas apenas se fosse do completo interesse do outro e se fosse alguém com quem pudesse contar para partilhar tarefas” (E:7)</p> <p>“Mudaria a condição de monoparentalidade sem problemas. Teria outros filhos e casaria novamente” (E:11)</p> <p>“Mudaria desde que pudesse proporcionar aos meus filhos uma família equilibrada. Levando em conta também a minha felicidade e bem-estar” (E:16)</p> <p>“Claro que sim. Ninguém fica sozinho com um filho a cargo por gosto ou de ânimo leve. É sempre o resultado de alguma situação difícil de mágoa ou perda. Um filho é um projecto que se quer sempre sonhado a dois. Eu, como tantas outras mulheres, sempre sonhei encontrar o companheiro ideal, marido maravilhoso, pai perfeito e formar uma família grande e</p>	6

		<i>feliz. Ainda não aconteceu, mas espero e desejo encontrar a pessoa certa com quem possa reconstruir a minha família. Desejo, quero e sei que isso vai acontecer”(E:17)</i>	
	Indisponibilidade	<p><i>“Eu não alteraria a forma como vivo, pois estou habituada. Sinto-me segura. É mais fácil estar sozinha do que acompanhada. O meu amor de mãe vem primeiro e por isso não penso em mudar a questão da monoparentalidade da minha família”(E:1)</i></p> <p><i>“Não mudava nada. Tenho pena pela minha filha, porque o pai é ausente. Não mudava porque todo este processo também foi aprendido...” (E:6)</i></p> <p><i>“Não me sentiria bem, pois estou acostumada com a situação que vivo, apenas eu e meu filho” (E:8)</i></p> <p><i>“Sinceramente não sei qual seria minha reacção, pois como disse, sempre me preocupei com minha filha e sempre tive receio de ter um outro relacionamento e acabasse trazendo para dentro de minha casa alguém que viesse a prejudicar minha filha, inclusive já terminei com namorado, quando começou a dar problemas por ele querer “mandar” no modo que eu criava a minha filha” (E:10)</i></p> <p><i>“Penso que não é fácil aprender a partilhar a vida depois destes anos todos a tomar conta do barco sozinha. Ia ser difícil deixar outra pessoa ajudar a educar a minha filha” (E:12)</i></p> <p><i>“Não mudaria, estou bem sozinha e não faz sentido algum ter outra pessoa ou mesmo, ter mais filhos” (E:13)</i></p> <p><i>“Claro que a condição de pai e mãe na mesma casa é o ideal, mas com o pai do meu filho eu não conseguiria. Não tenciono ter outro relacionamento (casar), apenas quero ter um filho” (E:14)</i></p>	8

		<i>“Não, o que mudaria seria a relação do pai com a minha filha, como ser mais presente”</i> <b>(E:15)</b>	
--	--	---	--

## QUADRO 3- GÊNERO E PAPÉIS PARENTAIS NOS CUIDADOS À CRIANÇA

Dimensão	Categoria	Subcategoria	Nº de Casos
Papéis Parentais nos cuidados à criança	Atribuídos à mãe	<p><i>“Há diferença sim entre homens e mulheres de cuidar de seus filhos”. “Se o meu filho estivesse com meu ex-marido o meu filho não estava bem cuidado e amparado” (E:1)</i></p> <p><i>“Sim, há. “Eu falo por mim: No meu caso, o pai da minha filha é muito desorganizado, não tem horários para nada (não há rotinas) e não daria nenhuma estabilidade a minha filha” (E:5)</i></p> <p><i>“Costumo dizer que as mães são mais cuidadosas por serem mais detalhistas, meticolosas, os homens não são detalhistas como nós”. E quando criança, é necessário um apoio e acompanhamento muito sistematizado, e acredito que as mães são mais propensas e disponíveis a essa tarefa” (E:8)</i></p> <p><i>“Sim, pois normalmente as mães são mais companheiras, envolvidas, atenciosas, carinhosas e comprometidas. Os homens não são tão comprometidos nos cuidados dos filhos quanto as mães, eles não tem coragem de vistoriar por exemplo o caderno dos filhos todos os dias, e nós, mães sempre estamos envolvidas em qualquer situação” (E:9)</i></p> <p><i>“Sim, há diferença. As mães cuidam melhor dos filhos, mas há também casos de pais que são exemplares” (E:11)</i></p> <p><i>“Cada caso é um caso, no meu tenho a certeza que está melhor comigo porque tenho um emprego de horário fixo e sou uma pessoa de regras ao contrário do pai. Não quero com isto dizer que o pai seja mau pai, nada disso, só não sabe o que é melhor para o filho e nunca lhe diz não a nada” (E:13)</i></p>	8

		<p><i>“Normalmente, a mãe é mais atenciosa e sabe lidar e sair mais rápido dos enrosocos do dia-a-dia, o pai já faz o essencial para a sobrevivência, mas claro que há casos em que pais lidam muito melhor com os filhos do que as próprias mães” (E:15)</i></p> <p><i>“Sempre há diferença, mas dependendo do pai, pode tratar a criança tão bem quanto a mãe. Mas a mãe tem um laço desde a barriga. Ao menos eu não abriria mão da minha filha por nada nesse mundo!” (E:18)</i></p>	
	A ambos (pai e mãe)	<p><i>“Acho que hoje em dia não será tanto por ser pelo pai ou pela mãe. Hoje em dia muitos pais são muito bons cuidadores, tal como há mães que são melhores cuidadoras. Acho que isso depende muito da pessoa e do carácter de cada pessoa e não propriamente de ser o pai ou a mãe” (E:2)</i></p> <p><i>“Já pensei que as mães cuidassem melhor, mas hoje mudei de opinião. Conheço muitos homens que cuidam muito bem dos filhos” (E:3)</i></p> <p><i>“Não existe diferença, o que importa é o amor que se dá e a qualidade dos valores que se passam, seja o progenitor pai ou mãe” (E:6)</i></p> <p><i>“Não. Se cada um fizer o seu papel de proteger, cuidar, satisfazer as necessidades básicas, educar e amar não vejo diferença nenhuma” (E:14)</i></p> <p><i>“Acredito que há diferenças com bebés muito pequenos, aos quais a mãe tem uma ligação física muito intensa. A partir de uma certa idade, não vejo diferença se o pai oferecer a mesma disponibilidade emocional e de tempo. A diferença que sobressai é que a mãe parece mais disposta a abdicar de outras actividades (trabalho/tempo livre/tarefas domésticas) e dar prioridade ao bem-estar dos filhos, enquanto o pai parece confortável com uma certa distância, mantendo o seu dia-</i></p>	6

		<p><i>a-dia organizado sem ser em função dos filhos” (E:16)</i></p> <p><i>“No meu caso, felizmente, acho que escolhi um excelente pai para a minha filha. Apesar de não termos dado certo, o facto de ele adorar ser pai e já ter outros filhos ajuda muito na experiência que tem e demonstra. Contudo, há os toques de mãe que só nós damos, a atenção ao detalhe, o creme no rosto, o totó bem feito, os sapatos limpos. No meu caso são rigores de higiene e apresentação. Quanto ao afecto, vejo que a minha filha recebe em proporções equilibradas o nosso amor. Vem para mim com a mesma felicidade com que vai para o pai e isso demonstra que está bem com ambos. Não rejeita nenhum em detrimento do outro e se lhe perguntam de quem gosta mais, automaticamente responde: do papá e da mamã” (E:17)</i></p>	
--	--	--	--